

Numa floresta idílica à beira de um lago na Suécia, um grupo de alemães na casa dos trinta anos, monitores de uma colônia de férias, procura escapar da civilização, esquecer o passado amargo e ignorar o futuro incerto. "A Natureza não faz perguntas", diz o anúncio enigmático respondido pela desiludida Anja, contratada para trabalhar no acampamento de verão, onde conhece e fica fascinada pela etérea e misteriosa Siri, a qual coloca a sua identidade sexual em jogo, enredando-a

numa teia confusa e sedutora que faz as duas mulheres entrarem em conflito com o resto do acampamento. As tensões latentes nesse microcosmo da sociedade moderna acabam eclodindo, e o paraíso estival degenera aos poucos num inferno de tortura psicossocial, violência, loucura e assassinato. História de amor, ficção criminal ou romance social? Além de tudo isso, esta obra estilosa e impressionista, de narrativa esculpida com a delicadeza precisa de um camafeu, introduz uma nova linguagem para o amor.

"Antje Rávic Strubel escreve com o ardor frio de um velho mestre e pinta com a mão firme de um elegante assassino"

BRUCE WAGNER

Data: 10/03/10
Loja: 21 53490
Código: JK43
Prazo para troca 7 dias



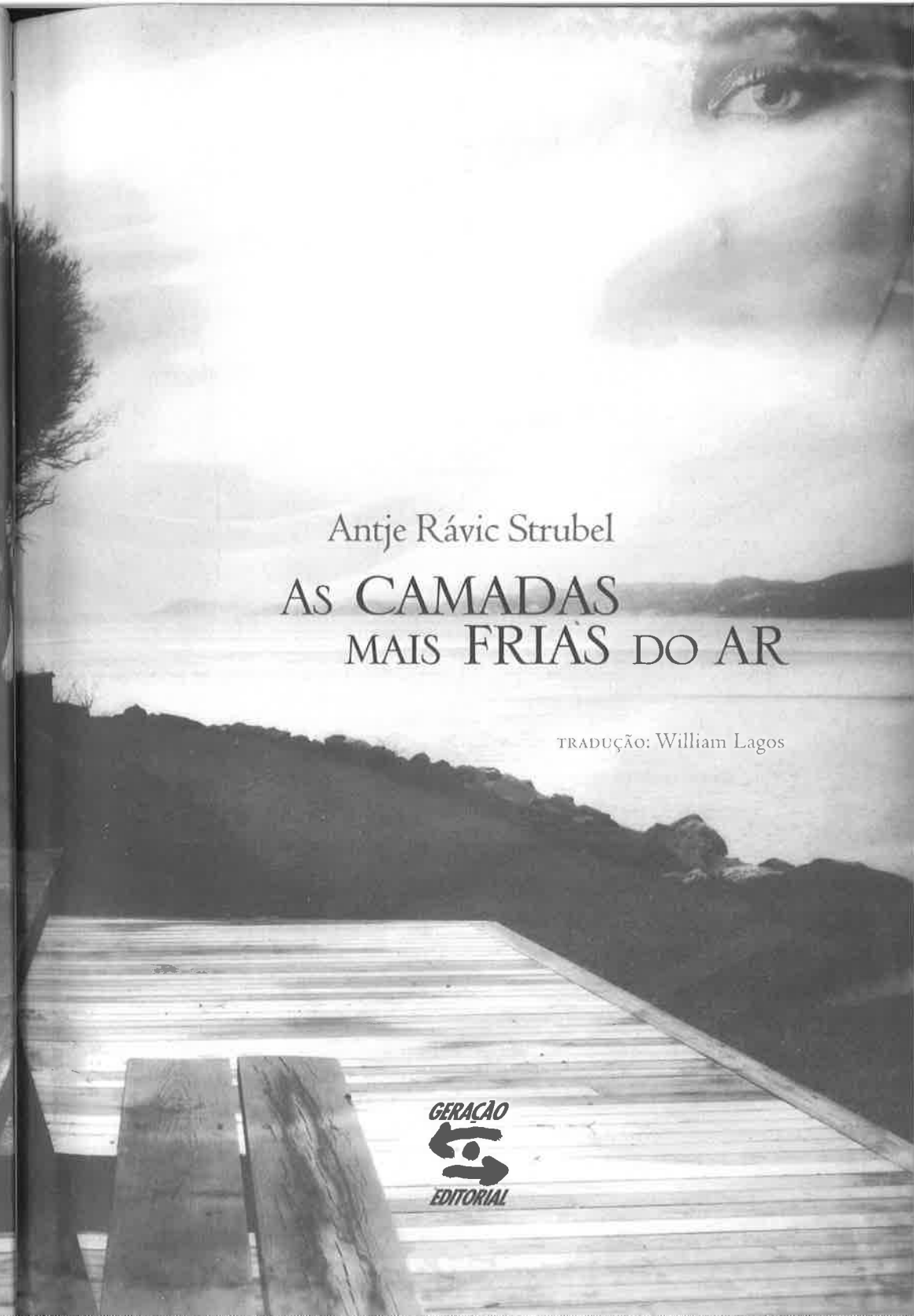
Antje Rávic Strubel

AS CAMADAS
MAIS FRIAS DO AR

GERAÇÃO
69
EDITORIAL

Antje Rávic Strubel
AS CAMADAS
MAIS FRIAS DO AR

GERAÇÃO
69
EDITORIAL



Antje Rávic Strubel
AS CAMADAS
MAIS FRIAS DO AR

TRADUÇÃO: William Lagos

GERAÇÃO

EDITORIAL

AS CAMADAS MAIS FRIAS DO AR

Copyright © 2007 by S. Fyscher Verlag GmbH, Frankfurt
1ª edição – agosto de 2009

Editor e Publisher
Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial
Fernanda Emediato

Capa
Alan Maia

Projeto Gráfico
Genildo Santana/ Lumiar Design

Preparação de texto
Marcia Benjemim de Oliveira

Revisão
Solange Pinheiro

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Strubel, Antje Rávic
As camadas mais frias do ar : romance / Antje
Rávic Strubel ; tradução William Lagos. --
São Paulo : Geração Editorial, 2009.

Título original: Kältere Schichten der Luft
ISBN 978-85-61501-30-3

1. Romance alemão I. Título.

09-06148

CDD-833

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura alemã 833

GERAÇÃO EDITORIAL

ADMINISTRAÇÃO E VENDAS
Rua Pedra Bonita, 870
CEP: 30430-390 – Belo Horizonte – MG
Telefax: (31) 3379-0620
Email: leitura@editorialeitura.com.br

EDITORIAL
Rua Major Quedinho, 111 – 7º andar
CEP: 01050-030 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3256-4444 – Fax: (11) 3257-6373
Email: producao.editorial@terra.com.br
www.geracaoeditorial.com.br

2009
Impresso no Brasil
Printed in Brazil

*Eu sempre encarei os trinta anos como o limite
para se usufruir de um prazer real ou de qualquer
ferocidade em nossas paixões.*

Lord Byron

*A sociedade civilizada é doída. O indivíduo só afir-
ma sua insanidade divergente de dois modos: por
meio do dinheiro ou através do amor.*

D. H. Lawrence

Todos eles conheciam os efeitos da luz.

Eles a reconheciam em cada sombra e em cada matiz. Eles a haviam contemplado no momento em que ela aparecia no céu, deixando a escuridão esfarrapada e quebradiça ou, então, lhe conferindo um aspecto negro-azulado. Eles sabiam como a luz se apresentava sob as nuvens algodoadas como espuma, como se desmoronava obliquamente para cortar as encostas da falésia de *Fjäll*, como se derramava desde o alto até desnudar os rochedos junto à praia do mar e como invadia as partes mais densas da floresta até ferir a vegetação rasteira. Eles sabiam como ela podia ser caprichosa e enganadora. Às vezes, irradiava por entre as águas do mar, iluminando-as de tal forma que se percebia um tom de turquesa brotando desde o fundo, mas no momento seguinte já se retirava, deixando as águas tão escuras e secretas como o asfalto. Sempre que chovia, tinham visto como a luz deixava foscas as agulhas dos pinheiros ou os ramos das amoreiras silvestres, tinham observado como ela refletia nas madrugadas contra os paralelepípedos que calçavam as ruas e a forma como rebrilhava ao meio-dia sobre os gramados aparados dos jardins suecos. Eles sabiam como se tornava cálida e amarelada nos dias quentes, conheciam o brilho esverdeado que ela mostrava durante as tardes, e eram capazes de dizer que aspecto apresentava ao se derramar sobre os telhados dos celeiros dos camponeses prósperos durante os dias mais nublados.

Eles sabiam como seus próprios rostos se transformavam por efeito da luz, quando ela penetrava em suas epidermes. Quem saía das tendas do acampamento de manhã cedo para ir até o lavatório tinha de atravessar o gramado que fora recortado da floresta. Era ali que os semblantes ficavam mais estáveis.

Eles mudavam do cinza leitoso, a cor adquirida durante a noite, para um acastanhado ao mesmo tempo áspero e brunido. Eles sabiam disso. Viam a maneira como aquilo ocorria todas as manhãs.

E mais tarde, quando havia poucas nuvens no céu, este acastanhado assumia uma agudeza que destacava todas as feições, uma clareza tal que seus rostos somente adquiriam aqui, neste promontório que se projetava sobre o mar. A transformação era brutal quando o sol brilhava.

Mas nenhum deles falava a respeito da luz.

Havia muitas outras coisas a respeito das quais podiam conversar. Eles precisavam se queixar de que as lonas que formavam as paredes das tendas tinham sido rasgadas ou arrancadas pela tempestade e ainda estavam atiradas sobre o capim como peles abandonadas, precisando de conserto. Tinham de se preocupar com o abastecimento, com as provisões que chegavam de Berlim todos os sábados e telefonavam com frequência para reclamar. Eles encomendavam batatas e café, carvão para as churrasqueiras, salsichas, arroz e não podiam se esquecer das frutas, porque, nesse verão, as frutas estavam muito caras na Suécia. Eles enviavam os grupos de jovens recém-chegados para navegarem nos lagos, segundo uma escala previamente determinada, inicialmente no pequeno e calmo *Stora Le*, praticamente uma lagoa, e depois no *Foxen*, um grande lago açoitado pelos ventos; eles distribuíam cópias de livros de culinária aos responsáveis pelas equipes, a fim de que eles soubessem quantas latas de feijão deveriam empregar cada noite para acompanhar a omelete com pimenta. Na tenda que servia de cozinha, eles armazenavam aos poucos as provisões suficientes para uma semana.

Explicavam como se cozinhava sobre fogo de chão e emprestavam barcos para pequenos passeios. Eram canoas estreitas, para duas pessoas, feitas de alumínio pintado de cinza claro. O aparelho de som *Ghetto-Blaster* ficava ligado o dia inteiro.

Eles viviam sem raízes. Era como se o tempo estivesse suspenso. Estavam em um território desconhecido, em uma outra terra, em uma região estranha na qual eles eram somente o que faziam durante cada dia desse verão; eram escoteiros explorando os ribeiros e lagos em canoas, construíam tendas como as dos índios, colhiam frutinhas silvestres, assavam salmões e nadavam no mar. Sentiam como se suas vidas presentes tivessem sido desligadas de suas vidas anteriores, com exceção de algumas mágoas antigas e reflexões abstratas. Isso tudo era "*merda que ficou para trás*", como diziam alguns junto à fogueira do acampamento.

Havia poucas variações. Cada rumor era exagerado. E quando a novidade dos boatos se extinguia, eles davam um jeito de imaginar outros, ou então enriqueciam as conversas antigas com novos fatos e era impossível descobrir de onde brotavam inicialmente estes falatórios. Estavam acostumados com isso. Ninguém se incomodou quando Svenja, a chefe do acampamento, começou a levantar calúnias com relação a Ralf. Quando ele apareceu com uma licença de caça, ela disse que tinha certeza de que ele também, ao longo da vida, frequentemente *apontara o cano de sua arma para seres humanos*. A partir de então, as pessoas passaram a indagar por trás das costas dela, *como é que Ralf conseguia se dar bem com alguém como Svenja*.

Eles viviam desenraizados e procuravam aproveitar ao máximo as vantagens dessa maneira de viver.

Certa manhã, uma garota corria sozinha pela praia.

A garota movia-se por entre os barcos. Seu vestido, insuflado pelo vento, era claro, mas chamava a atenção, porque ninguém

mais usava vestidos por aqui. No acampamento as pessoas usavam sandálias de plástico emborrachado *Gore-Tex*, e calças grossas e resistentes, cinzentas ou creme, com fechos presos com zíperes ou ilhoses na parte superior das coxas. Quando o tempo aquecia, elas simplesmente encurtavam as pernas das calças, enrolando-as ou mesmo cortando-as um pouco acima dos joelhos.

A garota corria ao longo do cais improvisado, seus passos irregulares, como se estivesse meio embriagada. Ela corria sem se dar ao trabalho de remover o vestido. Moveu-se em direção à beirada e mergulhou na água.

Havia algumas pessoas paradas na praia junto das canoas que ficaram sobressaltadas pelo baque súbito de seu corpo contra o lago. Todos voltaram os rostos em sua direção. O lago estava calmo, salvo pela ondulação subitamente provocada. Então a jovem emergiu junto a uma bóia, com os cabelos molhados presos à cabeça e ao rosto. Ela nadou de volta, lentamente, para a praia. Os espectadores perderam o interesse e retornaram sua atenção para os horários que estavam preparando em suas planilhas, anotando os números dos barcos que sairiam durante aquele dia e quais seriam os seus ocupantes. Alguns meses antes, no princípio do veraneio, os responsáveis haviam anunciado que era proibido nadar perto do ancoradouro dos barcos. Mas dessa vez agiram como se o incidente fosse totalmente destituído de importância.

A garota subiu lentamente pela parte mais rasa junto à margem até chegar em terra. Os filetes de água que corriam de seus cabelos e lhe desciam pelas faces pareciam não incomodá-la.

Ao chegar perto dos pinheiros, ela parou.

— Schmoll – disse em tom de voz normal e aproximou-se de mim. — Você é um rapaz esperto. Estava me cuidando o tempo todo, não estava?

Ela olhou ao redor de si, firmou o olhar em direção à direita, na área destinada à natação, meio coberta por arbustos de framboesas

e espinheiros prateados e, então, contemplei-lhe o rosto de perto e percebi que, há muito tempo, já tinha deixado de ser uma garota.

— Tenho certeza de que sabe me dizer onde eles guardam as toalhas de banho.

Eu estivera parada totalmente por acaso nas proximidades do ponto em que ela retornara à praia. Eu não estivera junto das canoas, mas parada em um ponto um pouco acima da praia, a alguns metros de distância da doca, e comecei a me mover como se tivesse permanecido imóvel naquele lugar durante horas.

— Eu não me chamo Schmoll – declarei – e nem tampouco sou um rapaz.

Ela virou a cabeça meio de lado, como se quisesse me examinar melhor. Suas sobrancelhas estavam muito escuras por causa da umidade da água que ainda lhe escorria testa abaixo, formando um contraste contra seu rosto muito claro.

— Eles não fornecem toalhas junto com o equipamento – informei.

O lago parecia calmo esta manhã e a uma certa distância eu podia divisar diversos tipos de aves aquáticas, além de garças cinzentas e cisnes. Aparentemente os encarregados já estavam terminando sua tarefa com os barcos e pretendiam voltar ao acampamento. Eu me virei para ir embora também, mas ela se interpôs em meu caminho.

— Eu só quero ver uma coisa de perto – disse ela, aproximando-se mais de mim. Sua pele era muito branca. Uma brancura que me fazia recordar da madeira polida, macia e reluzente, como aqueles pedaços de madeira trazidos pelas ondas que algumas vezes se encontram semicobertos pela areia em praias pouco frequentadas. Os dedos de um de seus pés se enterraram na areia por um momento. Percebi que ela tinha tentado tocar meus próprios pés descalços, errara o alvo e agora perdia o equilíbrio.

Ela teria caído, se eu não estendesse os braços e a segurasse.

Ela passou os próprios braços ao redor de meu pescoço. Senti o cheiro de seus cabelos úmidos.

Era ainda de manhã cedo, as areias estavam frescas e as sombras se alongavam. Ao redor do meio-dia o calor seria bem maior; era por isso que os barcos eram colocados de borco e as tabelas preparadas de manhã cedo; ninguém queria permanecer na praia sem árvores ao calor do meio-dia, especialmente porque as barrigas brilhantes de alumínio das canoas emborcadas refletiam os raios do sol e deixavam o ambiente duplamente quente.

Ficamos paradas as duas ali, como se fôssemos um cartaz colado ao ar livre, igual ao da estação do metrô na praça do zoológico de Berlim. Ou um daqueles postais com fotografias reluzentes. Garotinhas pequenas e delicadas, aninhadas contra os ombros fortes de rapazes cheios de autoconfiança. Os rapazes olhavam carinhosamente para suas namoradas e contemplavam sobranceiros a avenida *Kurfürstendamm*. Nós nos encaixávamos perfeitamente nesta imagem.

— Está tudo bem com você? — perguntei.

Ela apertou o corpo contra o meu. Para os outros que estavam ainda junto aos barcos e nos olhavam curiosos, a impressão que dava era a de que eu queria tirar o vestido dela ou, pelo menos, erguer-lhe o tecido lentamente até o alto de suas coxas. Os homens deveriam estar imaginando como ela ficaria nua, fantasiando seus quadris e suas nádegas, revelados pelo tecido úmido; mais ainda, como eu a abraçaria na areia, as duas deitadas na praia, perto da área destinada à natação ou, quem sabe, escondidas no meio das moitas de framboesas.

Seu corpo pulsava: a pele reluzia por baixo da umidade.

— Veja só — sussurrou-me ao ouvido — finalmente encontrei você. Eu sabia que o encontraria de novo.

No instante seguinte, sem o menor aviso, ela me soltou. Foi buscar a própria toalha, que havia deixado ao pé dos pinheiros, e correu pela areia em direção ao caminho que levava ao acampamento.

Ela corria depressa e não olhou para trás nem uma só vez. Suas pernas se projetavam para trás por baixo do vestido, longas e finas, era como se estivesse usando um vestidinho de criança, um vestido que só serviria realmente em meninas pequenas. Mas não dava para ter certeza. Eu fiquei olhando enquanto ela ia embora e, já que nenhum dos que estavam junto aos barcos lhe desse mais qualquer atenção, eu gritei atrás dela:

— Ei! Você não quer trocar de roupa e vir depois tomar o café da manhã conosco? Fizemos pãezinhos frescos para o café!

Ela não mostrou qualquer reação enquanto chegava ao começo do caminho da praia. Apesar do vestido molhado, que não parecia incomodá-la, ela dobrou para a esquerda, no ponto em que havia uma curva.

Dei-lhe as costas e voltei pela praia até onde se achavam os outros. Eles resolveram puxar duas das canoas mais para fora d'água e as viraram sobre a areia, com os fundos para cima. Pouco a pouco foi aquecendo.

Mais tarde, no lavatório, eu me contemplei no espelho. Estava usando calças jeans e uma blusa clara, a vestimenta adequada ao ar livre; e habitualmente adotada no acampamento para ambos os sexos. Eu era forte e esbelta, estava bronzeada como todos os outros, meus cabelos louros mostravam aquele aspecto de palha queimada pelo sol e desbotada pelas águas, resultado de nadar no mar sem uma touca protetora. Eu passara quatro semanas vivendo ao ar livre. A cicatriz acima de uma das sobrancelhas era a única coisa que me distinguia dos demais.

Saí de novo para o sol e os encontrei ocupados com plainas, alisando madeira. Eles tinham resolvido construir um novo tipi, uma tenda no estilo dos índios norte-americanos, e estavam preparando os galhos retos, cortados de árvores, lixando e polindo a madeira com cuidado, e obtendo boas varas como resultado. A casca era retirada em tiras longas e macias e eles sabiam como aplicar a pressão

adequada para remover as camadas externas sem danificar o cerne por baixo. Eles já haviam feito isso várias vezes. Havia diversas dessas tendas cônicas, com dois metros de altura e recobertas de lona erguidas sobre o gramado junto à orla da floresta.

Eu fiz um esforço para ajudar durante algum tempo. Comecei a trabalhar pelas pontas das varas. Disfarçadamente, fiquei observando os homens e, segundo me pareceu, eles não eram em nada parecidos comigo.

Por volta do meio-dia chegaram as provisões e suprimentos; eram transportados por um veículo utilitário, que deu uma volta pelo acampamento, buzinando diante das tendas. O motorista parecia exausto e estacionou na área determinada para as entregas, que ficava entre o caminho do acampamento e o gramado. Ele chegara de Berlim essa noite, atravessara o estreito de balsa e agora a única coisa que seus olhos injetados de sono procuravam era uma cama para dormir algumas horas.

Ei, Marco, onde estão as listas? Você trouxe o carvão para a churrasqueira? Não me diga que aqueles idiotas de Berlim se esqueceram de mandar outra vez? Os churrascos fazem parte do programa dos garotos, será que o pessoal do depósito não consegue entender isso?

Eles não entendem, porque não dão a mínima. Depois, são só garotos, não são? Eles não vão iniciar uma revolta no acampamento se não receberem exatamente o tipo de comida por que os pais deles pagaram.

Vocês todos são um bando de cus sujos...

Teu rabo é que tá sujo. Vá olhar dentro da pick-up, atrás do assento do passageiro...

Marco se inclinou para passar por baixo do varal de roupa e desapareceu no interior da casa. Casa era modo de dizer: na verdade, não passava de um barraco montado com chapas finas de madeira compensada em que havia um espaço para três janelas, e através das quais não se escutava o menor ruído.

Parem de criar confusão, gente! gritou Marco através da janela mais baixa. *Estamos todos juntos nesse barco e temos de nos virar.*

Ninguém concordou com ele. Se tivessem concordado, se lhes dessem razão, estariam admitindo que estavam isolados aqui e isto seria a mesma coisa que uma capitulação, uma aceitação de que o estado de coisas atual seria permanente e não apenas temporário.

Eles se reuniram ao redor do utilitário estacionado ao ar livre, diante do barraco e começaram a descarregar as caixas. Carregando ou arrastando, levavam até a tenda da cozinha, onde Svenja já se atarefava preparando os recipientes de plástico azul em que eram armazenados os mantimentos. Os grandes queijos redondos foram cortados ao meio e as metades enfiadas em uma das barricas de plástico grosso e resistente, com os espaços preenchidos por salames, latas de feijão e pães. Quando os grupos de jovens saíssem em suas excursões de canoas, levariam alguns destes recipientes consigo, dentro dos quais as provisões estariam protegidas contra a água e a umidade.

Cada sexta-feira, ao meio-dia, era costume se reunirem todos na grande tenda da cozinha. Talvez fosse a vontade de provar as frutas frescas que os atraía. Quando o fim da semana se aproximava, as refeições iam-se tornando monótonas. Ou, quem sabe, fosse o odor que saía dos recipientes: eles tinham o perfume de hortaliças, manteiga e toucinho, misturado com um certo cheiro de plástico. O cheiro, de certo modo, os fazia lembrar de como era ao ar livre, em suas excursões pelos lagos, que eram os lugares que mais apreciavam durante as férias. Mas o acampamento tinha poucos funcionários, na verdade, eram muito poucos para darem conta dos assaltos semanais dos grandes carregamentos de provisões. Era comum terem de trabalhar até altas horas da noite, descarregando e empilhando, enquanto as luzes ficavam acesas na cozinha durante a noite inteira.

No momento em que me levantei e saí pelo gramado, em que pretendia lavar o suor e a poeira de meu rosto com a mangueira de

jardim, vi de novo a mulher do outro lado do caminho que dava acesso ao acampamento. Ela estava sentada no solo, com as costas apoiadas contra o tronco de um pinheiro. As pernas estavam dobradas, com os joelhos virados para um lado, a cabeça meio inclinada para um lado, permitindo que o rosto permanecesse na sombra. Ela tinha efetivamente ido trocar de roupa. Usava agora um vestido azul. Ela permanecia imóvel, encostada na árvore. Deixara os braços caírem soltos dos dois lados. A mão direita estava aberta e voltada, mais ou menos, em minha direção, como se quisesse me dar alguma coisa de presente ou, quem sabe, me oferecesse o capim, a terra por baixo dele e as raízes do pinheiro que dele brotavam. Seus olhos pareciam estar fechados. Seja como for, ela não dava a impressão de estar me enxergando, pois não mostrara a menor reação, embora eu a estivesse observando durante um longo tempo.

Eu recordei a energia que havia demonstrado ao apertar seu corpo contra o meu na praia. Lembrei de seu corpo reluzente. Da brancura de sua pele, que parecia contradizer tão estranhamente aquela espécie cálida de fulgor. Pensei na resposta idiota que lhe dera, e como ela realmente parecera recuar, como se fosse eu quem pretendesse prolongar o abraço e segurá-la com força contra mim. Ela pareceu estranhamente amedrontada a partir do momento em que me percebeu, abriu muito os olhos, que me pareceram inquietos e trágicos, e me percorreram irrequietos de cima a baixo. Talvez esta impressão somente tivesse sido causada por um capricho da luz. Eu havia percebido pequenos pontos verdes que pintalgavam suas íris castanho-claras.

Ralf viera correndo atrás de mim. Ele me tirou da mão a mangueira que eu parara de usar, e banhou seu rosto com o jato fresco.

— Complicadas as coisas por aqui hoje, não é?

A água desceu-lhe pelo pescoço, molhando a frente da camisa.

— Escute, hoje eu vou ajudá-la a distribuir os salva-vidas. Assim você consegue uma pausa para descansar.

— Está tudo preparado, eu posso me virar. Palavra.

— Cada um fica com a metade – disse Ralf. — Ou nós somos uma equipe ou não somos – afirmou, passando um braço sobre meus ombros e me apertando contra o lado de seu corpo. Então, ergueu os olhos em direção à floresta e a avistou. — Ei, quem é aquela?

— Quem?

— Aquela que está lá nos espiando. Ou, pelo menos, estava. Acho que vou chegar até lá e lhe dizer que este local é *privado*. Ela não tem nada que se intrometer e ficar nos espionando.

— O que é que está havendo? – gritou Wilfried. — Os outros já estão exaustos, o que não é para admirar quando a gente passa a semana comendo essa merda de pão do exército...

— Olhe os modos, seu boca-suja! – Svenja estava parada na entrada da tenda da cozinha, usando botas de borracha de meio cano. O que corre mais por aí é essa porcaria de rum ordinário. Quando eu estive com meu grupo lá fora no Quarenta...

— Quarenta? Mas que Quarenta...? Não podemos mais chamar os lavatórios pelo nome verdadeiro? Até parece que tem de fazer um enorme esforço – disse Sabine, que era meio índia, ou pelo menos era assim que os outros se referiam a ela, desde que corra a notícia de que ela passara dois meses morando com uma feiticeira nativa de uma tribo ameríndia que habitava perto de Detroit. Ela usava calças de cânhamo, cuja coloração era difícil de distinguir contra os musgos e líquens.

— O Quarenta fica lá em Trollön, Sabine, você é a única que ainda não percebeu, fica realmente lá em cima, naquele rochedo enorme que chamamos de Monsterfelsen¹, e que os garotos se esforçam tanto para escalar até o pico. Faz pouco tempo apareceu um cara do lado oposto da praia, saindo diretamente do mato. Ficou parado ali, só de calção de banho e de colete salva-vidas, com um

1. Rochedo Monstro ou Rochedo Monstruoso. (NT).

jeito meio envergonhado, sem nem ao menos se abanar. Achei que estaria precisando de auxílio. Então, deixei os garotos do meu grupo esperando e atravessei até onde ele estava. Sabem o que o cara fez? Me perguntou que dia da semana era! Provavelmente estava perdido há dias e tinha ficado meio abobalhado, “com água na cabeça”, como dizem por aí.

Svenja fez uma pausa para calcular o efeito e continuou:

— Provavelmente, nem lembrava mais o nome dele, Sabine.

— Então, você pôs um número nele – disse Sabine com desprezo, jogando um salame pelo ar em direção à tenda e acertando bem no alvo: o salame estalou contra a beirada de um dos recipientes e pulou para dentro dele. Logo a seguir, quando olhei para a orla da floresta, vi que a tal mulher tinha desaparecido.

Naquela tarde a luz permaneceu muito branca durante bastante tempo, depois pendurou-se nos pinheiros, até que, no ponto mais alto da copa das árvores, assumiu um avermelhado áspero que continuou noite adentro, embora embaixo, no meio das tendas, tudo já tivesse ficado escuro.

Por algum motivo, em lugar nenhum do acampamento ficava tão escuro como no meio do gramado. Em nenhum outro lugar ficava tão frio à noite. Carreguei duas esteiras até a fogueira armada em frente ao tipi, a tenda indiana, cujas chamas crepitavam entre algumas pedras. Durante as noites ficava escuro demais para ir dormir sem uma lanterna. Abri o meu saco de dormir em cima das esteiras. Não conseguia dormir direito nessa noite. Escutava os ruídos dos animais no bosque, talvez até mesmo fossem alces. Os mais antigos já haviam dito que aqui, no meio do gramado, muitas vezes era possível enxergar alces saindo do mato para pastar durante a noite. Pelo menos, haviam aparecido nos anos anteriores. Eles tinham até mesmo incluído essa informação em um de seus anúncios, que Uwe, o principal responsável pelo empreendimento, mandava publicar em alguns jornais, todos os anos, durante o mês de maio.

Fora com os chapéus velhos! Saiam da própria pele!

Você anseia por coisas novas?

Então vá para uma região selvagem! A Natureza não faz perguntas.

Estamos contratando pessoal para uma Colônia de Férias em Värmland, um dos mais belos e mais procurados distritos lacustres da Suécia.

Antes de responder ao anúncio, eu havia hesitado bastante. Alguma coisa nesse texto não me agradava. Alguma coisa nele parecia estar subentendida, soava mais como um convite velado, uma espécie de propaganda política, um anúncio de si mesmo. Uma alusão a coisas que ficariam escondidas, sem que ninguém as mencionasse, a fatos que seriam deixados no esquecimento. Olhei de novo com maior cuidado aquela frase, “a Natureza não faz perguntas”, imaginando o que eles queriam dizer com aquilo. Mas como eu não conseguia entender exatamente o que fosse, acabei por me deixar levar unicamente pelo entusiasmo de conhecer as florestas da Suécia.

Eu me deixei levar por um impulso visceral. Respondi ao anúncio, para ver se entendia melhor o que era aquilo e se a escolha se tornava mais fácil.

No lugar determinado, vi ombros fortes revelados por regatas, calças sendo retiradas, corpos vestidos sumariamente, muitas vezes escutei propostas. Não havia mulheres com quem pudesse me juntar. Desde que fiz dezesseis anos, elas foram passando por mim uma após a outra. Cada uma era a conseqüência lógica daquelas que a haviam precedido e, sua substituta, alguém semelhante a ela.

Eu havia crescido com dois irmãos mais moços. Eu os havia empurrado por toda parte em seus carrinhos de bebês, e os levava ao ventoso lavatório que ficava atrás de nossa casa. Eu lhes dera banho, tínhamos comido embaixo das árvores, erguido barracas improvisadas embaixo do balcão e, mais tarde, havia assistido às

suas brincadeiras embaixo dos cobertores, nós dormíamos os três no mesmo quarto, em uma cama de casal de madeira de colchão estreito. Eu podia me conceder todas as liberdades, eles tinham liberdade para tudo junto comigo. Eu confiava tanto neles como em mim mesma, eram tão previsíveis que eu sabia tudo o que pretendiam fazer. Foi justamente a sua proximidade constante que levou meus sentidos a preferirem as mulheres, não poderia ser diferente.

Eram as mulheres que hesitavam, que não queriam ter nada a ver comigo. No começo, elas me diziam que eu era jovem demais. Diziam que não poderiam confiar em mim, e, por baixo de sua inclinação superficial, elas não se apegavam a nada determinado ou, então, que, por uma questão de princípio, não esperavam nada do amor. Logo aprendi a ser teimosa e insistente, mas sem nunca me humilhar. Não pedir nada, mas provocar reações, esse era o procedimento correto que adotei para minha maneira de ser. E sempre mantinha uma certa distância emocional, era por meio dessa distância que tudo se tornava excitante e perigoso. À medida que o tempo ia passando, elas se mostravam mais dispostas, assumiam uma certa atitude que eu conhecia bem, uma impetuosidade que eu convenientemente empregava em meu favor e, depressa, descartava. Eu permanecia sozinha. Escutava com prazer quando alguém me dizia que hoje em dia, para gente da minha idade, essa era a atitude mais comum e mais normal.

Os outros já estavam em seu terceiro ou quarto ano no acampamento. Alguns haviam se formado em universidades, mas sem conseguir nenhum emprego, outros foram despedidos, e todos estavam felizes com aquela estadia na Suécia, que os ajudava a se manter durante o verão, mesmo que o pagamento fosse ridiculamente pequeno. A maior parte deles chegava em maio, para consertarem as barracas e as canoas, ou para construírem novos abrigos. A cada ano, alguma coisa melhorava um pouco. No começo, eles apenas

se lavavam no lago, mais tarde foram construídos banheiros com duchas, sendo a água bombeada do lago por meio de mangueiras longas e grossas. Neste ano, eles tinham construído, para uso exclusivo da equipe, uma nova série de chuveiros equipados com água quente. Era um antigo carro de um parque de diversões, do qual haviam tirado as rodas e colocado sobre blocos de madeira, e que fora equipado com um cano que servia como eixo central, ligado a caixas plásticas de água, que alimentavam as duchas, incluindo até mesmo um armário espelhado. Diante da janelinha estreita pendia uma cortina mostrando um padrão de flores azul-celeste.

Pouco antes do meio-dia, Svenja entrou enquanto eu estava me banhando sob uma ducha. Eu a reconheci logo pelo seu andar rápido e firme, meio abafado pelas solas de borracha das botas curtas. Com a ponta das unhas, ela bateu contra o cortinado de plástico que separava a ducha do corredor central.

— Como estão as coisas lá fora? Há remos suficientes para todos os garotos?

Ela puxou o plástico para o lado e o vapor quente do chuveiro a envolveu.

— Mas que clima você fez aqui dentro!

— A metade você pode jogar fora. Dão a impressão de que alguém bateu com eles contra as pedras de propósito.

— Jogar fora, você está louca? Uwe ia ter um ataque. Do jeito que ele pensa, vai achar que estamos roubando o material dele, *que o acampamento dele não é propriedade pública*, que não pode estar faltando metade dos remos!

— Os cabos estão rachados e cheios de farpas, qualquer um pode notar.

— Então vá você examinar de novo um por um! Leve um rolo de fita adesiva e enrole os cabos onde estiverem rachados.

A armação do carro dos banheiros oscilou, uma estranha recordação do movimento do metrô. Eu preendi a mangueira plástica do chuveirinho de volta no gancho da parede.

— Desde que eu não tenha de *me enrolar* em fita adesiva...

— Minha nossa... — Svenja estava pálida, andava trabalhando demais. Ela me contemplou de cima a baixo e sorriu meio de lado, fazendo com que eu tivesse a impressão de que a cabine das duchas fosse inteiramente devassada. Ninguém tinha vontade de permanecer muito tempo aqui dentro. — É minha obrigação ver como se comportam os meus funcionários.

— Eu me recordo de um camarada de fala macia, que usava jeans manchados e que em um escritório de Berlim aparentemente ditava os direitos e deveres dos membros do grupo, segundo o qual eu tinha as condições necessárias para me adaptar facilmente às necessidades de uma vida em sociedade — declarei. — Foi ele que me ensinou as alegrias de um comportamento harmônico com a natureza e, se é que eu entendi bem o que ele pretendia dizer, referia-se principalmente a viver em harmonia com as regiões naturais e não a andar com minha bunda à mostra. Mas não tem importância, pode ser que eu não tenha entendido nada mesmo.

Ela franziu a boca, engoliu em seco e depois me largou essa:

— Não perca a calma, garota. Vamos precisar de você para descascar as batatas, o suficiente para cem pessoas! Logo vão chegar os ônibus, assim o melhor é que você vá para a cozinha e comece a se esforçar mais um pouco também.

Ela bateu com a palma da mão na parede da cabine.

— Você já viu a bola nova? Marco nos trouxe direto de Berlim uma linda bola de futebol bem redondinha... Foi para você que ele trouxe, ou era para outra coisa? Quem sabe, para darem uns chutes por aí... — continuou, sorrindo inocentemente. — Você foi meio áspera com ele. Isso não é genético?

— Não perca a calma — respondi — porque ninguém vai mesmo dar uns chutes por aí junto com você!

A cabine dos chuveiros ficava fechada para os garotos, mesmo aqueles que só chegavam nos fins de semana. O princípio deste

acampamento de férias era *Passagem por uma região selvagem, sem nenhum conforto*. Este era um lema que todos os anos proporcionava a Uwe um incremento em seus investimentos financeiros.

Chegara a hora dos ônibus, enquanto eu ainda estava na cabine dos chuveiros. As coisas pareciam mais calmas lá fora, os outros estavam no caminho torto e cheio de altos e baixos, que eles haviam aberto na beirada da floresta até o estacionamento, e fora localizado por trás das tendas durante a duração da temporada no acampamento. Ralf fazia um pequeno discurso de saudação. Depois da refeição do meio-dia, os jovens seriam distribuídos em pequenos grupos para excursões de aventuras e conduzidos até o lago, e somente a equipe permaneceria no acampamento.

Eu me enxuguei. Escutava o vento, o ruído causado pelos pássaros e o zumbido das vibrações do calor contra a parede de metal. O meio-dia de sábado, quando chegavam os ônibus, era o único momento em que o aparelho de som era desligado.

A maior parte do tempo rodavam em três bicicletas de dois assentos. Eles oscilavam uns contra os outros através do capim alto, o caminho era frágil, os galhos das framboesas açoitavam os aros das bicicletas. Cruzavam o campo, avançavam no mesmo ritmo, com as sinaleiras piscando. Nesta paisagem ordenada, nesta região naturalmente preparada para campistas, remadores, excursionistas de bicicletas e andarilhos, eles agiam de forma brutal, como bestas primitivas de outras eras, corriam grosseiramente pelo caminho que passava diante da floresta e fediam.

No momento em que saí da cabine dos chuveiros, o acampamento estava vazio. Sobre o gramado pairava uma luz baça e esverdeada.

A bola estava perto da churrasqueira, colocada na sombra sob os ramos de um pé de giesta. Fui até ali, tinham bombeado ar até que ficasse estufada, não era nada barata, os pedaços quadrados de couro tinham sido costurados com pontos firmes de um cordão forte. Chutei-a bem alto e, de repente, senti que minha vida, até este

momento cansativa e atarefada, ficava um pouco mais tranquila, quem sabe até um pouco interessante.

Eu saíra de Halberstadt, saíra de Kneipen-Horizont, aquele bairro opressivo dos bares e cervejarias, dos prédios claros e abertos imitando o estilo gótico e dos quarteirões de apartamentos populares pintados de cores berrantes; saíra dos apartamentos duplex e da burocracia exigente em que sempre aparecia alguém para perguntar quem eu era e o que eu fazia; saíra de tudo aquilo e de quem eu costumava ser, me livrara de toda aquela confusão opressora. E quem era eu, afinal de contas? Tinha saído de casa, praticamente fugida, tinha iniciado um curso por correspondência que nunca completei, trabalhara como operadora de iluminação de um teatro decadente, iluminando o palco onde os outros se apresentavam. Tinha escrito alguns artigos para um jornal local, tinha aberto a boca em protestos públicos que não haviam resultado em nada, particularmente porque os “cabeças-raspadas”, como os meus irmãos chamavam os neo-nazistas, não haviam desaparecido das ruas.

Meus irmãos, mesmo sendo mais jovens, tinham crescido mais do que eu, e me superado em todos os sentidos. Os dois tinham conseguido empregos como vendedores em lojas, e o mais velho arranhou, além disso, um bico para entregar jornais à noite. Eu não sentia inveja da vida que levavam, mas percebia que minha fuga parecia, a seus olhos, uma desistência e um fracasso.

Mas eu gostava daqui. Gostava da concentração. Gostava daquela sensação de tranquilidade que pairava sobre o gramado, em que não sentia a menor pressão, mesmo que eu tivesse de trabalhar pesado e me exigissem bastante.

Eu estava gostando deste verão na Suécia. Esta brisa saturada do perfume da madeira das árvores e da terra. Gostava daquele céu estendido sobre minha cabeça de uma forma tão lisa que me dava a impressão de estar apoiado sobre a copa das árvores, como se fosse uma linha serrilhada. Gostava daquelas sombras bem definidas,

abruptas e violentas, nas quais se mergulhava subitamente quando se começava a andar por um dos caminhos cercados de abetos. Visto de longe, o asfalto da estrada assumia uma coloração veludosa e avermelhada. Eu amava o silêncio e a tranquilidade que pareciam brotar das aldeias. As pessoas pareciam imperturbáveis, como se andassem esquecidas de todas as preocupações, e até de si mesmas, como se flutuassem através do dia, ainda que também dessem a impressão de se alimentarem de comidas caras e tivessem consciência dessa opulência. Pelo final de agosto, o verão terminava por aqui. Mas até a metade do mês, as tardes permaneciam claras por um tempo mais longo do que em Halberstadt. Era como se fosse escurecendo discretamente a partir dos cantos. Contudo, ninguém se iludia, todos sabiam que em breve ocorreria uma rápida mudança, já à espreita nas próximas semanas, quando as tardes mergulhariam na noite muito mais rapidamente.

Muitas vezes, quando tudo estava assim tão tranquilo, eu tinha a impressão de que a luz brotava do silêncio, por assim dizer, como se um fogo consumidor tivesse chamuscado e crestado tudo. A luz do sol cegava as pessoas e as deixava inconscientes. Os rostos ficavam avermelhados como pelo calor provocado pelo excesso de consumo de cerveja. O calor enlanguescia os corpos e as pessoas adormeciam ao redor das praças em que brincavam as crianças. Os grupos de pessoas pareciam desmaiadas nas mesinhas dos quiosques ou nos gramados dos parques.

Ninguém brigava com ninguém. Não havia qualquer demonstração de violência. As pessoas davam a impressão de se dobrarem sem fazer ruído. Elas cambaleavam lentamente a caminho de casa, tropeçavam, perdiam a direção, batiam contra os carros e caminhões estacionados, caíam das bicicletas. Estranhos incidentes ocorriam com frequência no verão: algumas pessoas batiam em cercas eletrificadas e ficavam penduradas nos fios; outras se distraíam aparando o gramado e feriam a própria perna com as lâminas do cortador

de grama; a correia de uma motosserra escapava e feria o rosto de alguém; volta e meia alguém se embriagava, caía diretamente em um lago e se afogava.

Mas aqui eu conseguia esquecer de Halberstadt, de seus prédios lisos e sem adornos, das fachadas de janelas de vidros novos, da agência de empregos. A disposição de ânimo em que agora me encontrava tinha algo a ver com estoicidade. Com uma tranquilidade interior que, vista de fora, parecia mais com aborrecimento. Mas não sentia qualquer tédio. Eu nem sequer sonhava mais com a angústia anterior de nunca fazer nada de importante na vida. Eu sonhava em voar e gostaria muito que meus irmãos pudessem me ver agora.

Aqui eu esquecia da Cervejaria “Vienna”, da maçaneta de plástico branco de sua porta, das lâmpadas de estilo moderno e dos quadros a óleo pintados há muito tempo, pendurados em suas paredes. Com os quadros a óleo, também empalidecia a lembrança da exigente Pony, com seus decotes em V e suas blusas de tecido cor-de-rosa; dessa mulher que realmente só me buscava quando era deixada por um dos homens que estava permanentemente trocando. Então, ela me deixava sentada sozinha em sua cozinha e dormia na pecinha ao lado, embotada pelo vinho, deitada em um estreito catre de campanha. Mais tarde, eu me refugiei em *One-Night-Stands*.² Viajei para Berlim. Mas todas as vezes as mulheres, que durante as danças pareciam tão excitantes, logo a caminho de casa começavam a fazer esquemas, a planejar programas e eu perdia todo o interesse. Eu as achava belas enquanto dançavam, enquanto havia uma reação, uma oposição entre elas e eu mesma. O tempo foi passando e, de repente, eu estava com trinta anos, e tinha gastado todo esse tempo trabalhando em bares.

Aqui as sombras eram mais longas. Aqui eu também esquecia o pânico que começava a sentir de forma permanente, porque já fazia

tempo que eu não mais ouvia ninguém dizer que minha atitude era normal para minha idade.

Desta vez, os ônibus trouxeram duzentos e cinquenta novos garotos; cinquenta a mais do que no carregamento anterior. O escritório de Berlim, *aquele bando de cus sujos*, tinha vendido a mesma excursão duas vezes, como ficaríamos sabendo no acampamento durante a tarde. A comida ia ficar escassa, não havia tendas suficientes para todos, e o escritório de Berlim nos comunicaria que estavam cheios de reclamações, eles nem sequer respondiam mais às nossas mensagens eletrônicas, *aquele bando de cus sujos*, como Ralf, que sabia expressar as coisas de forma tão concreta, reclamava com veemência cada vez maior:

— Eles nos enrabam o tempo todo, nossos colegas do escritório da capital! Quando as porcarias não servirem mais, os garotos vão remar com as mãos ou o que mais eles querem que a gente faça?

Ele mergulhava sob os coletes salva-vidas que estavam pendurados em um cabo montado de um dos lados da barraca dos maiores. Em suas calças puídas e a camiseta cor-de-laranja que era o uniforme da equipe, ele parecia muito jovem e desajeitado.

— Mas não pense que vai ficar assim, nós seguimos as regras. Pronto, a bateria inteira está se apresentando!

A camiseta cor-de-laranja do uniforme era de uso obrigatório aos sábados. Ralf era o único que gostava de usá-la, todos os demais a enrolavam em volta dos quadris. Achavam aquela peça de uniforme incômoda, mas Ralf tinha um apreço especial por ela. Para ele, tinha algo a ver com a pressuposição de que, quando a ostentava, tornava-se possível diferenciá-lo dos outros. Ele gostava de receber os garotos que chegavam de ônibus juntamente com os companheiros como um grupo resplandecente em suas camisetas cor-de-laranja.

Sem essa porcaria de camiseta, Svenja tinha dito um dia, *ele seria um verdadeiro Adônis*.

2. Encontros sexuais de uma única noite. No original em inglês. (NT).

Ele remexia no armário aberto em que se guardavam as mochilas à prova d'água e os garrafões de boca larga, que fora construído na parte de trás do barracão, enfiando-se pelo meio da prateleira como faria uma serpente.

— Esses remos só prestam para o ferro-velho – falei. — Eu já classifiquei todos e separei os que têm perigo de se partirem.

— Nós sempre podemos consertar com umas ataduras até aguentarem um pouco mais e aí a coisa entra nos eixos. E os remos de plástico? Onde você guardou esses? Não tenho nada contra a elegância, mas não vamos nos deixar escravizar tampouco!

Ele armou um feixe com os remos e colocou-o sobre os ombros com um movimento fácil de um atleta e começou a se dirigir para fora.

— Não estamos com excesso de excursionistas? Quem vai sair com eles?

— Não, você não vai, se é isso que quer saber – disse Ralf, derrubando no chão alguns dos salva-vidas com a ponta do feixe dos remos. — Você vai permanecer aqui, deixaram isso bem claro. E eu tampouco gostaria de ver você tentar controlar uma turma de dez adolescentes lá no meio do lago. Seja como for, foi o que Svenja falou.

Sempre que ele procurava ser cordial comigo, os músculos na parte de trás de suas mandíbulas se movimentavam violentamente. Nisso ele apenas repetia um cacoete que eu já vira no rosto dos outros.

Ele saiu correndo com os remos em direção à praia.

Todos nós tínhamos sido largados aqui por razões semelhantes. Marco era da Europa Oriental e tinha sido demitido de seu emprego na construção civil; Sabine não era mais necessária para trabalhar no campo: a ração dos animais era agora preparada por uma máquina. Somente de Svenja e de Wilfried, em sua condição de administradores do acampamento, se poderia dizer que a diminuição de sua posição social não era uma demonstração de decadência.

Svenja tinha faltado à reunião em que deveria apresentar seu projeto para obter uma bolsa de estudos para trabalhos universitários, em nível de doutorado, à comissão avaliadora do Decreto Federal de Promoção da Instrução Superior³ e Wilfried trabalhara em uma firma de computadores de Colônia, que precisara fazer uma redução de pessoal e dispensara os empregados que tinham menos tempo de serviço. Não obstante, todos fingiam tomar parte em um empreendimento importante. E cada novo funcionário que era contratado para o acampamento logo se integrava ao sentimento do grupo e passava a colaborar para a conservação desta pretensão.

As pessoas agiam como se alguma coisa fora do comum transcorresse aqui, como se exercessem uma função importante, como se todas compartilhassem da preparação de alguma coisa que começaria amanhã, ainda que ninguém soubesse quando esse amanhã chegaria. Durante as noites, ao redor da fogueira do acampamento, quando as regras de conduta eram afrouxadas um pouco, o tema que mais gostavam de abordar era a felicidade. Deste modo, eles se convenciam de que eram felizes.

Por exemplo, falavam da boa sorte que tinham por não viverem na China. Ou por não estarem em alguma zona de guerra. Ou em um país assolado pela fome. Tinham a felicidade de não serem crianças nascidas no Terceiro Mundo, ou tinham a sorte de não nascerem deficientes e, sobretudo, por não serem mais crianças. Sentiam-se satisfeitos com a equipe, estavam contentes com o clima, tinham saúde, em suma, todos eles eram pessoas bafejadas pela boa sorte.

Eles falavam principalmente a respeito da felicidade quando tinham passado o dia inteiro sofrendo uma série de aborrecimentos. Soltavam piadas e morriam de rir, mesmo quando não tinha a menor graça e, durante alguns segundos, enquanto o entusiasmo daquele divertimento dançava a seu redor, acreditavam serem felizes.

3. No original, BAFöG (Bundesausbildungsförderungsgesetz). (NT).

E eu também acreditava nisso.

Somente Ralf não participava dessa farsa. Ele nunca contava anedotas. Nem se deitava de costas sobre a relva, nem ficava contemplando o céu estrelado, nem girava um cigarro entre os dedos: ele raramente ria e não falava a respeito nem de alegria, nem de felicidade. Ele apertava as pernas uma contra a outra, cruzando os tornozelos por baixo do banco colocado em frente à tenda da cozinha e olhava meditativamente para um cartão postal. Ninguém sabia para quem ele escrevia. Falavam que ele colecionava Monchichis, pequenos bichinhos de pelúcia com pérolas de plástico na cabeça, que ele carinhosamente colocava em uma prateleira acima de sua cama, mas eu achava que isso era apenas um boato.

Eu achava que fosse um boato, porque ele era simpático comigo, não de uma maneira simples, não como essas pessoas com quem se toma café e se fica conversando sobre a situação do leste da Alemanha, ou sobre o último filme que se assistiu. Ele era um cara fechado. Era grosseiro, cheio de farpas, não dava muita coisa a conhecer a respeito de si próprio. *Em seguida vamos balançar as coisas.* Esse era o jeito dele, introvertido, voltado para si mesmo. Mas eu gostava dele como colega. Do mesmo modo que meus irmãos cedo arranjaram seus próprios camaradas. Eles passaram a fazer quase tudo com eles, na medida em que iam ficando mais velhos. Com Ralf a maior parte das coisas seguia uma gradação previsível. Ele não era cordial. Mas despertava em mim uma sensação de segurança sempre que eu me achava a seu lado.

Nós temos porcos aqui, mas Svenja, a chefe do acampamento, se dá bem com eles, tinha dito Sabine, certa noite, como se estivesse surpresa, *se é que você sabe o que eu quero dizer.*

Não, eu não sabia e até mesmo me parecera que Sabine estava simplesmente fingindo um espanto exagerado.

No final da tarde, a maior parte dos garotos já estava retornando com as canoas. À distância, ainda se divisavam alguns de seus

barcos, parecendo besouros brilhantes diante do horizonte, que a essa hora do dia se destacava estranhamente, tal como se estivesse inclinando sobre eles.

A luz ainda cintilava sobre os telhados de zinco dos barracões. Isto os outros também conheciam, haviam assistido a mesma coisa nos anos anteriores. Eles tinham observado a luz em todos os seus estados de dissolução. Reconheciam o calor nesta luz e os tons azulados que muitas vezes pairavam sobre o lago, como se estivessem pendentes do céu e haviam aprendido a diferenciá-lo do azul carregado que anunciava a chegada das tormentas.

Ao cair da noite, Ralf esperava por Marco e por mim. Depois que todas as tarefas tinham sido completadas, os três íamos nadar juntos. Muitas vezes Marco e Ralf colocavam trajos de mergulho, por meio dos quais destacavam que Marco era o melhor em salto acrobático. Na maior parte das vezes, não havia tempo suficiente para colocar os trajos de mergulho e nós corríamos pelo trecho até o lago, nos jogávamos de cabeça na água, nadávamos um pouco e, dentro de um quarto de hora, retornávamos ao acampamento.

Durante um dos dias que se seguiram, aquela mulher apareceu de novo, depois de ter saído completamente de meus pensamentos por todo aquele período; na verdade, eu praticamente já me esquecera dela.

O vento estava soprando. Ela estava parada ao lado do depósito de madeira e perguntou a um dos garotos onde estava Schmall. Ela fez a pergunta em um tom de voz desnecessariamente alto e eu deixei de lado os remos que ainda estavam por classificar. Corri depressa até o galpão do depósito e lhe fiz sinal para fazer silêncio, a fim de impedir que o acampamento inteiro a escutasse.

- É a minha estação favorita — disse ela, quando se aproximou.
- Primavera.
- Estamos em julho.
- De noite e de manhã ainda é primavera, porque aqui estamos

mais para o norte – ela balançou a cabeça em assentimento, como se estivesse meditando. — E como é bonito por aqui – prosseguiu. — O lago, a brisa que sopra por aqui, o sol... Era de se imaginar que houvesse muitos mosquitos por aqui também. Porém, veja só, olhe meus braços e minhas pernas, nem uma só picada.

— Isso já é um clichê. Dizem que os políticos suecos mandaram os mosquitos embora para o resto do mundo, porque eles não querem que sua terra sofra muita influência estrangeira. Portanto, você pode se dar por satisfeita por ter vindo para cá ao invés de viajar para a Finlândia.

— Finlândia... – murmurou ela. — Mas o que é que eu iria fazer na Finlândia?

— Ora, andar de barco, remar, arranjar um emprego, o mesmo que você faz por aqui. Só que lá existem trinta enxames de mosquitos por cabeça, dizem que dá para contar.

— A Finlândia fica bem mais para o norte, a primavera não fica muito tempo por lá – declarou ela firmemente.

— Vamos tomar alguma coisa? Ainda é bastante cedo, mas eu já trabalhei bastante por hoje e podemos beber algo.

— De fato, não estou com sede.

— Isso não quer dizer nada – respondi. — Eu a estou convidando mais para ficarmos juntas e termos tempo para nos conhecermos melhor, gosto de saber com quem estou me metendo antes de conviver.

— E a senhora acredita que eu possa querer conviver com a senhora?

— Claro que não, quando “senhora” sai duas vezes da sua garganta em uma única sentença...

Ela riu, um riso claro e alegre.

— Você quer se juntar aos outros?

— Os outros? Mas que outros?

— Ora, com meus colegas, Sabine, a mestiça de índia, Wilfried, Ralf...

— Creio que não – disse ela. — Isso é importante?

Enquanto isso, tínhamos caminhado até o gramado central, a luz estava pálida, ia chover em breve.

— Você não chegou no microônibus?

Ela estava usando sandálias de couro de salto alto, amarradas ao peito do pé, para ficarem presas com mais segurança.

— É nele que chega a maioria dos retardatários...

— Isso não tem a menor importância!

— Pois então, não é... Mas uma vez que nossos quadris já estiveram em contato no outro dia, podemos, no mínimo, nos tratar por “tu”. Ou isso tampouco é importante?

— Pode ser... – concordou, rindo. — Você pode fazer como quiser, eu gosto de você. Gosto de sua voz, você já sabe disso, gosto de sua testa e de seu rosto e gosto do jeito como você fica parada na minha frente. Por exemplo, você não anda o tempo todo com as mãos enfiadas nos bolsos, e me olha diretamente nos olhos e me faz perguntas diretas e é tão cheia de energia, outra coisa de que gostei muito foi da maneira como ficou me observando aquele dia na praia. Mas eu não vou tratar você por “tu”.

De fato, eu estava com uma das mãos enfiada no bolso da calça e a fui retirando tão discretamente quanto possível. Ela seguiu conversando, falava depressa e sem interrupções, dizia ter percebido como havia poucas flores por aqui, nenhuma prímula silvestre, nenhuma azaléia, a única coisa que dava para ver era aquele gramado cortado rente, ela sentia falta delas, o campo parecia degradado sem flores, porque nós não deixávamos o capim simplesmente crescer de forma natural? Ela passou os dedos sobre o rosto para afastar os cabelos e a seguir tocou-me o braço. Os ossos se destacavam em seu pulso.

E então, ela disse qualquer coisa como “Mas você é mesmo Schmoll”, ou então, “Você é um troll”, um dos gigantes das fábulas, ou ainda, “Você tem miolo mole”, mas aquilo apareceu de cambalhada com aquela tempestade impetuosa de palavras, misturada

ao estalo da lona nos toldos, que ainda não estavam bem ajustados e que o vento fazia bater contra os postes da armação das tendas, portanto, não consegui entender direito o que ela falara. Os rapazes corriam pelo gramado, acenderam a luz na tenda da cozinha, de repente, todos os funcionários do acampamento tinham alguma tarefa urgente a cumprir.

Nós nos sentamos uma ao lado da outra em um dos bancos, junto à mesa da tenda da equipe, enquanto lá fora a tormenta alagava o gramado.

— Mas e tu? — perguntei. — Também pretendes tentar a sorte por aqui?

Eu tinha resolvido tratá-la por “tu” e ela não pareceu se incomodar muito. Respondeu-me com toda a seriedade.

— O que você quer escutar a meu respeito?

— A verdade.

Atrás da tenda, Ralf pôs em funcionamento o fogão a lenha. Em seguida comecei a sentir cheiro de cinzas e do óleo do acendedor lançado sobre a madeira.

— E depois? — ela quis saber. — O que virá depois?

— Nada mais, só a verdade.

— Não. Depois, nós duas vamos comer juntas. E mais adiante, depois que você souber tudo a meu respeito, você naturalmente saberá quais as coisas de que eu mais gosto e vai começar a querer cuidar de mim. Já, desde agora, está se preocupando em me endireitar, em consertar o que acha que há de errado em mim e quando eu, depois disso, demonstrar que sou alguma coisa diferente do que sou agora, uma dentre as muitas coisas que você ficará sabendo a meu respeito, sem ter correspondido com nada, então você mesma irá se ofender, porque você vai pensar que eu menti e sentir-se afrontada e eu não vou gostar nada disso. Portanto, eu não vou lhe contar nada a meu respeito, porque logo você ficará sabendo através

de sua própria experiência e autodisciplina, tudo quanto se refere a mim e de que jeito eu sou.

Ela se recostou contra o banco e ficou me contemplando com ar de triunfo.

Eu falei:

— Isso é interessante... — mas não disse mais nada, porque a conversa foi interrompida por uma trovoadas violenta da tempestade. — Bem, se você não tem vontade de me contar a verdade a seu respeito, então talvez devamos conversar sobre a Suécia. Vamos falar sobre o tempo. Falar sobre a Suécia é quase tão bom quanto falar sobre os ingleses.

— Sim! — ela exclamou. — Muito melhor do que conversar sobre libélulas! Ou sobre enchentes, prímulas, mil-folhas, pedra britada, ou qualquer coisa começando com “xis”... Já que estamos nisso, podemos falar sobre até que ponto uma tempestade pode ser excitante, ou com que velocidade se pode remar no lago com vento pela frente o tempo todo.

— São esses os assuntos que a garotada fala o tempo todo, desde que chegam ao acampamento — afirmei.

— Naturalmente. Mas vocês procedem justamente da mesma maneira...

Ela erguera os pés para o assento do banco, o queixo apoiado em um dos joelhos: vi que era magra e parecia não ter problemas. Deveria estar pela metade dos trinta anos, mas sua idade era difícil de avaliar. Seus cabelos estavam penteados para trás e presos com uma fita de veludo.

— Você está aborrecida? — perguntou, agarrando meu braço. — Por favor, eu não gosto que você se aborreça.

Ralf já havia aquecido o fogão a lenha. De passagem, ele deixara uma toalha a meu lado e me dera um tapinha na mão. Ele me vira primeiro e só depois a enxergara: a seguir nos trouxe duas taças de chá com rum e ela sorriu. Foi uma espécie de sorriso conspiratório.

Eu não percebi direito a quem era dirigido, se a ele, se a mim, ou se a alguma outra pessoa que estivesse em segundo plano, era uma tenda grande e a luz estava fraca.

Lá fora alguém chamou através da tempestade, indagando onde estava Marco, de fato, a frase inteira fora qualquer coisa como “*Onde foi que ele se meteu nesta merda maldita?*”, e só então percebi que já havia esquecido por quanto tempo nós duas estivéramos sentadas aqui.

— Caso você tenha perguntado sem eu me dar de conta – brinquei – eu me chamo Anja...

Ela me contemplou por cima dos joelhos.

— Não – afirmou. — Não acredito em você...

Eu ri.

Ela olhou para dentro da caneca, colocou-a sobre a mesa, olhou por um momento para os outros que vinham entrando, desdobrou as pernas, pôs os pés no chão e se ergueu.

— Minha taça já está vazia... Tenho de ir embora!

Ainda chovia bastante. Estava fresco dentro da tenda. Eu não insisti para que ficasse mais um pouco.

A tempestade já amainara. O vento ainda soprava forte e a luz estava pálida por trás dos pinheiros. A ventania rasgara os toldos de duas tendas. Galhos estavam atirados aqui e ali. Eu fiquei com vontade de saber de onde ela viera, o que fazia por estas bandas, gostaria de saber muito mais a seu respeito.

Svenja chegou à entrada da tenda da cozinha e vi quando deram a água que se juntara em uma travessa sobre o pedregulho do caminho.

Havia diversas possibilidades: ela poderia morar em algum reboque na área de campismo que ficava perto ou podia estar hospedada em uma pensão na aldeia. Ela não tinha nada a ver com nosso acampamento, disso eu tinha certeza. Muitos andarilhos alemães

percorriam a Suécia nessa época do ano, gente que fazia seu próprio pão e plantava batatas em lugares isolados. Existia também um velho abrigo de pescadores, uma choupana meio arruinada que ficava na ponta do promontório, com dois catres e uma mesinha, eu já estivera por lá antes; havia até mesmo uma lâmpada a óleo para o caso de tempestades e talvez ela tivesse se instalado por lá. Mas as camas do abrigo eram cobertas apenas por sacos cheios de palha, e eu não podia imaginar que ela fosse o tipo de pessoa capaz de dormir num lugar desses, embora, na verdade, eu não pudesse supor nada a respeito dela com segurança. Ela usava vestidos, indumentária para a qual não havia qualquer motivo nessa região sem teatros e restaurantes; de fato, vestidos de cetim com enfeites de renda, o tipo de roupa que facilmente se rasgaria na floresta. Cada picada aberta no mato a partir do acampamento terminava, depois de uns cinqüenta metros, em um emaranhado de arbustos e espinheiros, numa brenha de mato rasteiro, galhos apodrecidos no meio do musgo, que só era transponível com botas grossas ou calçados de alpinista. Me deu vontade de soltar uma risada. Pensando bem, foi mais um riso nervoso. Talvez eu tivesse rido porque ela me fascinara. Uma fascinação em que eu percebia minha inferioridade.

Eu aceitara este emprego e viajara até aqui, porque queria ficar sozinha. Na verdade, também queria ganhar algum dinheiro sem ter despesas com alojamento e alimentação. Entretanto, acima de tudo, eu desejava passar uma temporada agindo de maneira diferente do que tinha feito durante toda a minha vida. Não queria mais nada parecido com a cervejaria “Vienna”, não tinha a menor vontade de passar metade das noites em uma cozinha fria, não queria saber de garrafas de cerveja vazias diante de meu quarto, não queria mais dormir nos fundos de um supermercado, nem ver aquela gente que vivia de esmolas colocar abertamente uma garrafa de vodka russa ao lado de seus bonés virados, nem de escritórios espaçosos, nem de agências de empregos que me diziam *Você já ouviu da primeira*

vez, o total agora é nenhum, não há mais nenhum trabalho de faxina disponível e você ainda aparece aqui com exigências e reclamações? Não queria saber de ninguém a me fazer perguntas, a quem eu tivesse de justificar quem eu era.

O princípio da manhã era só meu.

Enquanto todos ainda dormiam. Apenas Ralf se espreguiçava ao sair da tenda e se colocava em forma com alongamentos, apoiado em um banco velho. Na ponta das tendas índias se pendurava a primeira luz do dia, ainda confusa e sem gradações. No começo da manhã eu sempre ficava sozinha. Era a única hora do dia em que nunca havia ninguém por perto.

Logo chegariam todos, parecendo saber todas as respostas. Sobre cada um de nós corriam boatos. Os mais recentes seriam divulgados à noite, ao redor da fogueira do acampamento, e todos já conhecíamos coisas demais a respeito uns dos outros, quanto mais divulgássemos tais assuntos, tanto menor o perigo de nos tornarmos o alvo do diz-que-diz. Todos sabiam, por exemplo, que Marco havia contraído grandes dívidas e que viera para o acampamento para dar a si mesmo um período de descanso, mas que guardava todo o seu pagamento costurado dentro de uma meia; também diziam que Svenja gostava de comer os arenques com os dedos, tirando os peixinhos diretamente das latas quando ninguém estava olhando; as pessoas tinham certeza de que Sabine tinha sonhos eróticos, e que Wilfried ficava excitado com o cheiro dos cervos; uma afirmação que, pelo menos para mim, era a mais absurda de todas as que corriam por lá.

Eu também sabia das conversas que corriam a meu respeito. Diziam que eu era tão honesta e imparcial que chegava a ser repugnante. Comentaram uma noite, junto à fogueira, que eu era honesta ao ponto de dar os melhores remos aos meninos mais gordos, e que era até mesmo capaz de repartir o último pedaço de macarrão

que estivesse boiando na terrina de sopa; e eu possuía um sentido de justiça tão grande que realmente só podia suportar uma iluminação em miniatura, ou para que mais poderia servir aquela linda lâmpada prateada que está na sua mochila? Eu enrubesci. Era apenas um isqueiro em formato de lâmpada elétrica, que eu recebera de presente de um ator, quando o teatro em que trabalhara como técnica de iluminação fechou. Quando a gente girava a pedra, acendia-se um letreiro: *Continue a brilhar!*

De manhã eu ficava sozinha no lago. A brisa era gentil, delicada e úmida de orvalho. Quando eu deixava o caminho de acesso cercado por uma colunata de pinheiros e pisava na praia discretamente iluminada pelo sol, no limite entre as sombras e a luz, aparecia sempre uma faixa de areia molhada de onde subia uma nuvenzinha de vapor, que retrocedia diante de mim e se desmanchava.

Contudo, no lago, eu não estava totalmente livre de problemas.

Ralf tinha se acostumado a me interceptar quando eu passava pelos tipis.

Ele surgia da direção oposta, em um passo balouçante, estava fazendo aquecimento, era como explicava, antes de voltar para a barraca onde guardava os halteres com que se exercitava.

— Ei, madrugadora! Já está acordada?

Ele estava sentado um pouco além das tendas, fora o único que não fizera qualquer comentário sobre meu isqueiro em formato de lâmpada.

— Veja só, esse pessoal não tem mais nada o que fazer, ficam inventando histórias até sobre bonecas!...

Ficamos os dois parados ali, como dois conspiradores que tinham esquecido o motivo de sua conjura. Ele usando uma jaqueta forrada de lã de ovelha, eu em roupa de banho. Nós nem sabíamos o que poderíamos dizer um ao outro.

Havia uma quebra do ritmo, um desses momentos de que eu penso que, se pudesse ter escolhido, não teria querido viver, preferia

muito mais ter estado em qualquer outra parte. Passava pela minha cabeça que ele também preferia ter conservado seu sossego, mas que lhe teria agradado mais ainda se nós dois tivéssemos descido separadamente até o lago, nadado separadamente e que, durante alguns minutos, tivessem permanecido lá os dois, sem que ninguém nos observasse. Mas alguma coisa o fazia mover-se, quase como se flutuasse até onde eu estava e já que isso acontecera, éramos obrigados a conversar, ou, antes, a repetir uma conversa sempre igual todas as manhãs.

— Eu prefiro ir nadar um pouco mais tarde. Ou, mais exatamente, fazer uma excursão. Com um grupo. Uma dessas de passar a noite.

— Na terra firme ou em uma ilha?

— Eu gosto mais das ilhas. Depois de ir uma vez até Bärön, a gente não quer ir a nenhum outro lugar.

— Bärön ou Trollön – comentei.

Ele assentiu.

— Só Svenja é que não compreende isso. Ela sempre conduz os grupos dela em direção à fronteira da Noruega. Embora seja lá que existem mais formigas. Batalhões inteiros. Você já chegou alguma vez a ver as tais formigas? Formigas vermelhas e assassinas. Não faz muito tempo, elas mataram um alce. Elas entram pelas orelhas adentro, invadem as narinas, um ataque em massa, uma verdadeira invasão. Terminam matando. Elas se comportam como se fossem um animal gigantesco. E quando elas fazem o cerco... São extremamente habilidosas. Mas nem me pergunte quando eu estive lá da última vez... Quer experimentar?

— Hoje de manhã, não.

Ele me contemplou com aquele olhar cansado que ele mostrava, quando seu corpo tinha feito um grande esforço. Por exemplo, quando ele erguia os pesos acima dos ombros e ficava coberto de suor, formando um rego brilhante entre os músculos peitorais, que escorria em direção à barriga.

— Não quer mesmo? É saudável. Agridoce. Dente de leão. Você nunca experimentou? Nem uma mordida?

Com frequência, ele falava sobre Svenja. Ela tinha feito isso ou não tinha feito aquilo, tinha procedido mal ou tinha agido corretamente, tinha dito isto ou não tinha dito aquilo. Ele não se incomodava com suas calúnias. Talvez ele quisesse alguma coisa com ela. Talvez quisesse apenas seu endereço para se corresponder com ela. Certa manhã ele me contara que ela quase tinha *assassinado* sua filha. Ele corrigiu, queria dizer que Svenja o tinha ocupado tanto que ele quase tinha esquecido de sua filha. Ele não sabia explicar melhor do que isso. Na verdade, há anos que ele não via a menina. Ele estava sempre longe, andava por toda parte e era melhor não falar mais nada sobre isso. De fato, não era um assunto de que ele costumasse falar, ele contara que tinha uma filha só para mim e para ninguém mais.

Antes que passasse uma semana, eu encontrei perto do banco em que nos havíamos assentado, um pedaço de papel amarrotado.

Aos Oficiais! – estava escrito nele. *Eles devem saber que meu Paizinho, após completar seus estudos escolares foi acolhido pelo exército. Lá ele foi inicialmente considerado como um garoto que realmente não tinha nenhum direito e até mesmo em seu tempo de folga era obrigado a realizar as tarefas de limpeza mais difíceis, que ele, perante os superiores espantados, considerava como deveres legítimos de um soldado e os surpreendia cada vez mais. Eles ficavam de queixo caído, como dizia meu Paizinho, porque ele era o mais rápido de todos na escala de serviço. Sempre gostei de saber disso. Em novembro de 1990, meu Paizinho recebeu uma pancada no rosto, que o deixou pela primeira vez sem trabalho, mas para sua esposa ou sua filha ele não ia deixar faltar nada, disse meu Paizinho. Ele conseguiu quatro meses mais tarde colocação em um emprego. Três anos depois ficou um ano desempregado. Conseguiu serviço, mas foi despedido de novo daí a um ano. Meu Paizinho procurou, então, emprego durante*

dois anos e tornou-se depois guarda de uma galeria de quadros, ele ganhava três marcos por hora e eu sei que isso é suficiente. Mas esse trabalho foi apenas temporário. Então, ele foi procurar emprego de novo, mas não foi mais por causa de sua esposa. Porque depois da mudança,⁴ minha Mãezinha nos deixou, por causa da maior variedade de escolhas que havia no oeste. Mas meu Paizinho foi deixado para trás. Eu sei disso, porque eu fui a única pessoa que permaneceu em sua vida, a única que lhe trazia felicidade, eu fui aquilo que o manteve na República Democrática Alemã, disse meu Paizinho, em sua pátria socialista. Eu permaneci por esse tempo a única coisa que dava valor à vida dele. Neste ponto, o “l” estava riscado e por baixo colocado um “t” e ambos tinham sido riscados de novo e depois sublinhados, de tal modo que nada mais ficava claro, não dava para entender se a palavra devia ser interpretada como “valor”, “bondade” ou “amizade”.⁵ A carta terminava pela declaração: “Eu sou tua filha e não te troco por dois automóveis nem por duas bananas.”

Quando fui devolver a carta a Ralf, naquela noite, fora das vistas dos outros, ele tinha uma pá de corte na mão.

Ele pegou a carta sem fazer comentários e apontou o cabo da pá em minha direção. Ele me encarou firmemente:

— Não pense que você pode tirar qualquer conclusão a partir daí – falou baixinho. — Não fique imaginando coisas.

Desde essa ocasião ele passou a me procurar todas as manhãs. Ele ficava passando a palma de uma das mãos pela nuca. Através da pele de sua cabeça, seus cabelos cortados rentes deixavam ver as veias como se fossem marcas transmitidas por papel carbono.

A luz da manhã se pendurava cintilante nas gótulas de orvalho do capim, em meias sombras ainda pontiagudas. Eu não falava muito.

Talvez fosse isso.

4. Da reunificação das duas Alemanhas. (NT).

5. No original, “gültig” [válido], “gütig” [bondoso] ou “gütlig” [amigável]. (NT).

Quem sabe, ele queria me contar alguma coisa, e então me falava de outra, e me deixava com a nítida impressão de que não era aquilo que ele me queria contar.

Durante as manhãs, o lago permanecia tão imóvel como se fosse vidro. Espelhava o céu, que se mostrava claro e cheio de uma luz azulada e seu espelhamento sobre o lago novamente parecia refletir, distribuindo matizes e nuances de azul, nos quais o ar e a água praticamente não se deixavam diferenciar. Sobre a areia da praia, o azul se tornava quase negro, então ia ficando lentamente mais claro, se fazia resplandecente e adquiria tons prateados à medida que se aproximava do lago, ao mesmo tempo que este parecia dissolver-se na distância.

Do outro lado, no ancoradouro que ficava diante da aldeia de Lennartsfors, avistavam-se claramente barcos de pesca, embora só uns poucos.

Eu caminhei até a área destinada aos banhos. A água não estava particularmente quente e algo me fez pensar sobre a mulher do vestido e como ela, sem hesitação e sem emitir qualquer som, se havia jogado na água fria, mas logo depois me esqueci dela e nem percebi mais a frialdade da água, enquanto nadava com braçadas vigorosas. Mais adiante, era possível olhar em todas as direções e ver à distância de quilômetros. A água ainda mostrava um azul noturno e parecia pesada. Olhando daqui, a terra da margem oposta dava a impressão de ser apenas um cinto escuro, que em muitos lugares desaparecia.

Eu gostava muito daquelas horas da manhã, sozinha, perdida no meio do lago. O céu parecia muito alto e vazio, tudo parecia estar aberto à minha frente, estendia-se diante de mim. As negativas das mulheres da agência de empregos, as advertências, a certeza de já ter feito trinta anos, os quadris que irrevogavelmente perdiam a solidez da adolescência, o círculo de amigos que progressivamente

diminuía, a dificuldade em fazer novos amigos, o assalto regular e constante daquela angústia, a opressão do medo que surgia de pontos desconhecidos e de vagas direções indeterminadas, tudo aquilo me parecia menos real.

O lago estava tranquilo.

Eu tive a impressão de estar mais leve e poder desaparecer ao sol como se fosse um vestígio de condensação.

Quando retornei ao acampamento, já tinham feito o café. Tinham posto a mesa conforme a combinação dos assentos, uma mesa grande com dois bancos diante da tenda da cozinha, os bancos ligados um ao outro. Quando eram ligados simultaneamente em uma das pontas, dava para passar, porque a combinação dos assentos nessa ponta se projetava perpendicularmente no sentido da passagem do ar. Já fazia dois dias que Sabine arrumava dessa maneira, com os pratos e toda a comida equilibrados no capim a seu lado. Era a melhor maneira que ela conhecia de concentrar a comida junto dela. Ela sentava como se estivesse à espreita. Esperava que todos sentassem ao mesmo tempo. Ela se esforçava para sentar bem no meio do banco. Mas os outros a empurravam aos risos de volta para a beira. *Cada um em seu lugar*, como dizia Svenja, *para cada um a tarefa adequada, assim ia correr menos por aí aquela porcaria de rum ordinário*, mas exatamente o que ela queria dizer com isso era coisa que ninguém entendia. Eu me sentei na ponta mais externa, que ficava em diagonal com Sabine, para que ela pudesse fazer a refeição à vontade.

Mais tarde, nesse mesmo dia, a mulher, desta vez usando um vestido amarelo, veio de novo até o acampamento, uma hora em que Svenja estava dentro da tenda da cozinha. Eu estava muito ocupada no momento, consertando os buracos da parte interna da lona das tendas e cerzindo os rasgões da lona externa. Ela ficou parada ao lado da moita de giesta. A cor do seu vestido era de um

matiz tão idêntico ao das flores das giestas que praticamente não dava para diferenciar.

Então, ela correu para o lado da bola, que alguém lançara em sua direção. Chutou, mas com má pontaria e a bola voou sobre a relva e depois foi deslizando devagar em direção ao barranco. Um dos rapazinhos perguntou o que ela queria e se fazia parte de algum grupo de dança folclórica sueca, e ela soltou uma gargalhada. Enquanto ela corria em direção ao barranco para recuperar a bola, fingia o tempo todo que não me enxergara. Mas eu observara que todos os seus movimentos eram regulados pelos meus.

Também a ignorei. Mesmo porque, esta noite, junto à fogueira do acampamento, eu não queria ser o alvo de nenhum comentário, eu já sabia muito bem como meus conhecidos procediam, escolhendo qualquer novidade para seus dichotes.

Quando eu precisei andar em sua direção para ir buscar um saco de lona no depósito, ela correu depressa para trás de uma das tendas cônicas, os tipis indianos, não sem primeiro espiar para trás a fim de verificar se estava sendo observada. Quando eu me inclinei para entrar no depósito, ela espiou de novo para fora e foi saindo devagar. Ela acenou para os meninos que corriam atrás da bola e eles a jogaram em sua direção novamente. Enquanto eu me abaixava para levantar uma estaca que estava caída no assoalho do barracão, ela saltou bem alto e chutou a bola no ar precisamente nesse momento, acertando uma tenda que eu havia despojado da lona e deixado só no esqueleto e tanto a armação com a bola caíram juntas no chão. Eu empurrei as estacas da tenda de modo a firmar umas contra as outras, enquanto ela empurrava a bola com o lado do pé um pouco mais para o lado. Como se quisesse me mostrar que sua ação era mais produtiva do que a minha. Como se nos encontrássemos em uma quadra de jogos, em que ela me enfrentasse, como se demonstrasse que a cada movimento correspondia uma reação e que meus passos estavam indissolúvelmente ligados aos passos dela para que

o jogo pudesse ter prosseguimento. Mesmo quando nossos movimentos se demonstrassem mais casuais e sem conexão, o gramado se tornaria no campo de jogo. E com cada movimento da bola ela demonstrava a existência de uma outra posição entre nós, com a diferença de que nós não éramos as únicas jogadoras.

Eu permaneci sem aceitar qualquer regra.

Ela então avançou até chegar bem perto de mim.

— A cor é bonita – declarou. — Eu também já havia notado.

Ela se referia à jaqueta curta, de couro claro, que eu estava usando. Então, passou os dedos pelo couro da manga.

— A gente sempre tem de usar alguma coisa. Veja, eu lhe trouxe isto aqui.

Ela colocou a bola sobre a grama. Estava com a respiração curta. A seguir, olhou em volta e falou:

— Que quantidade de tendas! Quem foi que trouxe todas elas?

Eu estava trabalhando ao lado dos banheiros da equipe, do lado de trás da cabine, uma posição na qual quem estivesse na tenda da cozinha não podia ver nada.

— Foram os garotos, eles precisam delas para quando saírem nas excursões. Além disso, o caminho fica lá do outro lado. Quem sabe você correu por ele.

— O que quer dizer com isso?

— Eu acredito que aos poucos as pessoas estão começando a se interessar pelo que você vem fazer aqui.

Fiz um esforço para não espiar, para ver se realmente quem estivesse na tenda da cozinha não podia nos ver. No momento, não havia ninguém nas proximidades. Dei um pontapé na bola para jogá-la novamente em movimento ladeira abaixo.

— As pessoas daqui não gostam da presença de estranhos.

— Eu moro aqui. E eu pensei, “talvez ela possa vir me fazer companhia”.

— Por toda a vida?

Ela ficou calada por um momento, enquanto olhava para as tendas ao redor de nós. Depois, sentou-se na grama e cruzou as pernas. Atrás dela se erguiam os suportes da tenda que, sem a lona da cobertura, pareciam ossos prateados.

— Ela é mulher – declarou ela subitamente. — Eu não havia pensado nisso. Mas não faz a menor diferença... – interrompeu-se, enquanto escrutinava meu rosto. — Não faz a menor diferença, tampouco, o lugar em que eu encontrei você.

— Eu até preferia ser alguma coisa diferente – declarei. — Mas enquanto estivermos neste mundo, só existem duas possibilidades...

— Sempre se podem criar matizes entre as duas.

Ela ajeitou seu vestido, repuxando o decote, que era enfeitado com apliques transparentes. Mas quanto mais ela tentava corrigir, mais aumentava o decote. Enxerguei-lhe os seios.

— Pare com isso – falei. — O que você espera conseguir exibindo o tempo todo esse decote elegante, sem usar nada por baixo? Todas as mulheres que conheço – declarei com superioridade – quer dizer, todas as mulheres que vivem com outras mulheres, são criaturas infelizes. Ou elas são abertamente infelizes ou vivem juntas como qualquer outro caszinho da pequena burguesia, igual a seus pais, os quais daí em diante as tratam com desprezo ou até mesmo as difamam. Não há como escapar disso e, muito menos, se escuta o acompanhamento de uma melodia romântica em crescendos dramáticos como música de fundo. Cada vez que duas mulheres se juntam, pretendem sempre fazer alguma coisa nova, agir de modo diferente das outras, mas depois de algum tempo acabam por fazer o mesmo que seus pais faziam e de seu grande plano romântico permanecem apenas as paredes pintadas de laranja de seu apartamento ou de sua casinha de duas peças.

Ela tentou pegar uma libélula, estendendo a palma da mão aberta bem depressa em sua direção, mas o inseto escapou e prosseguiu seu vôo tranquilo.

— Cômico – disse ela. — Como você consegue viver num mundo assim?

— Eu nunca entrei nessa armadilha.

Ela sorriu

— Você não existe...

— É que eu faço parte integralmente dos excluídos. Aos dez por cento de consciências rebeldes que esta sociedade ainda possui.

— E você se sente satisfeita por ser uma excluída? – indagou.

— Não.

— Então, por que fala assim?

— É melhor do que tentar convencer a mim mesma de que não sou uma.

— Bem, então você é uma! Acho que você fala desse jeito para esconder a romântica que está dentro de você! – afirmou, erguendo um dos joelhos e apoiando outra vez o queixo sobre ele, como a vira fazer antes. — Você vai gostar da minha casa – declarou. — Não tenho a menor dúvida.

— Claro que sim. Mas agora tenho de montar estas tendas de novo. Se quiser, pode me ajudar.

Um grupo de meninas passou por nós, carregando remos. Elas ficaram me olhando, como se eu tivesse dito alguma coisa completamente absurda.

Ela sentou-se novamente na grama. Ela usava este vestido leve e era bem clara a mensagem que transmitia para quem quisesse ver: era uma donzela sentada aos pés de um jovem, mas qualquer que fosse o jovem, certamente não era um jovem jogador de futebol. Ela apoiava o corpo nos joelhos. Ela expunha seu corpo claramente, o rapaz podia ver-lhe os seios sem dificuldade, mas ele não podia se mover, porque ela tinha deixado bem claro, para ele, como ela era capaz de ler as reações dele em seus olhos.

Soltei uma gargalhada e me virei para o outro lado.

— Você não me acredita? – indagou. — Você decerto não acredita que vá gostar de lá. Mas eu posso lhe mostrar a casa. Não quer

ir até lá comigo? – perguntou de novo. — Não quer vir conhecer minha casa, nem que seja uma vez?

— Não tenho certeza. Onde é que fica?

— Ah – ela me olhou, como se estivesse surpresa. — Fica do outro lado do lago Foxen. “A casa está morta”, tem um jeito meio abandonado, mas o telhado é maravilhoso. Você tem que ver, o teto da casa é extraordinário.

— Extraordinário para uma casa sueca? – indaguei.

— Sim. Extraordinário para uma casa sueca. Para qualquer casa.

Ela estendeu o braço para agarrar-me a mão, queria fazer-me sentar junto dela no capim, mas eu não deixei e me afastei um pouco, ainda em pé, embora meio inclinada na sua direção.

— Venha comigo agora – insistiu, enquanto se levantava. — Você disse que ia! Agora não pode voltar atrás.

Já estava ficando tarde. Eu teria de trabalhar até à noite, e, ainda, pedir ao Ralf que instalasse uma lâmpada do lado de fora da tenda, porque o lugar ficava muito escuro à noite e ele iria dizer: *Se você não tivesse a mim para lhe dar uma mão, não poderia realmente se dar por feliz, porque eu, diferentemente dos outros, sou o único por aqui que sabe ficar de boca fechada.*

No lugar da fogueira do acampamento estavam queimando pedaços de papelão e lixo que havia sobrado da última remessa de mantimentos.

— Você tem de me prometer!

Ela estendeu um braço, como se pretendesse tocar minha face com os dedos; lá adiante as chamas das caixas de papelão subiam bem alto, alguém falou alguma coisa sobre anões e envenenamento ou intoxicação, as palavras me pareceram mal relacionadas, uma fumaça espessa e acinzentada, lembrando um cogumelo atômico ergueu-se até o teto da barraca, ela deixou cair a mão.

— Schmoll... – pronunciou de novo aquele estranho nome, de um jeito que parecia estar esperando por alguma coisa, mas sem que

nada acontecesse, a fumaça subia indolente e gordurosa. Lá adiante, Ralf passou com um carrinho de mão de volta para a tenda da cozinha, provavelmente para trazer mais caixas, enquanto Wilfried esvaziava no fogo uma caixa de cerveja cheia de restos da cozinha. Svenja soltou uma gargalhada. Tive a impressão de que ela tinha feito um de seus comentários habituais sobre o gel de banho caro que eu usava quando tomava uma ducha, qualquer coisa absurda como: *é por isso que o mundo vai por água abaixo* ou que eu tinha *veias de atleta* ou como *meu amor pela natureza* podia ter qualquer relação com sabonete líquido.

Aquela fumaça escura não soprava mais em nossa direção. Antes que chegasse na cabine das duchas, já se dissipava.

— Desculpe-me, mas eu ainda tenho coisas importantes para fazer.

Ela me contemplou assustada. Seu rosto havia empalidecido. Tinha ficado tão branco que se destacava do conjunto do gramado, escurecido pelo entardecer.

Depois que ela foi embora, eu consertei as lonas, cobri as tendas restantes e contei as estacas para as tendas, que sempre pareciam estar faltando. Mais tarde, Ralf chegou e quis saber quem, realmente, me dera licença *para ficar sonhando com a cabeça nas nuvens enquanto trabalhava, ou se havia algum outro motivo*, e eu fiquei sem entender, até cair em mim, e perceber que ele se referia às estacas da tenda que tinham ficado tortas e não à presença daquela mulher.

Nessa noite, senti frio e coloquei uma segunda blusa antes de dormir. Eu me deitei e fiquei pensando nela. Especialmente como ela conseguia caminhar tão depressa, e ousadamente, através do mato com seus sapatos de salto alto. Como ela podia correr sem tropeçar nas raízes e nas pedras do caminho. Como ela conseguia prender a respiração por tanto tempo para demonstrar seu assombro. Todas essas bobagens em que a gente pensa quando ainda está meio acordada. A presença dela para mim era desagradável, não que

eu desgostasse dela, mas, sobretudo, por causa do que os outros iriam comentar. Na verdade, não tinha nada contra me encontrar com ela outra vez. A vida no acampamento era bastante monótona.

Enquanto eu adormecia, surgiu à distância, onde deveria estar perfeitamente escuro, uma luz que parecia fogo. Pensei que tivesse puxado a alavanca errada no painel das luzes sobre o palco e estendi a mão para corrigir o erro, para destacar a atriz principal por meio de um novo foco de luz. No momento em que toquei na parede da tenda, acordei-me sobressaltada. Olhei para minha mão com estranheza, como se não a reconhecesse. Aliviada, soltei uma gargalhada nervosa.

Por acaso você soltou uma gargalhada enquanto dormia esta noite? – indagaram os outros de manhã. *Você estava rindo como se fizesse troça de alguém.*

Eu enrolei o saco de dormir.

O acampamento se localizava no extremo da região povoada de um promontório estreito; logo além começava o Foxen, um dos incontáveis lagos que ficavam no limite do território habitado. O vento soprava de todos os lados, portanto, assim como em determinada ocasião, a água parecia imóvel e lisa como vidro, no momento seguinte podia se encrespar violentamente, como se explodisse desde o fundo.

Eu me sentei ao lado de Ralf, junto ao lugar da fogueira, cujas cinzas já haviam esfriado. Eram sete da manhã e já tinham aquecido o café na tenda da cozinha. Ele bebia em sua caneca vermelha esmaltada, como de costume. Durante alguns minutos, não dissemos nada.

— Você não quer me dizer qual é o problema? – falou ele, de repente.

— Nenhum motivo de preocupação. Eu ri tão alto assim? Vocês atribuíram um significado tão grande, como se tivesse sido uma longa história.

— O que foi que a fez vir aqui? — indagou ele, olhando para frente, sem me fitar. — Não quer se abrir comigo? Um pouco, que seja?

— Eu só pensei eu lhe fazer companhia durante o café.

— Você quer dizer que se sentou a meu lado simplesmente pela companhia?

— Foi.

Nós estávamos sozinhos junto à fogueira apagada. Subiu um pouco de fumaça, logo depois parou de fumar.

— Isso é um pouco irritante — disse-me. — Você acredita que eu faça aqui o papel de seu protetor, um fulano que você pode chamar e mandar embora à vontade, mas que seja totalmente sem importância para lhe atender em outras necessidades?

— Olhe os modos, seu boca suja! — soltei de brincadeira, imitando o jeito de falar de Svenja. — Não entendo o que você quer dizer.

— Você trouxe sua xícara de café e veio sentar-se a meu lado. Depois diz que não entendeu. Você pensa que está tudo bem conosco, não é? Está mesmo, do jeito que *você quer*. Mas eu também posso lhe dizer de vez em quando o que *eu quero*. O que *eu penso*. Eu penso que já tínhamos combinado. Eu penso que somos uma equipe.

— Sim, é claro. Mas...

— Mas na realidade, nós somos todos apenas figurantes. Percebe? Somos figurantes em seu roteiro de vida pessoal.

— Ainda não estou entendendo, Ralf.

— Não? — indagou, encarando-me firmemente. — Então me explique porque passa tanto tempo com as mulheres e tão pouco junto comigo.

— Mas a quem está se referindo?

— Àquela garota. Aquela que está sempre escondida atrás da tenda índia.

— Eu não tinha percebido.

— Ah, você não tinha percebido. Pois sim. Foi o que eu pensei... — comentou, olhando direto para frente.

— Ainda que você pretenda que foi isso que pensou, e que tenha falado desse jeito só para me dar a entender o contrário, eu preferiria mil vezes que você me dissesse claramente o que está pensando.

— Não fique falando assim com esse jeito superior — disse ele. — Você riu porque se lembrou de sua bela gatinha.

Eu nem sabia se a achava bonita. Seja como for, aquele riso áspero não fora provocado por nenhuma recordação da cervejaria “Vienna”, nada que me lembrasse daquelas noites infundáveis que eu passara acordada em Halberstadt, não era nada daquela paixão apática e, enquanto eu meditava a respeito, me sondava para ver se, antes desse momento, eu também não havia considerado se meu riso tivera alguma coisa a ver com isso.

Ela era exaltada, exagerada em sua maneira de falar, um pouco alegre demais. Seus vestidinhos de verão não conseguiam esconder como ela era melancólica.

Eu queria poder dizer a Ralf que nem a conhecia, que não sabia seu nome, que não fazia ideia de onde ela vinha, ou o que ela fazia por aqui, mas pelo bem de todos nós, eu preferia descobrir, que eu tinha combinado me encontrar com ela hoje. Mas Ralf se levantou logo em seguida. Foi procurar Wilfried em frente ao lavatório, vi como Wilfried concordava com a cabeça, como os dois me observavam de longe, e então me senti contente por não ter lhe contado nada.

Um pouco mais tarde, entrei na tenda da cozinha e disse a Svenja:

— Vou precisar de uma folga.

— Mas que droga! — disse Svenja. — Mal as coisas começam a se ajeitar por aqui e todo mundo já quer tirar uma folga.

Svenja tinha sido estudante de medicina. Ela conhecia os nomes latinos de todos os músculos, mas não tivera coragem de fazer a prova de seleção para o doutorado. Ela afirmava que fora uma sorte. *Se eu tivesse me formado em medicina, provavelmente estaria agora*

trabalhando na Noruega e, realmente, fica muito escuro por lá, por causa do nevoeiro.

— Quer que eu lhe diga uma coisa? Eu também preciso tirar uma folga. Infelizmente, depois da última excursão, cinco dos coletes salva-vidas se ferraram. Seria até motivo para festejar, se a gente não soubesse que todas as substituições vão ser descontadas na hora do acerto de contas. Ainda tenho de preencher uma montanha de papéis mais uma vez, isso na hora em que eu deveria estar descansando, e, certamente, vocês todos estarão.

— Deixe dois coletes comigo. Eu dou um jeito de consertar os rasgões e logo eles estarão com melhor aspecto.

Svenja saiu de trás do painel de massa.

— Dois? Você quer é se livrar depressa do serviço. Por acaso você me viu andando por aí com algum tipo? Estou aqui três semanas a mais que você.

— Talvez em três semanas você já tenha feito tudo o que precisava.

— Falando seriamente – respondeu-me, enquanto se servia de uma xícara de café – em nosso acampamento existe uma regra ou duas. Chamegos são proibidos, ponto. Já recebi queixas de você...

— De quê?

— É minha função me preocupar com o que você faz fora do campo. Pessoalmente, não tenho nenhum problema com sua vida pessoal, salvo que um dos garotos pode ir correndo contar para a mãe, ou para o papai, qualquer besteira que tenha visto por aqui.

Ela me deu as costas e começou a remexer em uma das prateleiras.

— Ralf já sabe disso? – indagou.

— Por que pergunta? O que ele tem a ver com isso?

— O que eu quis dizer é se ele sabe que você pretende sair. Afinal de contas, alguém precisa consertar os remos.

Não havia ninguém trabalhando nos barcos. Nas segundas-feiras não havia nada a fazer aqui e de longe eu a avistei, usando outro de seus vestidos. Ela estava recostada contra o tronco de um dos pinheiros, aproveitando a sombra. Ela se esforçava para dar a impressão de ter encontrado alguma coisa valiosa caída pelo chão, e que estava concentrando toda a sua atenção nela.

Por um momento, pensei em retornar, para esclarecer completamente o mal-entendido. Talvez Ralf esperasse que eu fosse aproveitar a oportunidade para cobrar algo dele, uma vez que eu sabia a respeito da sua filha, e poderia delatar aos outros alguma coisa a respeito, para acertar as contas com ele; mas eu não tinha a intenção de revelar nada, de certo modo eu lhe prometera ficar calada.

Ela caminhou em minha direção e falou:

— Até que enfim você chegou! Cheguei a pensar que tivesse esquecido.

Eu empurrei para dentro da água um dos barcos, que estava apoiado na areia apenas pela metade. O outro estava emborcado no ancoradouro. Deveriam tê-lo deixado ali por algum motivo. Ela poderia ter me ajudado, mas estava usando sapatos brancos de tiras trançadas.

Ela entrou no barco junto comigo, e não pude deixar de olhar diretamente para sua boca. Era uma boca de criança; estava com a aparência de que ela tinha passado batom nos lábios e depois mordido uma maçã, de um jeito que só uma parte do batom tinha permanecido. Eu não tinha qualquer intenção, nem tampouco sentia a menor vontade de beijá-la, e estava até com raiva da admoestação sorridente de Svenja para que não fizesse esse tipo de coisa.

Ela sentou-se junto à proa.

Eu pilotei o barco ao longo do promontório e depois em direção ao Foxen.

Não trocamos uma só palavra. O lago estava tranquilo, a superfície das águas bem lisa, ela desceu o braço pela amurada e enfiou

um dedo na água. Sua cabeça se destacava contra o céu claro. O barco deixava uma espuma branca em sua esteira. De meu lugar na popa eu contemplava suas omoplatas estreitas, as articulações finas, seus movimentos lentos, quase deliberados, tudo nela parecia flexível, nada fixo nem estável.

Navegamos em direção ao Foxen, passamos por uma ilha e embicamos para o outro extremo do lago. Passamos por um trecho bastante rochoso. Ao longe, a margem parecia indecisa em erguer-se da água, as pedras cobertas de algas.

— Estou tão feliz por você estar aqui, Schmoll. Por você finalmente ter resolvido vir comigo. Você veio de boa vontade, não foi?...

— Até aqui, pelo menos.

— Você vai ver em seguida – disse-me, estendendo a mão para segurar a minha. — Mas tem certeza? Você precisa ter certeza, Schmoll. E também precisa me dizer que tem certeza.

— Pronto, tenho – falei – se é o único jeito de fazer com que você se acalme. Sim, tenho certeza.

Ela saiu do barco, tomou impulso para frente e encontrou um caminho mais ou menos seco junto à margem. As rochas se projetavam acima, formando uma espécie de platibanda, o lugar estava cheio de pés de mirtilo, pedras cobertas de musgo, touceiras de capim alto. Ela prendeu a barra do vestido em um ramo de espinheiro branco e rasgou a ponta.

Eu fiquei me indagando por que me permitia seguir atrás dela, por que motivo eu estava atravessando o matagal e me embrenhando naquele emaranhado de ervas e arbustos crescendo no meio de pedras frouxas, se era por curiosidade ou por excitação, ou apenas por um súbito interesse despertado pelo desafio de uma região desconhecida, que englobava tudo mais, desde o aborrecimento até a luz, e que no final somente resultaria em danificar a canoa e rasgar minha camisa quadriculada. Ela parecia contar como certo que naquele verão qualquer um podia se juntar com qualquer um.

A casa ficava na beira de um campo, dando vista para o lago.

Tinha dois andares e fora construída com tábuas de madeira vermelha escurecidas pelo tempo. Do lado erguiam-se uma nogueira e uma moita de groselhas, com as frutinhas maduras. De passagem, arranquei duas bagas para comer e bati o pé contra um vaso de barro em que haviam plantado flores, mas os ramos das plantas estavam secos e cobertos de mofo. Apesar disso, elas ainda permaneciam retas, presas a tutores, pequenas estacas de sustentação. Reparei que havia uma porção de outros vasos vazios e esquecidos.

Para a direita, ao lado da casa, havia uma caixa de areia e, ao lado dela, um balanço de criança e os restos de um automóvel enferrujado, que parecia estar se desmanchando aos poucos. A carcaça dava a impressão de ter pertencido a um automóvel caro, um Chevrolet ou um Buick, porém a ferrugem tinha carcomido o metal e não dava mais para se distinguir de que cor tinha sido.

— Não dê bola para esse carro idiota – exclamou ela. — Olhe para cá!

Ela tinha parado ao lado da casa, erguida na ponta dos pés diante de uma janela, colocado ambas as mãos contra a vidraça rachada, feita de vidro martelado.

— Tudo ainda está aqui.

Seu vestido tinha sido puxado para cima, revelando as pernas, eu enxergava até em cima, como se ela estivesse montada em pernas de pau.

— Podemos nos lavar, se você quiser.

— Você tem uma chave?

— Aqui ninguém se tranca! – exclamou ela, sacudindo a porta encostada.

— Espere.

Ela ficou imóvel, como se esperasse ser ajudada.

A casa deveria ter ficado desabitada por muito tempo. Era como se alguém a tivesse abandonado às pressas, como se tivesse ocorrido

uma grande confusão. Era como se uma vida tivesse sido quebrada ao meio, como se um movimento interrompido se tivesse solidificado. Tinha cheiro de poeira e mofo, misturado com papel úmido em decomposição. Sobre a mesa da sala de estar havia um pacote de bolachas rasgado. No açucareiro só restava a colher, cimentada por açúcar endurecido contra a beirada. Podia-se imaginar o toque dos últimos dedos que a haviam segurado, talvez com um pouco mais de atenção, reconstituir os gostos, os gestos, a idade dos moradores, a partir dos objetos deixados para trás em sua mudança súbita, cuja data de um jornal aberto anos atrás, e que permanecera abandonado no mesmo local, provavelmente deveria revelar.

Todas as peças se achavam envoltas em penumbra.

Os bibelôs no tampo de uma cômoda tinham perdido o brilho de tanta poeira acumulada. Uma bailarina de porcelana tinha sido derrubada e ela estendia o toco em direção ao braço quebrado. Dois vasos de barro vitrificado tinham anéis de água ressequida impressos como se fossem os anéis de crescimento anual que revelam a idade das árvores no cerne dos troncos.

Era como se toda a vida tivesse se paralisado. Ela mesma dissera: “a casa está morta”. *Está claro*, como diria Ralf, *que a coisa toda bem que está precisando de uma reforma geral*.

— Você não gostou dela?

— Mais ou menos – respondi.

— Você não gostou dela – afirmou alto e claro e inclinou a cabeça para um lado, a fim de me contemplar melhor.

— Assim, assim. Ela tem uma espécie de... digamos, elegância desbotada. Um quê de solitária, abandonada...

Ela me contemplou de novo, fitando-me da mesma maneira que em nosso primeiro encontro na margem do lago que dava para o acampamento. Observava-me com atenção total, como se estivesse incerta sobre aquilo que estava realmente vendo. Estava pálida, os ossos da face pareciam compactos sob a pele seca e esticada que os envolvia.

Comecei a ficar nervosa.

— Talvez possa agradar um antiquário...

Ela soltou uma gargalhada.

Depois, começou a se mover depressa pela sala, levantou do chão uma blusa de tricô, tocou com a ponta do dedo a colher do açucareiro.

— Eu deixei tudo ficar exatamente como estava.

Eu me movi em direção à porta e fiquei parada ali.

Olhei em volta, irresolutamente. Eu deveria ter conversado primeiro com Ralf, dito a ele que pretendia vir até aqui. Se alguma coisa não lhe parecesse bem, ele diria logo o motivo, antes de retornar àquele seu mutismo obstinado. Eu fiquei me indagando se meus irmãos e seus colegas talvez levassem a coisa mais na troça, talvez achassem que eu estava fazendo tempestade em copo d'água, até o momento em que vi o lençol de cetim.

Estava atirado sobre um sofá junto à parede.

Em contraste com tudo quanto o rodeava, o lençol era indiscutivelmente novo. Ela o deveria ter comprado há muito pouco tempo.

— Se você quer ficar comigo, por que não diz as coisas de maneira mais fácil?

Sobre o assoalho corria um fraco raio de sol. O extremo da luz tocava o ponto em que eu me encontrava. Mas ela estava se afastando de mim, movendo-se em direção à penumbra, para o outro lado da sala e eu ainda não estava entendendo direito a situação.

— Olhe, realmente você não faz o meu gênero – afirmei. — Mas você me dá a impressão de me conhecer de algum outro lugar. Diga logo o que você realmente quer de mim.

A sala ficou pequena e extremamente quieta. Os bibelôs, em cima da cômoda que estava entre nós duas, foram tocados pelo raio de sol e se tornaram graciosos.

Eu preferia não ter dito aquilo. Era sempre a mesma coisa. Necessitava apenas de uma ilusão, vagamente erótica e logo eu chegava

de novo àquele ponto, como é que se diz, que se fica buscando o desejo e aí se sente o desejo só porque se queria sentir, por assim dizer e, de repente, não tem a menor importância com relação a quem o desejo é sentido.

— Você está excitada – sussurrou-me. — Você fica sempre assim? Então, como consegue falar desse jeito?

— É só quando vejo você. Em uma casa abandonada. Usando esse vestidinho absurdo e todo aberto...

Ela saiu da semi-escuridão e veio em minha direção, traçando uma curva ao redor da cômoda. A luz a atingiu de lado quando ela passou pela janela. Logo a seguir, os postigos da janela se moveram de novo. Eu não a tinha visto antes sob uma luz assim. Ela era filtrada pelas folhagens da nogueira e enfraquecida pelo ângulo com que atravessava a janela; a luz a deixava bela. Seu rosto pálido. A maneira casual com que usava seu vestido. Era uma indiferença que realmente se destacava em primeiro lugar quando alguém estudava um comportamento tão incomum e, ao mesmo tempo, tão disciplinado que nunca mais podia esquecer.

Eu me sentia pequena e despreocupada.

— E esse apelido também é inteiramente idiota...

— O que quer dizer com apelido: Schmoll?

— Nada, só que eu acho que meu nome funcionou perfeitamente bem até agora. Por meio desse apelido você descarta tudo o que é mais ou menos feminino em mim. Talvez isso incida sobre alguma coisa da década de setenta. No leste.

— Você ainda não conseguiu entender direito – disse ela.

— Tudo o que eu vejo é que você fez um esforço assombroso em sua iniciativa de levar alguém para a cama – declarei. A frase soou fraca a meus próprios ouvidos, fraca e medida por esta luz difusa, mas não o suficiente para mim. — Você invadiu esta casa abandonada, comprou um lençol caro e, apostado, ainda tem uma reserva de champanhe armazenada em algum lugar!

— E você acha isso tudo idiota? – indagou, parando onde estava. Após uma breve pausa, recomeçou: — Você pensa que tudo isto aqui é apenas um espetáculo – declarou, objetivamente e sem qualquer emoção. — Você pensa que eu lhe preparei um espetáculo. Só para você. Você sinceramente acredita que eu preparei tudo isso só para sua diversão? Infelizmente, você é uma platéia miserável. Você não é absolutamente divertida.

Ela esperou minha reação. Depois, foi se aproximando lentamente.

— Você realmente acredita que eu a enganei, que a atraí até aqui somente para fazer teatro?

— Bem, já lhe disse que achei um esforço assombroso.

— Eu já representei o suficiente através da vida. Alcancei o meu limite. Saturei!

A sala ficou novamente quieta, a luz amorteceu.

— Quando a gente conhece bem as regras, elas podem ser deixadas para trás, a gente pode dar um jeito de pular fora, basta apenas dizer. A gente diz: “vou parar” e logo tudo deixa de ter qualquer significado. Logo tudo passa a ser apenas uma grande transformação. Tudo vira uma piada.

Eu retrocedi.

— Então, me diga...

— O que quer que eu diga? Que eu quero dormir com você? Meu amor, se eu quisesse apenas dormir com você, já o teria feito há muito tempo. O que eu quero são as conseqüências. A inevitabilidade. A intensidade. Nada tão nuamente simples como sexo. Sexo é para os outros. Qualquer idiota pode fazer sexo. Entende? O que eu quero é coisa muito diversa. Aquilo que tu pensas ser uma idiotice, vale para mim também. Tu podes ter coisa muito melhor.

Tudo que havia de infantil nela se havia dissipado. Ela me contemplava com o olhar de alguém que estava na metade de seus trinta anos. Era a primeira vez que ela me tuteava.

— Mas tu não vieste até aqui só para me contar como achas isso idiota. Vieste até aqui comigo, porque buscas a imprevisibilidade. Porque estás cansada da repetição.

Ela esperou.

— Você não anela por isso? — disse então, bem baixinho. — Você não anela profundamente por isso?

Eu cheguei mais perto, mas não lhe encontrei a mão.

— Muito bem. É isso que você quer. Então pegue minha mão. Mas preste atenção em mais uma coisa — ela olhou em torno. — A única coisa que você me traz é o seu tempo, Schmoll, percebe isso, não percebe? Você é esperta. Caso contrário, eu não a reconheceria.

Sáímos e eu dei uma gargalhada, mas sem saber o motivo. Do telhado pendia uma calha e o vento produzia nela um som semelhante ao de uma harpa eólia. Ela ficou parada a meu lado e as duas olhamos para o alto do telhado.

Sua cabeça recostou-se em meu ombro, igual a uma reprodução do cartaz da *Kurfürstendamm* de Berlim. Seu corpo era supradimensional, um corpo quebradiço, mas que parecia em brasa, o corpo de um jovem quase nu usando apenas uma sunga...

— Por favor — ela murmurou.

Dei um passo atrás. Empurrei as urtigas para um lado, afastei-me, saí em busca do caminho estreito, que inicialmente não consegui encontrar.

Eles não tinham dado falta de mim. Pelo menos, não me perguntaram onde eu tinha me metido, não comentaram abertamente minha ausência, nem ao menos os responsáveis pelos barcos haviam reclamado, nem sequer pelo fato de que eu estava encarregada dos remos e tivesse de controlar se não estava faltando nenhum para as excursões. Durante a metade do verão eu havia trabalhado no barracão dos equipamentos, mas nesse momento parecia não haver nada de importante para fazer lá. Ralf não se achava à vista em nenhum lugar.

Os outros me disseram que alguém tinha me substituído, que eu não era mais responsável pelos remos. Olhei com cuidado, mas ninguém parecia estar me observando. Um *walkie-talkie* começou a transmitir, estava colocado em cima do banco diante da tenda da cozinha. *Uwe para Ralf*, ele começou a rosnar metalicamente pelo microfone, *Por que razão você não estava na reunião dos chefes da equipe, vocês não têm mais disciplina, eu vou descobrir qual dos barcos você pegou, seu merda, será que você não sabe o que é um walkie-talkie, a gente compra a porra dessas coisas para se conversar de homem para homem!*

Os papelões que tinham sido colocados na fogueira tinham virado um monte de cinzas grandes e fuliginosas, a bola de futebol estava abandonada ali perto, uma marca de sujeira ou um arranhão cruzava transversalmente o couro. Fui até o *walkie-talkie* e desliguei o aparelho.

O sol estava bem no alto.

Fui descansar um momento sentada no banco e ainda conseguia escutar dentro de minha mente o som daquela calha que soava como uma harpa eólia.

Acabei encontrando Ralf atrás da barraca. Ele estava remexendo no capim com uma espécie de cana de junco. Quando me enxergou, mordeu-lhe a ponta superior e cuspiu o pedaço diante de seus pés.

— Svenja fez a distribuição. Por que você não perguntou a ela?

— Eu saí e fiquei fora por quatro horas. Segundo parece, durante minha ausência fizeram uma nova divisão das tarefas.

— Mais ou menos — falou, dedicando toda sua atenção à cana.

— Então, se eu for perguntar à Svenja — indaguei — como é que fica? Do jeito que você me treinou, Ralf, nós somos uma equipe.

— Da outra vez — disse ele. — Da outra vez.

Corri até Svenja na tenda da cozinha. Sabine estava acocorada em frente a ela, tinha acabado de pregar um botão na blusa de Svenja e agora mordida a linha.

— Me disseram que não estou mais encarregada de consertar os remos — falei.

Svenja afastou a mão de Sabine, que estava tentando agarrar novamente o botão para ver se tinha ficado bem firme.

— Tivemos de olhar novamente a escala, Anja, trouxemos um outro homem para tomar conta do conserto e distribuição dos barcos. Você fica aqui em cima, no acampamento, enquanto nós saímos nas excursões, toma conta de tudo e não deixa acontecer nenhuma merda. Vai ser a sentinela do acampamento ou qualquer outro nome que preferir.

Deu um tapinha no ombro de Sabine, à guisa de agradecimento. Sabine olhou para mim como se estivesse pedindo desculpas.

— As barracas já são obrigação do Ralf, nós temos um sistema de rotação de tarefas, para que ninguém fique aborrecido.

— Eu não estou nem um pouco aborrecida — afirmei.

Permaneci sozinha no acampamento, havia coisas mais do que suficientes para fazer. Em um ponto qualquer, um dos rapazinhos estava tirando acordes de um violão. Havia mochilas atiradas aqui e ali, feitas de tecido sintético azul, reluzindo por causa da umidade do orvalho. Eu coloquei a bomba em funcionamento, uma luz sombria percorreu o jato, quando a espuma esguichou bem alta, tive a impressão de que a luz se imprimia na água e depois se derramava no chão junto com ela.

Muito bem, eu não era mais a responsável pelo barracão dos equipamentos, agora me tornara a vigia do acampamento. Disse para mim mesma que era como se não tivesse mais qualquer função na equipe. Logo depois me recordei que também naquela época em que trabalhara no teatro havia gente que não tinha função definida, ou que eram deslocados de uma posição sem sentido para outra, e imediatamente cresceu dentro de mim aquele meu velho pânico.

Fui buscar o machado na barraca das ferramentas. Carreguei no ombro até o lugar da fogueira. Queria fazer alguma coisa, de

preferência algum serviço pesado e perigoso. Havia bastante madeira, restos de galhos de pinheiro, que tinham sobrado das estacas usadas para construir a última tenda indiana. Comecei a cortar lenha, procurando trabalhar de forma regular, mas o cabo do machado escorregava de minhas mãos, os golpes eram irregulares e os pedaços de madeiras pulavam, estalando ruidosamente por toda parte.

Ao entardecer, quando eu fui controlar o funcionamento da bomba, a parte do terreno que fora irrigada tinha ficado profundamente escura.

O rapazinho ainda tocava sem parar o violão, ele tinha descoberto como produzir um novo acorde e o repetia sem pausas, monotonamente.

Mais tarde, começou a ventar. O vento provocava nas sombras movimentos constantes, quase humanos, mas não era muito forte. O espetáculo das sombras me levou a pensar nela de novo, naquela jovem, naquela mulher. Ela nunca chegara a me dizer seu nome, verdadeiro ou falso, ela se calara a respeito. Era o seu modo de ser, aparentemente tinha vontade de que eu o descobrisse pelo meu próprio esforço, antes de poder empregá-lo.

Para falar a verdade, a única coisa que eu lhe havia dado era meu tempo, como ela havia expressado claramente.

A seguir, recordei como ela tinha segurado minha mão ao sairmos da canoa, para me ajudar a subir à margem, como havíamos permanecido sentadas durante alguns minutos sobre o ancoradouro antes que eu descesse novamente para o lago. Nossa discussão dentro da casa parecia esquecida, eu não lhe falei mais nada a respeito.

Nós ficamos sentadas com as costas viradas para a margem. Ela me contou como havia encontrado a casa. Eu tive a impressão de que ela só estava me contando uma parte da verdade, na verdade eu não escutava totalmente o que ela me dizia. A casa parecia ter-se transformado em uma ideia fixa — disse-me. Ela sempre tinha

querido uma casa em que pudesse ficar longe de todo mundo, oculta, com algumas características especiais.

Ela continuava sentada no ancoradouro, os pés balançando acima da água.

Como se ela estivesse de fato sentada numa cadeira, junto a alguma mesinha, no vilarejo de Årjäng.

Årjäng passava por ser cidade, tinha um supermercado, um café e, na praça do mercado, erguia-se um anão de madeira, de cuja boca se projetava até o caminho alguma coisa semelhante a uma língua. Os moradores diziam que representava um espírito dos bosques, mas as pombas pensavam que fora colocado ali como um aeroporto para elas.

Ela permanecera ali por causa do clima.

Aqui faz um calor fora do comum — disse ela. Trinta graus à sombra, ela encontrara dois homens sentados na praça e conseguira que eles lhe traduzissem o boletim meteorológico, que estava sendo transmitido em inglês. Ela falava sem parar, como se estivesse sozinha. Porque ela era a única mulher no café. Porque aquele era o único café em um raio de cinquenta quilômetros. Porque era o único café que servia café com leite. Ela sempre viajava de uma área de campismo até chegar na seguinte. Ela não se hospedava em hotéis, nem alugava quartos em pensões ou em casas particulares, nem tampouco dormia ao ar livre, não ficava em lugar algum exceto em áreas para acampar, onde podia erguer sua tenda com segurança.

Ela andava com um mapa rodoviário por toda parte. Viajava acompanhando as linhas com o indicador, caso ela chegasse mais cedo ou errasse o caminho, disse ela, era simplesmente porque não tinha entendido como relacionar direito a estrada em que caminhava com uma daquelas linhas finas impressas no papel. Aqui o céu é mais amplo, aqui a gente pode dispor de tempo para relacionar a amplidão da paisagem com a estreiteza de uma abstração.

Os dois homens ficaram observando enquanto ela estudava as propostas afixadas no painel de uma agência imobiliária.

Então, um deles falou:

— A senhora está procurando uma casa nas redondezas?

Ele falava em um inglês meio arrevesado e tinha cabelos brancos e oleosos, que lhe caíam pelos ombros. Afirmou:

— *Can I be of help.*⁶

Ela sorriu cordialmente, mas mantendo distância, como sempre fazia quando não queria ser importunada.

O homem colocou o braço sobre o espaldar da cadeira e explicou que tinha uma casa à disposição. Seu amigo remexeu em um maço de papéis e lhe estendeu um recibo. O amigo era um camarada de faces rosadas, usando óculos de aro de tartaruga, cujas lentes eram tão grossas que as pupilas dos olhos por trás delas pareciam dois pontos do tamanho de grãos de pimenta.

Eu soube imediatamente de quem ela estava falando.

Eu conhecia os dois. Eu os tinha visto várias vezes na praça do mercado da vila de Årjäng. Durante o dia pouca gente frequentava o café, era comum que os dois fossem os únicos clientes.

Os dois, ao se aproximarem dela, a adularam com uma série de elogios calculados, antes de começarem a descrever as qualidades eletrizantes da casa, acumulando os argumentos com uma velocidade de cortar a respiração. A volubilidade com que esboçaram a descrição da casa parecia que levava diretamente a um paraíso de papel e eu também já havia começado, a partir de informações ouvidas ao acaso enquanto procurava essas lâmpadas fluorescentes que economizam a corrente elétrica para colocar na cabine das duchas, se não deveria alugar também uma casa, mas não tivera tempo para me dedicar à ideia.

Eu já havia escutado o suficiente.

Ela disse que inicialmente pensara que os dois estavam tentando enganá-la.

6. Posso eu ser de ajuda. Em inglês truncado no original. (NT).

— Está procurando perto da costa? — perguntou o primeiro. — É melhor não procurar muito perto da costa. Por lá tudo custa o dobro.

Ele estava abertamente encantado com o fato de que ela simplesmente não lhe dera as costas, mas ao contrário, permanecera obstinadamente estudando os anúncios pregados com percevejos no painel da imobiliária. Provavelmente, os dois tinham passado a manhã inteira sem ter o que fazer, esperando que acontecesse alguma coisa e, então, chegara aquela mulher, jovem e sozinha.

— Os noruegueses andam comprando tudo por aqui. Mas a senhora! A senhora é como se tivesse sido criada para morar nesta região! Esta região aqui é realmente a mais indicada para a senhora. Erik... — disse ele então. Ela percebeu que ele queria pegar-lhe a mão, mas ela ficou segurando firmemente o copo de café com leite que estava bebendo

— A gente deve saber — disse ela — em que momento fazer a coisa exata, quando se está com a devida disposição, quando se consegue reunir o momento e as circunstâncias e calcular suas consequências, isso é a coisa mais importante da vida, sopesar os teores de uma decisão mais de uma vez.

Eles lhe fariam uma boa proposta, disse aquele que se chamava Erik, tomando a deixa, caso a residência lhe agradasse.

O atendente do café estava parado em pé atrás da vitrine e contemplava a cena.

— A senhora já deve ter visto uma porção de casas, não é verdade? Mas eu quero lhe mostrar a minha.

Ele colocara o guardanapo diante dela sobre o tampo da mesa. Ele estava cheio de rabiscos indicando as estradas, as bifurcações dos caminhos e os lagos.

— Mas vocês acabaram de se sentar a meu lado no mercado e já me querem vender uma casa...?

— Ora, a senhora sempre pode recusar depois de ter ido ver.

— Por que a casa não foi colocada à disposição na agência imobiliária?

Ele riu e seu amigo sorriu também, os grãos de pimenta por trás das lentes grossas cintilaram e estremeeceram.

— Algumas vezes, a gente tem sorte. A senhora e eu — disse o homem que se chamava Erik. — Mas não se esqueça, eu só pretendo vender minha casa para alguém que de fato goste dela. Alguma pessoa muito especial. Assim como a senhora.

— Você não faz a menor ideia do que eu estou procurando.

— Eu ficarei sabendo, no momento em que a senhora for ver a casa. Vamos dar um passeio até lá.

— Agora?

Já havia passado do meio-dia e ela ainda queria chegar até um dos lagos e nadar um pouco.

— Amanhã vai ser tarde demais — declarou o homem. — Olhe, não fica longe daqui. A gente vai pela estrada E18, na direção de Fågelvik. A senhora conhece Fågelvik? A estrada está meio ruim para aqueles lados, mas nós iremos no meu carro. Venha, senhora!

O homem que se chamava Erik deu uma risada e bateu uma mão contra a outra, de um jeito tal que a mão esquerda parecia ser de outra pessoa e que ele realmente tivesse dado um tapa cordial em saudação a alguém.

— Nós traremos a senhora de volta em seguida.

A luz se derramava obliquamente sobre a praça.

Ela é a mulher que no meio de uma tarde embarca em um Jaguar verde, um carro surpreendente na praça do mercado de Årjäng. Ela não tinha observado o número da placa. O que ela observara fora uma rachadura no pára-brisa, a poeira acumulada sobre a pintura, o som fraco do motor e que os bancos eram forrados de um couro claro, porém sujo. Ela recordou o nome do que se chamava Erik, e que os dois tinham certamente enxergado o atendente que os observava, por trás da vitrine do café.

— Na costa existe esse tipo de beleza que todo mundo conhece — declarou aquele que se chamava Erik. — Mas não é isso que serve para a senhora. Aqui existe um lugar muito melhor, uma paisagem que não se descobre assim tão fácil.

Ela disse que logo no princípio tinha sentido um pouco de medo por se encontrar em tal situação, sozinha com os dois, mas depois tinha retirado da bolsa o seu chaveiro e ficado apertando bem firme no punho fechado. Eles deviam ter percebido logo que as pontas de metal sobressaíam por entre seus dedos, disse ela, e que deveriam ter cuidado com seus olhos, proteger as pupilas. Para falar a verdade, durante toda a narrativa, ela não chegou a empregar qualquer termo que desse a entender que sentia prazer em correr riscos.

Ela se levantara do ancoradouro.

Ela tinha me explicado que até então o homem que escondia seus olhos do tamanho de grãos de pimenta por trás dos óculos de aro de tartaruga ainda não se lhe havia apresentado.

Para mim estava claro que ela já se havia decidido só ao ver o guardanapo rabiscado sobre a mesa. Quando ela realmente comprou a casa daqueles dois, fora por um preço exorbitante. De fato, ela acabou por me falar em uma soma inacreditável, absurdamente cara em troca daquela elegância desbotada.

Mas eu não fiz o menor comentário a respeito. Eu não queria desiludi-la.

Logo a luz estava acinzentada. A noite estava chegando.

O rapazinho ainda tocou mais dois acordes, um logo depois do outro.

Ergui a bola de futebol para guardar dentro da barraca, para que não pegasse umidade durante a noite. Estava atirada no meio de uma pilha de páginas de jornais amassadas. Realmente havia uma marca, um risco negro através do couro, talvez alguém tivesse escrito transversalmente alguma coisa.

Eu coloquei a bola sob o jato da mangueira do jardim. Mas o que estava escrito não se enfraqueceu com a água. Dava a impressão de que era tinta esmalte, mas a firmeza dos tons e a profundidade da inscrição indicavam que alguém tinha comprado uma caneta com tinta permanente.

A inscrição era: “no gays!”⁷

Eu carreguei a bola de futebol até a tenda da cozinha e a coloquei diretamente em baixo do jato de água. A legenda “no gays!” apareceu claramente de cabeça para baixo e em escrita espelhada, refletida no metal da torneira. Eu procurei apagar a inscrição com uma espuma e detergente.

— Que merda é essa? Que está fazendo com essa bola aqui? Quero saber quantos dos barcos não vão funcionar na semana que vem.

— Alô, Uwe — respondi. — Ralf e os outros estão encarregados dos barcos e ainda não retornaram.

— E para que é que eu te pago?

— Eu creio — falei bem devagar — que neste momento você me paga somente para suportar o seu mau humor.

Ele usava camisa de jeans e bermudas cáqui e, provavelmente, havia acabado de chegar, dirigindo com a máxima velocidade pelo lago.

— Se eu não estivesse tão ocupado agora, ia era te despedir — garantiu. — Agradeça a esse pessoal da *Gore-tex*, que pretende que eu me ajoelhe na frente deles. Vá arranjar uma coisa para fazer, gente.

Ele desapareceu tão violentamente que rasgou o toldo e o fecho relâmpago com que a porta da tenda da cozinha era fechada durante as noites.

Eu larguei a bola ao lado da garrafa térmica com café. A legenda se refletiu na garrafa de metal pintado de tinta azul resistente à temperatura e agora se lia “no gays!” duas vezes.

Uwe tinha trazido com ele alguns funcionários da *Gore-Tex*.

7. Fora com os gays! Em inglês no original. (NT).

Um grupinho de suíços ao redor de uma subgerente. Eles estavam reunidos na área dos fumantes, em que um cinzeiro grande das Estradas de Ferro Alemãs tinha sido instalado sobre um poste de madeira, usavam sapatos à prova d'água e óculos de sombra, presos com elásticos à parte de trás do pescoço. Eles tinham a incumbência de determinar se o patrocínio de uma colônia de férias estava de acordo com a política de sua firma. Para que isso fosse esclarecido, Uwe os trouxera de lancha a motor. Prova disso eram as latas de gasolina e um eixo de manivela largados em frente ao barracão dos equipamentos. Eles estavam usando capas de chuva, realmente tinham viajado inteiramente à prova d'água.

Eu fui com a bola até atrás das latrinas. O cheiro que evolava-se das patentes turcas era forte o suficiente para manter todos os outros afastados. Eu peguei uma escova, detergente e uma lixa de areia e comecei a esfregar, mas, de repente, meu coração começou a palpitar, entrou em taquicardia e eu tive de parar com o trabalho, ficar bem quieta e respirar bem devagar, enquanto esperava que ele se acalmasse. A tinta não saía de jeito nenhum.

Joguei longe a escova. Imaginei a figura que eu fazia ali, agachada no capim atrás das latrinas. Enquanto a outra não dava a mínima, e comprava uma casa a preço exorbitante e parecia tão entusiasmada com suas próprias ideias que se esquecia totalmente da situação em que a casa se encontrava, aqui estava eu acorçada, quase perdendo a razão por causa de duas palavras.

O teor de uma decisão tinha de ser sopesado com o maior cuidado, fora o que ela me dissera.

Recordei o seu olhar. Eu o vi claramente diante de mim nesse momento, sonhador e me encarando veladamente, olhando para cima por baixo das pálpebras.

Mais tarde, depois que o crepúsculo se instalara e os outros tinham armado a fogueira de costume, e a noite também se instalara no céu rasgando as nuvens para mostrar suas próprias luzes,

enquanto os outros sentavam para conversar a respeito de Uwe, que ainda estava envolvido com o pessoal da *Gore-Tex*, para quem estava servindo de guia e discutir até que ponto tratar bem um patrocinador era um processo legítimo de levantamento de fundos e quando se transformava em bajulação, depois que Svenja declarou ironicamente: "*Não se preocupem, isso nunca constituiu um problema para Uwe*", depois que Ralf explicou que dar a bunda se chamava agora de "*Método Guarda-Chuva*", para risada geral e acrescentou que tudo era uma questão pura e simples de *levantar o buraco, abrir e sacudir com decência e ordem*, um pouco mais tarde, já para o fim da conversa noturna, eu perguntei:

— Vocês viram a bola de futebol?

No silêncio que se seguiu, dava para escutar o cricri dos grilos e o ruído distante dos rádios que vinha das tendas dos excursionistas na área de campismo lá adiante. Nenhum dos que estavam sentados ao redor da fogueira mostrou a menor reação. Sabine apoiou o peso do braço contra a vara de madeira que estava usando para remexer na lenha meio consumida pelo fogo, as tarefas eram perfeitamente divididas.

— Foi você que ficou no acampamento a tarde inteira — declarou Marco, finalmente, enquanto abria outra lata de cerveja.

Uma embalagem plástica explodiu em chamas subitamente e iluminou todos os rostos em tonalidades ásperas. Um estranho brilho surgiu no branco dos olhos deles. Eu conhecia todos perfeitamente bem, já fazia quatro semanas que estava aqui e todos me conheciam igualmente bem. Cada um deles tinha me visto todas as manhãs, todas as tardes e todas as noites, dia após dia e noite após noite, mas agora ninguém queria me olhar diretamente.

— Não era para jogar essas embalagens Tetrapaks no fogo — disse Sabine, automaticamente, como para mudar de assunto. — Nada de plástico.

Ela enfiou a ponta de sua vara no que restava da embalagem,

puxou para fora da fogueira e começou a bater para apagar as pequenas chamas.

— Alguém escreveu: “no gays!” – expliquei. — Em uma bola de futebol.

Eu conhecia todos eles, cada um daqueles rostos e via o jeito como eles evitavam me encarar, olhando para o fogo, virando a cabeça em direção ao céu, ou parecendo observar algum ponto indefinido que talvez estivesse dentro deles. Alguém acendeu um cigarro, outro começou a examinar suas sandálias e todos começaram a tomar goles de cerveja. A cerveja parecia estar muito popular essa noite.

A vontade que eu tinha era de me levantar e ir para as tendas cônicas, em uma das quais eu me havia instalado, me enfiar em meu saco de dormir Isomatten térmico, escutar o som das pedrinhas rangendo umas contra as outras enquanto eram deslocadas por meu peso e não pensar a respeito de mais nada, mas em vez de ir embora, eu falei:

— Também não é para jogar os gays no fogo.

Por um momento, tive a nítida impressão de que estava falando com ela, com a mulher dos vestidos, como se eu precisasse afirmar-lhe alguma coisa ou, quem sabe, provar alguma coisa para mim mesma. Percebi que tinha falado sem pensar, como se estivesse meio dormindo, com uma voz que não era inteiramente minha. O pior é que eu sabia que normalmente teria ignorado o que estava escrito naquela bola ou mesmo simplesmente dado um chute nela e jogado para longe e continuado a sonhar e a agir como se ela nem sequer existisse.

— Deve ter sido uma brincadeira de algum dos garotos – disse Svenja. — Pare de levar as coisas tão a sério, onde é que está seu senso de humor? Você sabe perfeitamente que todos são bem-vindos aqui, negros, brancos, índios, gordos, magricelas... Ou por acaso você acha que alguém tem alguma coisa contra você em particular e escreveu isso de propósito?

— Fica na tua – disse Ralf, para encerrar o assunto. — Se alguém passou merda naquela bola, deixa que ele mesmo coma de volta!...

Já era de manhã cedo quando ele entrou em minha tenda.

Ouvi o barulho das pedrinhas rangendo sob seu peso. Ele caminhava com passos leves e desviou do fogareiro aceso no meio da tenda. As chamas eram fracas, mas quando a luz bateu nele, produziu uma grande sombra contra a lona que formava a parede da tenda. As brasas que restavam no meio das cinzas se haviam reavivado com o golpe de vento, no momento em que ele abrira a porta da tenda para entrar. Ele correu o fecho relâmpago de meu saco de dormir com um gesto decidido. Ele enfiou a mão por dentro do forro e puxou o lençol para o lado enquanto eu ainda estava sonhando. Em meu sonho, eu estava parada bem na ponta da falésia de Fjäll, na beira da encosta, preparando-me para alçar vôo, quando senti a ponta de seus dedos em um de meus seios e o outro braço passando por detrás de meu pescoço, como se ele fosse me abraçar. Eu ainda sonhava e vi Svenja e os outros parados na margem, abaixo do Fjäll, com as cabeças bem viradas para trás, olhando para cima como se o céu estivesse descendo em sua direção, foi então que eu alcei vôo e percebi que estava livre do saco de dormir e podia me sentar.

— Calma, calma, não faça barulho – cochichou Ralf. — Não inventa merda.

Ele era forte e parecia ter acabado de fazer a barba, tirei sua mão de meu seio.

— Não crie caso, eu sei que você vai gostar. Eu vi o jeito que você me olhava – falou, enquanto tentava enfiar as pernas para dentro de meu saco de dormir.

Percebi que ele estava sem calças.

— Você é tímida ou é outra coisa? – sussurrou novamente, falando bem baixinho como se quisesse tranquilizar uma criança. Ele se apertou contra mim, sua camiseta passou de raspão pela minha

boca. — Vamos lá. Eu já estive com mulheres de todos os tipos. Não vá me dizer que ainda é virgem, ou será que é mesmo?

Eu apenas distinguia a sua silhueta sobre mim, mais um contorno do que um corpo, uma oscilação indecisa, era como se eu ainda dormisse, e o penhasco de Fjäll, o acampamento, o mundo inteiro subitamente se reduzissem a esboços imperfeitos, a réstias de luz, eu mergulhei para o mar e, em vez de cair entre as ondas, bati contra o solo da margem, até que, finalmente, acordei de uma vez.

— Psiu, não faça tanto barulho, vai acabar acordando os outros.

Levei alguns segundos para encontrar a minha lanterna, que estava onde eu costumava deixar, ao lado do saco de dormir. Comecei a bater nele com a lanterna, nas costas, na cabeça, no pescoço, não sabia e nem me importava o lugar em que o atingia. Então, ele soltou uma espécie de grunhido e me soltou. Eu me arrastei para fora, saí de baixo de seu corpo, fugi para fora da tenda.

A luz da manhã já se pendurava nas copas mais altas dos pinheiros.

O ar tinha gosto de sal.

Eu sempre tivera certeza de que alguma coisa desse tipo jamais aconteceria comigo e, de fato, nada de parecido jamais ocorrera até então; aquela pessoa que estava passando por isso agora, não era eu, eu mesma estava a quilômetros de distância.

Fiquei parada por algum tempo em frente à tenda. Observei enquanto os contornos da barraca iam se tornando lentamente visíveis, mas ele não saiu da tenda atrás de mim.

Então, eu caminhei devagar até a tenda de Svenja. Corri o fecho relâmpago da porta de entrada e me arrastei para dentro por baixo do toldo.

— Ralf – falei. — Ele está caído lá dentro da minha tenda. Aconteceu uma coisa – completei. Sem aguentar mais, explodi em lágrimas.

Svenja pôs uma das mãos em meu ombro. Depois me puxou para seus braços. Ela me abraçou, ela murmurou palavras de consolo,

ainda meio adormecida. Foi só então que minhas pernas começaram a tremer. Passei o resto do dia com arrepios e tremores, mas aos poucos fui melhorando.

Os outros passaram o dia inteiro no lago. A comissão enviada pela firma tinha-se decidido em favor do patrocínio e metade dos barcos seria substituída. Eles retiraram as canoas do ancoradouro e as transportaram pela margem, barranco a cima. Uwe tinha alugado reboques em Årjäng, para transportar os barcos: *esse bando de degoladores, só porque têm um monopólio de merda, querem deixar o cara pelado*, mas era uma reclamação pró-forma, todo mundo sabia e ninguém lhe deu muita bola.

Mais tarde, a outra metade também seria substituída, até que, finalmente, os dois lados externos de cada canoa estivessem claramente identificados com o nome do patrocinador, pela inscrição “Gore-Tex” pintada em grandes letras negras.

Logo depois, Uwe tinha ido embora. Em breve, novas tendas seria fornecidas. Uma vara de javalis tinha sido avistada não muito longe do acampamento. Havia crias no meio deles e as javalinas estariam muito agressivas.

Ralf já saíra de minha tenda e havia caído do lado de fora antes que Svenja o encontrasse. Eu tinha permanecido na tenda dela, a cabeça apoiada no lado dos pés de seu saco de dormir. Ela me deixou ficar lá dentro o dia inteiro, mas só voltou uma única vez, a fim de me informar que Ralf tinha ido diretamente para os lavatórios e colocado a cabeça embaixo do jato de água, a fim de diminuir um galo que tinha-se formado perto da nuca, no alto da cabeça e se saíra com uma história de que já se deitara com outros troncos de árvore antes e passara horas bem melhores com eles. Ela lhe fez uma advertência.

Porém, mais tarde, quando me levantei, com a intenção de ir nadar no lago para me refrescar e esclarecer as ideias, eu nem estava

me importando mais se estavam acreditando no relato verdadeiro do que ocorrera ou se iriam pensar que minha história era apenas o resultado de um pesadelo idiota enquanto eu estava meio acordada. Eu perguntei aos outros, mas ninguém vira nem ouvira nada. Tive a impressão de que eles nem queriam saber do que me havia sucedido ou que, pelo contrário, sabiam muito bem e não queriam se envolver no assunto.

Quando eu indaguei de Svenja, ela me olhou com pena, mas foi logo gritando:

— Fale logo de uma vez, você não confia na maneira como eu estou dirigindo este acampamento?

Ralf permaneceu longe de minhas vistas durante dois dias.

Apenas Sabine, naquela noite e quando não havia ninguém por perto, me disse:

— Você teve até sorte, por não lhe ter acontecido nada de pior e no final você acabou se dando bem.

Ralf tinha-se desculpado. Dois dias depois, ele veio me dizer que não sabia de nada, que devia ter bebido demais, que devia ter perdido o controle, louco de bêbado, mas que realmente não se lembrava de nada, mas que, se fizera mesmo alguma coisa, já fora repreendido e que se portara feito um animal. Ele cuspiu tudo isso de uma vez só e depois desapareceu na barraca dos equipamentos.

Svenja decidiu no dia seguinte que eu deveria tirar uma folga.

— Faça uma pausa – disse-me – para se recuperar. Você tem mesmo uma constituição meio frágil...

Ela fez menção de me abraçar, mas depois desistiu.

Eu fui até a aldeia.

Fui caminhando devagar até lá. Eu sempre tivera essa sensação de vazio após o sono. Algumas vezes de noite, também, antes de dormir, eu sentia a mesma coisa. Era como se alguém tivesse amarrado um cinto ao redor de minha cabeça. Embaixo do cinto corriam sempre os mesmos pensamentos.

Lá estava Ralf. E aqui estava eu. E não fazia o menor sentido indagar o que realmente havia transcorrido entre estes dois pólos. Se ele desde o começo de nosso relacionamento me havia tornado o objeto de suas fantasias sexuais.

Talvez, mas fantasias que, durante a madrugada anterior ele tentara concretizar com seu corpo dentro de meu saco de dormir, para que não mais o dominassem. Talvez fossem fantasias, mas eu não fazia a menor ideia do que ele realmente fantasiava a meu respeito e nem queria saber.

E mesmo que essas fantasias tivessem algum significado para ele, alguma coisa, que eu nem ao menos havia percebido, não tinha ficado ainda bem claro em minha cabeça se ele tinha pretendido vivenciar diretamente tais fantasias. E o pior é que não fazia o menor sentido indagar a respeito, porque eu não tinha a menor possibilidade de descobrir a resposta.

Eu mesma não podia colocar em ordem meus pensamentos. Talvez tudo o que havia ocorrido naquela madrugada, na tenda, tivesse a ver com o fato de que ele odiasse que qualquer pessoa soubesse a respeito de sua filha. Talvez dentro de sua cabeça houvesse a expectativa de que eu pretendia tirar uma revanche, fazer alguma coisa tão grande, provocar-lhe uma desilusão tão calcinante, que ele achasse que somente poderia dar fim a essa ameaça por meio de violência física.

Mas tampouco fazia sentido ir falar com ele e lhe perguntar a respeito dessas coisas, mesmo porque qualquer justificativa em que eu pudesse pensar para questioná-lo seria ridícula.

Segui a estrada que acompanhava a margem do lago e conduzia até a aldeia. Passava primeiro pela área de campismo onde os excursionistas armavam as barracas e depois por cima da ponte da eclusa, onde davam passagem aos barcos e, logo depois, à esquerda, começavam as casas do aldeamento de Lelång, junto às quais surgiam do lago algumas poucas ilhotas. Na cabine do pedágio que

ficava na entrada do lugar estava afixado um aviso de falecimento. Em Lennartsfors, eu segui pela rampa da saída que levava ao posto de gasolina e, logo ao lado, dava acesso ao “Lanthandel”, um minimercado que atendia principalmente aos excursionistas de passagem, que desciam o rio de barco ou em canoas de alumínio durante todo o verão.

Lá estava ela sentada em um banco.

— Schmoll – chamou-me de longe. — Como é que você ficou sabendo que a estava esperando aqui? Já faz um século...

Ela segurava um picolé.

— Bem, mais ou menos... É uma pena que não haja telefone por aqui.

Sentei-me ao lado dela.

— Mas aqui é também muito bonito – declarou, dando uma mordida em seu picolé. — É uma região mágica. E parece ficar cada vez mais bela, quanto mais tempo a gente espera por aqui...

— Eu não tenho paciência para esperar. A gente tem de esperar o tempo todo por uma coisa ou outra, tudo é motivo para esperas, todo mundo passa esperando que alguma coisa aconteça.

— Não é por qualquer coisa – disse ela.

— Você estava esperando que eu aparecesse aqui?

— Estava. Gostei de sua camisa.

— Você parece estar sempre cheia de entusiasmo – falei lentamente.

— Vou fazer você ficar alegre! – exclamou e me estendeu o que restava de seu picolé. — Tome, não quer um pedacinho?

— Isto não é uma camisa. É uma camiseta de mangas curtas.

— Mas, Schmoll! Você recém chegou e já está me contrariando! Ela quis colocar os dedos em minha testa, mas não deixei.

— Vou buscar alguma coisa para beber – falei. — Aqui é só um armazém. Mas devem vender alguma bebida alcoólica.

— Systembolaget é a melhor cerveja por aqui – disse ela. — Eles vendem aqui atrás mesmo, no “Lanthandel”. Mas não vá sozinha.

Eu também preciso comprar uma garrafa de álcool. Qual é o tipo de álcool que você prefere?

Entramos no armazém, ela caminhava meio passo à minha frente. Ela tocava com a ponta dos dedos nos artigos por que passávamos, chips de batatinha, pacotes de pãezinhos, caixas de flocos de milho, frascos de detergente.

— Vestido bonito, o seu – falei. — Estampado de bolinhas ou florzinhas?

— Abelhinhas! Não, folhinhas! Ou quem sabe, balõezinhos, bombons, bombinhas, qualquer outra coisa começando por “B”.⁸ Ou nada disso, eu aposto que você gosta de vinho tinto – disse ela, ao ver que estávamos na prateleira em que expunham as garrafas de vinho. — Ou, quem sabe, hoje você vai preferir vinho branco, o que você acha?

Peguei uma garrafa de Bordeaux, mas achei caro demais.

— Você não tem nada melhor para fazer, do que ficar sentada ao ar livre, esperando que alguma coisa aconteça?

— Você nunca esperou por nada? – ela redarguiu.

Eu peguei uma garrafa da prateleira dos vinhos e a empurrei de volta.

— Eu gosto do jeito que você é – falou subitamente, girando ao redor. — Você não consegue se decidir...

— Então, é bom que você seja decidida – declarei, minha voz forte demais, soando reforçada e distorcida a meus próprios ouvidos.

— Assim, você pode me ajudar a escolher.

— Quer dizer que você ficou contente por me encontrar?

No caminho para cá eu não conseguira superar aquela minha sensação de surdez. Eu tinha procurado. Eu tinha realmente imaginado que mais uma vez havia, nitidamente, procurado.

8. No original, “Bienen” [abelhas], “Blätter” [folhas], “Ballons” [balões], “Binsen” [juncos], “Böller” [morteiro]. (NT).

Lá estava Ralf. Lá estava seu corpo sobre o meu. Seus braços me envolvendo. Suas mãos me apalpando na semiescuridão. O cheiro forte da loção após a barba. O seu peso e os seus olhos.

E aqui estava a minha lanterna, que eu sempre deixava ao lado das esteiras sobre as quais apoiava o saco de dormir. Aqui estava o furor que me percorreu o corpo. E eu pensei: “você pode”. Aqui se achava também a hesitação. Apenas por uma fração de segundo eu havia hesitado. Eu tinha hesitado quando ele acariciou minha face com os dedos de uma das mãos e puxou meu rosto para ele e estava sendo realmente meigo.

Aqui se formou também a suspeita de que eu talvez, parada de manhã diante da tenda, através de tal hesitação, tivesse sido a responsável; que eu tivesse originado o mal-entendido. Que alguma coisa dentro de mim efetivamente pudesse ter reagido a ele e lhe pudesse ter provocado a excitação. A pergunta agora era somente de que modo eu conseguira me opor àquilo.

Eu não conseguira me libertar daquela sensação de surdez mental durante todo o caminho até aqui. Todavia agora, diante da prateleira cheia de garrafas de vinho, eu conseguira, ao menos por um momento, me esquecer daquela noite, minha cabeça ficara livre do cinto que a apertava e fui invadida por uma surpreendente leveza.

Ela era faiscante e me puxava alegre, e quando peguei um dos fardinhos de seis latas de cerveja, já me sentia melhor.

O caixa me pediu em inglês:

— *May I see your ID, please, as this is alcohol.*⁹

Ele estava na metade dos cinquenta, fazia parte do conselho municipal da cidade, mas vinha até aqui para trabalhar em seu negócio durante os meses de verão. Eu não trouxera a identidade.

— Sem identidade, não pode comprar bebida alcoólica. *These are the rules*¹⁰ — disse novamente em inglês. — Ninguém pode comprar bebida alcoólica antes de completar vinte e um anos.

9. Posso ver sua identidade, por favor, isso é bebida alcoólica. (NT).

10. São as regras. (NT).

— Mas você pode ver perfeitamente que eu já sou adulta!

— *I'm sorry*,¹¹ — disse o homem, insistindo em mostrar seu inglês.

Pegou o fardinho de cerveja de cima do balcão e colocou-o em uma pequena prateleira embaixo dele. — *Next time you bring it. Then you'll get the beer.*¹²

— Mas eu tenho cara de quem só tem treze anos?

Ele encolheu os ombros.

— E se ela comprar? — sugeri.

— *Same thing*¹³ — disse o caixa. — *I have to see her ID. She looks young.*¹⁴

Ela estava parada diante da área dos sorvetes e me olhou.

— Eles têm sorvete de limão, Schmoll, dê só uma espiada!

Ela levantou um recipiente bem alto.

— Você me deixa lhe dar uma caixa de sorvete de presente? Eu acho que vai ser muito melhor para você.

— Não vou me embriagar com sorvete.

— Ah, mas você pode se embriagar sempre que quiser — exclamou ela. — Você pode não acreditar, mas, muitas vezes, eu olho para você e tem mesmo cara de quem só tem treze anos, e ainda não aprendeu a se comportar com as pessoas! Estou brincando, você de fato dá a impressão de ser um ano mais velha.

— Pois é, nessa altura a gente tem idade suficiente para tudo que é merda, mas ainda não pode comprar uma latinha de cerveja!

— Quatorze anos... É, mas não parece ter ainda.

— Esse tipo me dá vontade de vomitar!

— Você não ouviu o que eu disse, Schmoll — disse ela. — Você nunca me escuta, já notou?

Do lado de fora o sol brilhava violentamente contra o telhado. Um grupo de jovens se apertava em um automóvel, um daqueles

11. Sinto muito. (NT).

12. Da próxima vez, traga a identidade. Então poderá levar a cerveja. (NT).

13. É a mesma coisa. (NT)

14. Tenho de ver a identidade dela. Ela também parece jovem. (NT).

Chevrolet com mala quadrada e comprida e aletas laterais erguidas dos dois lados, um modelo dos anos sessenta, sem a menor dúvida, de motor bastante silencioso. Bem de acordo com aquela tranquilidade de uma tarde sueca. Fiquei brincando com meu isqueiro em forma de lâmpada em miniatura, mexendo na pedra e fazendo a luzinha acender e apagar. *Continue a brilhar!* acendia e apagava por baixo da pequena chama que subia e descia.

Fomos até o posto de gasolina ao lado do minimercado, subimos a colina que ia para os lados de Lelång, atingimos a encruzilhada. Desta vez, ela estava usando um vestidinho curto que mal chegava para lhe cobrir a parte superior das coxas. Achei que preferia que ela usasse calças. Imaginei minha mão ali, onde o vestido terminava, vi o movimento da mão e de todas as outras mãos, vi minhas mãos com o olhar dos outros, o olhar dos que viam o cartaz da estação do metrô na *Kurfürstendamm*. O olhar de Ralf se enfiava por baixo da bainha do vestido.

— Afinal de contas, por que é tão importante – indaguei – que você me chame de Schmoll o tempo todo?

Ela deu uma risada.

— Acho que hoje você não está mesmo escutando bem.

— É alguém que você viu na televisão, cujo nome lhe chamou a atenção?

— Ah, esquece... – disse ela.

— Ou Schmoll é alguma pessoa por quem você já esteve apaixonada?

— Como é que você sabe disso?

— De onde eu tirei essa ideia?

— Sim. Como é que você sabe? Aliás, como é que você sabe se eu quero lhe contar ou não?

— Não faço ideia. Foi por isso que perguntei.

— Se depender de mim, não vou lhe contar nada.

A eclusa da represa estava fechada. A água estava sendo bombeada para fora dos tanques de concreto, enquanto o barco descia à

medida que o nível da água se abaixava. Eram os próprios tripulantes da canoa que se haviam encarregado de manejar as alavancas dos guindastes e os dois estavam em pé sobre a parede úmida e reluzente do lado da represa, porque a cada dois centímetros precisavam reajustar manualmente a descida da canoa.

— Este Schmoll... – indaguei e tive a sensação de que era obrigada a repetir aquele nome. — Este Schmoll, ele experimentou... Quero dizer, é coisa que já ficou para trás?

Ela permaneceu imóvel.

— Por que você pensa sempre as coisas mais horríveis?

— É a melhor maneira de agir, só assim a gente sabe como se defender. Vai ter de me aceitar desse jeito.

— Talvez seja a melhor maneira para você agir – disse-me. Ela ficou olhando para o chão, estava a menos de um metro de distância de mim. Ervas silvestres abriam caminho entre as tijeletas, os caules secos e amarelados tentavam se erguer para a luz e eram esmagados por pés calçados de botinas de marinheiro. — Todavia, você não acredita seriamente que, agindo assim, esteja do lado mais seguro?

— Não sou nenhuma idiota.

— Não, é claro que você não é. Contudo, não dá ouvidos ao que digo – insistiu ela. — Mas algum dia você me escutará, Schmoll.

— Podemos ir lá de novo? – perguntei subitamente. — Em sua casa?

Ela ergueu a cabeça e um sorriso começou a se espalhar muito lentamente por seu rosto. Já havíamos alcançado a praia, havia um barco ancorado ali adiante, um daqueles barcos amarelos de fibra de vidro, que eram alugados por um jovem sueco para navegar até o lado oposto do lago Foxen.

— De fato, você se acha em dívida comigo. Ficou de me contar como acabou a história com aqueles dois homens. Com aquele...

— Erik?

— Sim. Os do Jaguar. Em Fågelvik. E – acrescentei cuidadosamente – o que você realmente pagou pela casa.

Ela foi até o barco, tirou as sandálias e se espreguiçou.

— Você sabe qual é a coisa mais arriscada? — indagou. — O mais arriscado que existe é um excesso de luz!

Ela deixou cair as sandálias e correu em direção ao lago.

— Vamos nos banhar — gritou da beirada. — Venha, vamos nadar. Está quente demais para fazer qualquer outra coisa!

— O que você quis dizer sobre a luz? — gritei de volta.

Os canoieiros já haviam passado para o outro lado da eclusa, a esta altura deveriam já estar remando nas águas do lago Lelâng, cujo nível era mais baixo, enquanto a eclusa inferior permitia que a água restante fosse diminuindo de velocidade de forma constante. Eu havia assistido o processo vezes sem conta, mas agora só contemplava esta garota de vestido, que não era mais uma garota há muito tempo, repuxando a barra do vestido para cima da parte superior das coxas, começando a nadar para longe de mim, depois girando nos calcanhares para me olhar de frente.

— A luz — afirmou ela — é sempre ela mesma. Assim ou assim.

A cada “assim” ela dava mais um passo para dentro, em seguida o lago estaria fundo demais para que ela continuasse em pé. Ela gostava de se banhar toda vestida, ela me havia contado sobre uma visita que fizera ao Egito e vira os homens caminhando água adentro completamente vestidos, usando até cafetãs, era o jeito como sempre faziam, disse ela, mas o que importava era que ela tinha ido com seus pais a Alexandria e reparei ser essa a primeira vez que me relatava alguma coisa a respeito de sua família.

— A luz se enfia sob as pálpebras fechadas. Você já viu como é. A maior parte das vezes pode-se evitar, mas quando ela entra e permanece lá dentro, ela se empurra cada vez mais para o fundo, ela força suas lâminas para dentro da cabeça. Pois eu já não lhe disse? — exclamou ela.

Ela ficou parada dentro do lago com a água até as cadeiras, não havia ninguém nas proximidades, ninguém nos podia escutar, não era um lugar em que as pessoas normalmente viessem banhar-se.

— Perto de mim estava um menino de cabelos claros — prosseguiu.

Do lado oposto do lago havia um ancoradouro grande em que estava fundeado um cúter, uma lancha rápida. A margem inteira era banhada pelo sol.

— Ele ficou meu amigo, como se costuma dizer, mas era como se também fosse meu filho. Nós paramos diante de uma casa abandonada, os vidros das janelas estavam quebrados, diante da casa havia um monte de areia, areia e cacos de cerâmica, um pouco mais adiante estavam parados alguns homens, eles queriam alguma coisa comigo, eu não sabia bem o que era. Você está me escutando? Os homens olhavam para o menino e para mim. Junto ao monte de areia em frente da casa havia uma carruagem enferrujada, verde. Mas antes que eu entendesse exatamente o que os homens pretendiam, percebi que tinha de fugir. Senti uma intuição da coisa. Nenhum significado que eu entendesse. Os homens davam a impressão de serem feitos de concreto, mas era mais como se estivessem suspensos. Quando aquela coisa tocou nos homens, foi como se ficassem petrificados. Eu fugi por uma planície vazia, não se avistava um povoado, havia apenas árvores, terra, arbustos, estava fresco, era o princípio do inverno. Eu usava um vestidinho curto, estava sem sapatos, estava até com frio. O menino estava a meu lado. O garoto. Ele tinha três anos, talvez quatro, muito franzino e delicado. Ele não podia ficar em contato com o sol, ia acabar morrendo. Eu o agarrei pela mão e corri. Aquela coisa continuava atrás de mim o tempo todo. Ela não corria depressa. Mas permanecia diretamente atrás de mim, mantendo sempre a mesma distância, eu tinha de fazer algum rodeio para conseguir despistar fosse o que fosse. Havia pedras pelo caminho, árvores caídas. Eu sabia que a coisa cairia no chão assim que escurecesse.

Ela bateu com a palma da mão contra a superfície da água. Era como se alisasse as asperezas da superfície do lago.

— De qualquer modo, eu já estava exausta. Diante de mim avistei o rio. Havia um salgueiro. Eu afastei os ramos para um lado e me arrastei para dentro daquele espaço cinza descorado. Coloquei o menino sobre o solo. Ele estava fraco. Ele me contemplou com seus olhos grandes e claros. Mas então, escute bem, Schmoll, nesse momento, nesse exato momento, eu soube que você estava lá. Você era esta, esta criança, esta criança era você. Ele tinha os seus olhos. Ele não falava nada, estava fraco demais para falar, ele respirava de forma entrecortada, o menino não podia se erguer, não suportava o seu próprio peso. Ele se agarrara em minha mão e corria. Nem uma só vez me perguntara porque tínhamos de correr sempre em frente, nem ao menos chorou. Ele soube imediatamente que não se tratava de uma brincadeira. Quando eu lhe dissera: “temos de fugir daqui”, ele se agarrara firmemente em minha mão e os dois havíamos corrido. Quando vi que ele não conseguia correr mais, eu o levantei bem alto, segurei-o em meus braços e continuei correndo. E agora, ele estava sentado no chão, embaixo dos ramos do salgueiro, calças curtas, uma camiseta amarela de mangas curtas e estava de pés descalços. Os ramos do salgueiro desciam até encostarem-se ao solo, o sol fazia um esforço para se enfiar por baixo deles, mas não conseguia, a terra estava úmida ali. Estávamos em segurança enquanto permanecêssemos aqui embaixo, aqui no meio dos ramos, junto ao tronco da árvore. Nem sequer aquela coisa podia nos pegar aqui, porque estava escuro no espaço coberto pelos ramos. Mas tínhamos de esperar que a noite caísse, quando aquela coisa igualmente cairia por terra. Os homens tinham desaparecido. O menino estava tão enfraquecido que nem sequer conseguia ficar sentado, estava frouxo, balançava e se encostava-se a mim, eu o segurei no colo, ele tremia e passou os braços ao redor de meu pescoço e se soltou todo contra mim, estava tão frio ali, eu mesma congelava. Comecei a cantarolar um acalanto. Mas eu não lhe disse.

Aquilo não era uma pergunta.

— Era tudo um sonho. Agora você sabe, um dos piores sonhos que já tive.

— Isso tudo que você me contou me deixou com a sensação de estar bêbada.

— Olhe só para você. Eu lhe prometi, não foi?

Ela soltou uma gargalhada e mergulhou em seguida. A luz já se lançava em longos raios sobre a água. Estava ficando tarde. Mas eu não tinha nenhum horário determinado para estar de volta, de fato, achava que nem sequer deveria voltar ao acampamento hoje.

Ri junto com ela. Ri dela e ri de mim mesma, e ri da situação impossível em que me encontrava, parada em pé na margem do lago, inclinada obliquamente para a frente, no mesmo ângulo dos raios de luz e sem achar que nada disso fosse anormal.

Do lado oposto do lago, perto da lancha, dava para avistar duas outras mulheres, das quais uma estava parada dentro da água, seus longos cabelos molhados e pingando a água do lago. A outra ainda estava na margem e começou a correr vestida ao longo da praia, depois jogou fora seus tênis e a camiseta, de modo a deixar visível um biquíni de modelo esportivo. Eu vacilava ainda, o amigo e o amado, o menino e Schmoll ainda não faziam qualquer sentido, era uma declaração, uma confissão mesmo, segundo parecia, mas muito indireta e parecendo referir-se a outra coisa.

— Qual é o problema? — gritou ela de dentro do lago. — Está ainda muito quente. Não vai querer nadar comigo?

Ela já estava bem longe quando eu entrei na água.

Na manhã seguinte, todos os outros estavam com vontade de sair do acampamento. Segundo parecia, eles não podiam mais, ou não queriam mais, suportar a tensão das longas horas de trabalho, a escassez de material e a permanente falta de um alimento ou de outro. *Não é de admirar que a gente ande estonteado.* Alguns deles estavam reunidos ao redor dos banheiros, ainda era cedo e a

maior parte da área permanecia ensombreada. Outros estavam sob os pinheiros e suas peles pareciam escuras, como abstraídas da luz cinzenta, ou ainda se distribuíam separadamente, distantes uns dos outros, sob as primeiras poças de luz, que esta manhã parecia dura, com uma aparência metálica e líquida, pensei eu, que se difundia e espalhava por toda parte, talvez fôssemos hoje ter uma tormenta.

Eles não me cumprimentaram. Ficaram ajustando os elásticos que prendiam as barras das calças, como se estivessem soltos até esse momento. Wilfried ficou repuxando a jaqueta de excursionista ao redor dos quadris e então disse a alguém, *será que já está faltando pão de novo?*; os garotos já estão comentando que a ração de pão é mais velha do que eles, depois ele começou a remexer lentamente no saco, *realmente foi uma ideia genial comprar esse pão ensacado em plástico já vencido*, só Ralf mesmo era capaz de gostar disso. Mas Ralf não estava em lugar algum que eu pudesse vê-lo.

Fui tomar uma ducha. Quando retornei, ouvi dizer que Svenja dissera no outro dia que queria erguer proteções ao redor do acampamento, mas que Uwe nem quisera saber disso *e somos nós que vamos ter de espantar as porcas quando elas chegarem*, disse Sabine; uma proposta que ele fez que não ouvira. Mas ela não teve permissão para acompanhar, Svenja determinou que ela deveria permanecer no acampamento, e eu percebi o olhar de Sabine. Ela queria que eu ficasse com ela. Mas o acampamento estava apertado demais, tão apertado como os apartamentos de Halberstadt.

Quando eu fui buscar minha carteira na tenda indiana, me deparei com Ralf. Ele tinha arranjado um lugar para sentar-se junto à beira da floresta. Estava sentado sobre o toco de uma árvore, com a bola de futebol sobre os joelhos. Inicialmente ele a examinou com cuidado e tive a impressão de que pretendia espremê-la, até tirar à força todo o ar para fora. Então percebi que ele tinha um pano grosso nas mãos. Ele cuspiu no couro e esfregava com força.

Quando ele ergueu a vista para olhar ao redor, eu não fiz qualquer tentativa de me esconder.

Ficamos nos encarando.

Então, ele indagou:

— O que é que há?

Em seguida ele desviou o olhar, equilibrou a bola na palma da mão, jogou-a em minha direção e se levantou.

— Afinal, esse trabalho é mesmo seu, não é?

Enquanto isso, os outros tinham fechado a tenda da cozinha. Diante do barracão dos equipamentos estava pendurada uma corrente com cadeado e Svenja ligou o dispositivo de alarme.

Ela chamou Wilfried e a mim para irmos com ela até Årjäng, onde havia um armazém ou dois. Fiquei contente ao ver que Ralf embarcara no carro de Marco. Para onde eles iam, eu não fazia ideia.

Fomos até o micro-ônibus. Svenja sentou-se atrás da roda da direção.

— A gente deveria fazer isso com mais frequência – disse eu, enquanto me sentava no lugar do carona. — Podíamos sair secretamente para acampar em um dos lugares ilegais.

— Quando a gente acampa em algum lugar proibido – disse Wilfried, do banco de trás – não se pode acender uma fogueira.

— Dá para levar um fogãozinho portátil – disse Svenja.

— Mas nem isso – disse Wilfried. — Esses suecos sentem de longe o cheiro do fogo. Mesmo assim, eles passam se agachando no meio das florestas dentro de suas “*Fritidshus*”, suas “casinhas de recreio” e isso é permitido, eles até as fornecem aos excursionistas que quiserem alugar.

— Uwe nos disse que nós mesmos podemos montar umas excursões, ou melhor, quem disse foi Sabine.

— Montar excursões nós mesmos... – disse Svenja. — Espero que aquele maluco do Ralf não ouça falar nisso.

Eu não disse nada.

— Desculpe... – ela murmurou. Estava quente dentro do microônibus. Algumas moscas haviam pousado e permaneciam

imóveis no interior da tolda plástica, depois vi que alguém as tinha esmagado com a palma da mão.

— Você sabe — disse Svenja depois de algum tempo — eu acredito que isso foi salutar. Até fez bem para ele. Isso não tinha nada a ver realmente com você. Ele precisava daquilo. Ele estava se sentindo totalmente tolhido por aqui. Ele se precipitou. Já faz vários anos. Quero dizer, quando foi a mudança? E você vê, desde então foi a única convulsão que ele teve. Você deve ter observado, de vez em quando um dos músculos do rosto dele começa a se contrair. Você simplesmente se comporte com cautela, ele é meio doente. Essas maluquices que ele faz de vez em quando, você não tinha como saber quando andou se aproximando dele. E de repente, alguma coisa fez com que ele entrasse em surto. Quando você reprime um mecanismo desses, acaba provocando um movimento muito mais exagerado. Mas o músculo acaba por se soltar.

— Você só fez o bacharelado — indaguei — mas já está trabalhando em sua tese?

— Você está fugindo do assunto. Escute o que eu lhe disse! E você já arranhou alguém por aqui, não foi? — repreendeu-me Svenja. — Só assim você se consola — continuou, olhando diretamente para frente. — Ou não é assim?

A estrada passava através da floresta em espirais apertadas. A maior parte das árvores eram abetos. À direita, se avistava um lago.

— Você ainda não a seduziu? — ela perguntou baixinho.

— Você preferia ser a sedutora? — perguntei-lhe, em voz igualmente baixa.

Agora a estrada se alargara, com uma faixa para tráfego lento, depois de algum tempo, ultrapassamos um caminhão que transportava madeira, logo não avistávamos mais ninguém no caminho.

— Mesmo que eu quisesse — respondeu — como é que eu iria saber que ela mesma queria?

— Você chega e diz simplesmente, “hey, baby!” e lhe pergunta se ela quer dormir com você, ora! Mas só fora do acampamento.

— Ela tem tetas bonitas?

— Não faço a menor ideia, sabe? Eu gosto mais de olhar bundas bonitas.

A estrada seguia agora ladeira acima, em direção aos montes, dava para escutar como o motor perdia a força, enfraquecia na subida, ela tinha de engatar uma mudança.

— Por que eu realmente não fico nem um pouco nervosa perto de você? — ela indagou logo a seguir.

— Ora, porque você é heterossexual.

— Às vezes, eu tenho fantasias.

— Setenta por cento de todas as mulheres heterossexuais tem esse tipo de fantasias de vez em quando — falei, girando a maçaneta para baixar o vidro da janela. Coloquei a mão no vento, eu já tinha participado desse tipo de papo mais de mil vezes. — São justamente as fantasias que a tornam mais segura de si.

— Setenta por cento — murmurou Svenja e relanceou um olhar para Wilfried pelo espelho retrovisor. — Mas é uma percentagem enorme... Isso já foi comprovado, quer dizer, já fizeram alguma pesquisa a respeito?

— É o que se lê em toda parte.

— Mas setenta por cento de quê? — indagou Wilfried. O ruído do motor estava alto, Svenja fez que não ouviu e não respondeu.

— Bem, vá lá que seja — disse ela a seguir. — Contudo, mesmo que eu tenha ocasionalmente essas fantasias, eu não tenho medo de você.

— Nem tem motivo.

Ela guardou silêncio a partir de então e eu fiquei contente.

Chegamos em Årjäng quase exatamente ao meio-dia, estacionamos na praça do mercado, até o café estava fechado. As cortinas de metal tinham sido abaixadas. Sobre as mesas brancas colocadas em frente ao café pairava uma espécie de nuvem de calor. Instintivamente, eu me enxerguei sentada ao lado dos dois velhos, mas a praça do mercado estava completamente vazia de gente.

Ficamos parados por ali, Svenja e Wilfried a meu lado, mas não muito próximos. Svenja acendeu um cigarro, parecia não ter nada mais importante a dizer, o armazém também estava fechado.

— *Welcome to ghost town*¹⁵ – falei – como diria Sabine.

Nenhum me respondeu e fiquei parada ali, pensando nas duas mulheres que vira na véspera, do outro lado do lago e na garota em seus vestidos e isso, pensei então, era importante.

Um sorvete de cabinho... um picolé.

Ela havia sonhado com um menino de quatro anos e com uma coisa que não parava de perseguir os dois.

A tal Coisa era importante. Também eram importantes Schmoll e aquela casa e a maneira como ela ria feito uma criança.

Depois que eu comecei a nadar no lago, ela emergira da água, agarrara meu pescoço e com seus lábios úmidos, sua boca risonha bem perto da minha, dissera:

— Schmoll, até que enfim você apareceu, venha me salvar!...

A pergunta era: “salvar de quê?”

Os dias em Årjäng eram todos iguais uns aos outros. Ela tinha embarcado naquele Jaguar, com Erik e com o outro homem que tinha olhos que pareciam grãos de pimenta por detrás das lentes grossas, ela era bela. Isso não parecia ter passado despercebido aos olhos dos dois. Ela viajara com eles até Fågelvik. Era uma estrada de pista única, conforme me contara. Percebi logo que era uma dessas estradas cobertas de pedra britada. Eles passaram por campos de cultivo, atravessaram longos trechos em que não se encontrava ninguém. O Jaguar era desses cujas portas se abriam e fechavam automaticamente e Grãos de Pimenta tinha trancado o carro com o seu controle no momento em que dera a partida.

Todavia, no estacionamento da praça só estavam agora o nosso microônibus e um carro antigo de um tom de azul berrante, com

aletas erguidas de ambos os lados do porta-malas quadrado. Pelo ar chegava um cheiro forte parecido com alcatrão.

Wilfried ergueu um dos braços para proteger os olhos com a mão, seu blusão de excursionista fedia, aqui se percebia melhor, bem no centro de uma cidadezinha brilhante de limpeza.

— Eu coleciono selos – comentou ele – para minha esposa. Acho que vou até ali enquanto a gente espera.

Do outro lado da rua havia uma agência postal que parecia aberta. Svenja o acompanhou até lá.

Fiquei contente que eles tivessem me deixado sozinha. Parei mais algum tempo em frente ao Café, andando para cá e para lá, esperando que acontecesse não sabia o quê. Senti raiva porque os dois homens não estavam ali hoje e eu não lhes pudesse fazer umas perguntas.

Mais adiante, vi um homem entrar em uma loja, uma espécie de bazar, um fulano de meia idade, fui andando atrás dele por falta de nada melhor para fazer. Eu segui o estranho até o departamento de roupas masculinas. Permaneci ali enquanto ele parava diante da vitrine de camisas. Ele puxou uma manga, prendeu uma etiqueta com o preço e alisou o colarinho.

Eu gostei de sua camisa.

Eu percebi que, no que se referia ao aspecto geral das camisas, a maioria era listrada, mas eu não entendia nada a respeito dos tamanhos. Até agora eu usava qualquer coisa, desde que fosse simples e cortada em linhas retas. Roupas de segunda mão de leilões beneficentes, os pulôveres de meus irmãos, depois que eles tinham crescido e não lhes serviam mais, mais tarde calças e jaquetas que alguma de minhas amantes me emprestava e que eu me esquecia de devolver. Em Halberstadt, eu usava um parka verde a maior parte do tempo, pelo menos quando fazia frio.

Eu gostei de sua camisa, ela dissera.

Eu fiquei remexendo nas camisas tamanho Grande XS. Examinei as cores, passei os dedos pelos cabides onde ficavam dobradas,

15. Sejam bem-vindos à cidade-fantasma. (NT).

observei as diferenças entre os diversos modelos. Eu recordei o que meus irmãos usavam, números de colarinhos, comprimento das mangas, "bottoned down".¹⁶ Acabei me decidindo por camisas de manga curta. Peguei uma camisa de listras azuis e coloquei diante de meu peito. Enquanto o homem olhava para meu lado, pretendi que estava procurando ver se tinha algum defeito e me enfiei depressa em uma cabine de provas. Retirei a camisa do cabide e a coloquei por cima da cabeça.

As listras se destacavam claramente sobre meus seios e minhas costas.

Não eram as listras que causavam as alterações. As listras se fechavam à altura dos ombros e dos quadris, como deviam, a camisa servia.

Mas a modificação era espantosa.

Não é que fosse grande, ela existia apenas em um deslocamento, como se alguns detalhes estivessem retorcidos ou retificados, ou como se um corpo fosse constituído de mais de um perfil, dos quais, não obstante, somente um fosse realmente visível e que tal visibilidade fosse dependente de uma afirmação. Mas esta camisa não era uma afirmação.

Eu estava em uma cabine de provas improvisada de uma casa de comércio em que se vendiam coisas de todos os tipos: roupas de segunda mão, cadeiras de jardim e até mesmo salmões e eu percebi que realmente dava a impressão de ser um rapaz e me sentia como se fosse um.

Com quatorze anos, no meio da puberdade.

Aquela camisa modificava até meu rosto. Aquela fisionomia anteriormente esportiva, que talvez até me conferisse um aspecto áspero, se modificara, como se subitamente adquirisse um novo significado e causasse diferente impressão. Meu rosto ficara mais fraco.

16. Com botões firmando as pontas do colarinho para mantê-las sempre no lugar. (NT).

Esta camisa de rapaz deixava meu corpo mais franzino e delicado. Quase meigo, quase insinuante. Um rosto aberto, até assumira o aspecto do corte de cabelo quadrado que os suecos em geral usavam.

Talvez fosse por isso que o vendedor de Lennartsfors tivesse recusado vender-me cerveja. Eu estava com uma aparência distraída, ainda meio estonteada por efeito do assalto de Ralf, talvez o vendedor tivesse enxergado imediatamente um rapaz em mim ou alguma coisa indicasse ou aludisse a um rapaz e isso automaticamente me fizesse parecer mais jovem. Talvez o vendedor descobrisse aquilo que ela, aquela garota, que nunca atribuíra um nome a si mesma, quisera enxergar em mim o tempo todo. Aquilo que ela de fato via.

Ela nunca me dissera como se chamava. Ela não queria me dizer. Seu nome pertencia a muito poucos, era o que ela me havia afirmado diretamente e sem rodeios. Estrondosa e teatralmente. Sem enfeitar nada. Ela não me dissera seu nome e eu tinha achado que era uma coisa tola. Tola e elaborada.

Mas era aqui que eu estava. Eu estava parada diante deste espelho, usando uma camisa listrada de azul, dentro da qual eu enxergava a mim mesma como se fosse um rapazinho de quatorze anos. E nada era mais uma tolice. Tudo se transformara em possibilidades. A camisa me permitia um espaço de jogo, ela desligava o meu sistema de alarme interior.

Ela tornava possível descobrir como a outra se chamava.

Seu nome estava tão claro que se tivesse sido gravado no espelho que estava diante de mim. Eu só precisava ler, eram quatro letras apenas, uma palavra com duas letras "i", dois sons amarelos como o sol, um nome de aparência nórdica e singela, e cujo significado cabia nela perfeitamente bem e era tão compreensível por si mesmo como se eu a tivesse conhecido desde sempre por tal nome.

Siri. Era o único nome que respondia a todas as perguntas, porque começava com "S". "S" de Surpresa, o "s" de uma simples flor do campo, o "s" do sal de um pastel folhado, o "s" da seda, o "s" da

saudade. Para mim, era o que ela significava, mais um “s”, ela era Siri. E eu me sentia segura de que ela gostava desse nome.

Depois de remexer um pouco nas pilhas de roupa interior masculina, eu encontrei uma espécie de cueca de tecido negro transparente, logo soube que isso também a agradaria, eu achei que coincidia, tudo parecia coincidente nesse dia, as coisas incidiam levemente e apenas a grande distância recordei ainda mais um dos comentários de Ralf: *Merda de mentalidade conformista, hoje em dia tudo tem de ser cruzado e generalizado.*

Também a uma distância muito grande corria uma outra ideia.

Talvez naquela noite, Ralf também tivesse descoberto o rapazinho. Talvez ele tivesse também entendido, sem perceber e nem sequer de forma obscena, mas ele tinha aproveitado a percepção, ela o tinha excitado e o impulsionara a entrar em minha tenda para me estuprar. O rapazinho era uma coisa que ele não podia entender. Uma coisa cuja propriedade nunca lhe pudera pertencer biologicamente. Uma coisa que não lhe cabia, mas que tantas vezes desejara.

Biologicamente ou por meio de uma lei tácita, mas permanente.

O rapazinho contrariava a lei, ele tornava uma parte de meu corpo imune aos princípios dessa lei. Inatingível. Um território extraterritorial.

Na manhã seguinte eu me alternava com Ralf no cuidado dos barcos.

Svenja não me abriu mais nenhuma exceção, o dia de folga que me dera tinha sido inteiramente um capricho, do mesmo modo que concedera um a Ralf e sua intenção agora era deixar bem claro que a ocorrência ficara totalmente para trás.

Nesse dia, o céu estava encoberto.

A metade dos barcos já fora devolvida ao acampamento, devidamente marcados com a inscrição do patrocinador. Por uma questão de segurança, Uwe havia estacionado o gigantesco reboque dos

barcos a cinquenta metros acima do atracadouro. Dessa distância, os barcos tinham de ser simplesmente erguidos e transportados até a doca e empilhados.

Alguém perguntou, já que um barco de alumínio era realmente à prova d'água, por que era necessário o trabalho extra de descrever o que era, juntamente com o nome do patrocinador, *será que eles pensam que somos uns idiotas?*

— Isso é porque Uwe se enfiou até o pescoço na latrina da tautologia – disse Ralf, enquanto tirava sua camiseta, que empregou para secar o fundo dos barcos. — Tautologia, vocês sabem o que é, não sabem? Como falar em cisne branco.

Nos barcos nadavam agulhas de pinheiro e a poeira formara lama sobre as poças de água em que os pássaros tinham se banhado naquela manhã. Ralf trouxe para perto um carrinho para transporte de barcos e ergueu a braços uma canoa que já estava limpa e eu deveria ajudá-lo a empurrar o carrinho com a canoa em cima até o atracadouro. Mas não comecei.

— Também é tautológico – indaguei – escrever “no gays!” em uma bola de futebol?

Ele largou o carrinho.

— Você ainda está com raiva por causa disso? Eu já me expliquei, o assunto já está encerrado.

— Talvez nós não devêssemos encerrar coisa nenhuma.

A pele da parte de trás de seu pescoço empalideceu.

— E onde é que se encontra o maldito motivo disso?

— Se aquilo que você disse é tautológico, então as duas coisas são, ambas foram idênticas. Significa que uma bola de futebol não tem nada de pomposo. Mas houve alguém que a achou importante o suficiente para escrever uma coisa em cima dela. Que ela verdadeiramente despertou na cabeça de alguém pensamentos a respeito dessa frescura toda enquanto permanecia simplesmente jogada no gramado.

Percebi que estava agarrando meu isqueiro entre os dedos e que a rodinha da pedra estava se aquecendo.

— Homens, homens, homens – disse ele. — Alguns talvez possam se alarmar por qualquer bobagem. Pegou o que eu quero dizer?

Desde a ocasião em que viera se desculpar comigo eu não tivera nenhuma outra conversa com ele. Mas vi que não era difícil. Estava funcionando. Estava funcionando até muito bem, desde que ele não viesse de novo me atacar de noite. Na hora em que se via como ele pulou para o lado de Svenja, na hora em que a canoa escorregou e a ajudou a segurar. Como ele equilibrara facilmente a canoa dela. Quando se sabia que ele classificava sua coleção de bonecas francesas Monchichi por tamanho e colocava as maiores na prateleira de cima.

— Então, quem sabe, eu solto tudo de novo – disse ele. — Acho melhor deixarmos para trás essas suas acrobacias mentais.

Eu o encontraria de novo, sempre junto com os outros, todas as noites, à beira da fogueira, nos lavatórios com a pasta de dentes, a toalha de rosto pendurada no ombro, ele fazia o mesmo que os outros com a espuma da pasta de dentes, ele a cuspiam fora em um arco inocente, era a regra que todos seguiam. Eu o veria no depósito de carvão, na praia, em volta das barracas. Eu desistira de dormir nas tendas indianas em formato de cone, porque estas ficavam afastadas do centro do acampamento, agora eu iria dormir em uma das tendas regulares, mais perto dos outros, durante as seis semanas que faltavam. Mas era estranho que eu não tivesse previsto desde o começo que aquilo poderia acontecer. Não estava emocionalmente paralisada. Nem sofrera um verdadeiro choque. Aqueles tremores já tinham terminado faz tempo. Tinha sido apenas um ataque de nervos, eu percebia que tinha sido uma forma de reforçar a resistência de meu corpo e agora tinha de novo condições de conversar com ele.

Durante esses dias, os outros falavam nas mesmas coisas de sempre e pareciam não ter o menor interesse no que me acontecera.

Tinham mais o que fazer.

E talvez tivessem toda a razão. Talvez tudo aquilo já se tivesse tornado irreal para os outros. À medida que passava o tempo, o incidente se tornava cada vez menos real até mesmo para mim.

Mas aquela espécie de surdez ainda me acometia durante as noites. Eu escutava todos os ruídos noturnos. Eles se erguiam de um patamar em que se localizava o gramado, particularmente significativo. Era dali que chegava o ruído rascante dos fechos relâmpagos quando os outros abriam e fechavam suas tendas; por ali me alcançavam os golpes duros das ondas quando se esbatiam contra a margem do lago. O vento trazia os sons de música sintética desde o povoado de Lennartsfors. Em cima do posto de gasolina morava uma roqueira e ela dava festinhas regularmente. Devido à distância, a música chegava bem mais fraca, os tons me atingiam amortecidos.

Mais tarde, escutavam-se os gritos dos animais. Soavam de um modo que as feras pareciam estar cercando densamente o lago inteiro, seus brados crescendo e intumescendo em lamentos ocos e profundos. Era um som que, devido à sua própria altura, se transformava em solidão aqui fora, entre as tendas, um clamor ao mesmo tempo consolador, duro e desumano, que perdurava por um longo tempo.

Ainda mais tarde, eu ouvia quando o fogo se apagava, o saco de dormir parecia endurecer e eu pensava em Siri e que, nesta manhã, ela não aparecera, que não a encontrara o dia inteiro e começava a imaginar, numa espécie de temor indefinido, se ela continuaria desaparecida para sempre.

O chão estava úmido. Eu tossi e o ruído parecia rarefeito e irreal. Talvez eu estivesse adormecida. Meus irmãos estavam ali. Nós dormíamos os três no mesmo quarto, na mesma cama de madeira, em um colchão de ferro listrado. Eu dormia entre os dois, separada deles pelo lençol em que me enrolava, mais tarde nós jogávamos fora as cobertas, o calor deixava nossas pernas suadas. Eu gostava

daquele cheiro quente, do aperto de seus corpos contra o meu de ambos os lados, não tínhamos mesmo muito espaço na cama. Furtivamente eu os observava, como as mechas de cabelos dos rapazinhos adormecidos deslizavam sobre seus rostos, eu me apertava mais contra um deles então, colocava seu braço ao redor de meu pescoço e sentia a pressão de seu sexo contra a parte superior de minhas coxas. Um pouco mais tarde aparecia minha mãe, dizendo: “*Acho melhor você começar a dormir sozinha*”, e eu acordei.

Lá fora o caminhão LKW para transporte de carga pesada estava com o motor ligado, carregado de remos e outros materiais estragados que deveriam ser levados para a oficina de consertos em Berlim.

Eu fiquei imaginando como seria viajar nele. Não fazer mais nada por aqui. Largar o emprego antes do final do contrato, desistir do salário e retornar para Halberstadt. Eu percebi que Ralf e os outros logo afastariam minha lembrança de suas memórias.

Também Siri teria de afastar de si minha recordação. No final, ela tinha para mim apenas a natureza de um devaneio de embriaguez.

E a opinião de meus irmãos se confirmaria. Eu teria fracassado.

Não, eu não retornaria antes do dia marcado no contrato.

Saí sem licença do acampamento no dia seguinte. Eu me instalei sobre o ancoradouro. Fiquei esperando por ela junto aos barcos, na expectativa de que ela me visse sentada ali e aparecesse. Tinha colocado a camisa de listras azuis recém-comprada, com os botões superiores abertos e usava a sunga por baixo das calças. Além disso, eu reunira tudo quanto poderíamos precisar, remos, esteiras, utensílios de cozinha. Se ela viesse, pretendia fazer uma excursão. Eu queria convencê-la. No caso dela não aparecer hoje, eu juntaria as mesmas coisas e novamente viria sem permissão para a margem do lago no dia seguinte e me instalaria ali à espera dela.

O céu estava branco e as nuvens pareciam escarpadas. A luz caía sobre o lago de forma tão lisa e superficial que se misturava com as águas. Contra o horizonte brilhante a impressão conjunta era a de

um peso semi-desfeito que se aproximava aos poucos. Inicialmente invisíveis, os contornos escorriam, depois claramente se formavam, definiam e erguiam lentamente seus perfis. Então, percebi pelo canto dos olhos joelhos levemente voltados para dentro, logo acima um triângulo branco que, ao aproximar-se, transformou-se em um vestido sustentado por uma tira que passava por trás do pescoço, a seguir notei um bracelete de pedras cor azul-turquesa e de novo me pareceu que eu somente me daria bem se permanecesse junto desta figura de aparência tão brilhante.

Ela continuou parada onde estava. Parecia estar estudando detalhes insignificantes, realmente como se acompanhasse com o olhar cascudos ou lesmas movendo-se através do capim.

As palmas de minhas mãos estavam quentes. Tive a impressão de esperar durante anos até que, finalmente, Siri veio até onde eu estava.

Ela virou o rosto obliquamente, de forma a me observar melhor. Ela estava examinando minha camisa.

— Custou barato — disse eu. — Saldos de fim do verão:

Empurrei a canoa para dentro da água e limpei as agulhas dos pinheiros e a areia que se haviam acumulado nos bancos. Ela sentou-se novamente perto da proa.

O lago se estendia à nossa frente, perdendo-se ao longe na baía da margem oposta, até os últimos riscos na linha do horizonte, que a essa distância não davam para ser interpretados realmente como terra. Na parte central, o lago tinha uns duzentos metros de fundura, mas eram as águas mais claras da província de Dalsland, disse ela, embora para mim parecessem turvas, naturalmente porque eu havia revolvido o lodo do fundo com os remos.

— O azul fica bem em você — exclamou ela, de repente. — Para onde é que nós vamos hoje?

— Você escolhe o lugar ou, então, vamos a um baile. Ou seguimos ao acaso, para onde der e vier.

— Um baile – disse ela. — Acho que vou gostar, vamos, então?

— Sim. Siri – falei. Depois fiz uma pausa. Como ela não reagisse, a palavra ficou girando traiçoeiramente dentro de minha boca, varreu-me a pele das costas, revelou o próprio ridículo da revelação que tivera na cabine de provas, no momento em que colocara a camisa de rapaz pela primeira vez, revelou-me diretamente o ridículo daquilo tudo. Eu lera errado o nome. O nome se apresentara para mim falsamente, em escrita especular e, como resultado, eu o discernira ao contrário, ela deveria chamar-se Iris e não Siri como eu primeiro imaginara. Ela se divertiria com isso, ou pior: talvez ela se aborrecesse com minha burrice, eu era tão burra que até seu nome distorcera de uma forma tão absurdamente inconveniente.

Ela bateu com seu remo na água e impulsionou o barco.

— Schmoll – falou subitamente – você está se sentindo bem?

O barco ameaçou emborcar, um bando de patos escuros alçou vôo quase diretamente à nossa frente, eu tinha virado demasiado para a esquerda.

Pilotei diretamente para o pequeno promontório passando o poste telegráfico, em direção à saída do Foxen.

— Mas eu não vou dançar com você.

À distância, se divisava a torre da igreja luterana de Fågelvik.

— Uma pessoa chamada Siri não dança – declarou. — Você já deveria saber disso antes.

— Nunca?

— Com ninguém.

Seguimos navegando em silêncio, diretamente em frente. Eu, por estar embasbacada de alegria, ela talvez somente porque estava junto à proa e fosse difícil para ela virar o rosto e falar em direção à popa.

Um homem acenou para nós da margem. À exceção dele, a mata parecia desabitada e intransponível. Um pouco mais tarde, chegamos à enseada que ficava em frente de Trollön, uma ilha que

já é metade norueguesa. A enseada se abria por trás de um rochedo alto e escarpado. Deixei o barco deslizar pela corrente. Em seguida, ele penetrou nas sombras.

— Você viu como eu sou feliz? – disse-me. — Não me canso de lhe afirmar isso, nunca é o suficiente.

O rochedo se erguia sobre as águas, era a parte final de uma série de patamares que levavam a um planalto e alguém tinha cortado degraus largos na pedra. Bem no alto, havia uma área de campismo que muito pouca gente conhecia. Na verdade, era ilegal erguer tendas ali, mas em um descampado havia um fundo em que alguém havia armado um lugar provisório para fogueiras temporárias.

Eu queria lhe mostrar Trollön durante o pôr-do-sol. Do alto do penhasco via-se o horizonte avermelhado até uma grande distância, até que o anel da fímbria fosse progressivamente imergindo na escuridão. E a água era funda o bastante por aqui para que, na manhã seguinte, pudéssemos mergulhar de cabeça do alto do rochedo.

Dirigi o barco para a margem. Desembarquei.

— Você é a única pessoa que consegue me deixar feliz assim – disse ela. — Na verdade, esta é a primeira vez em que me sinto realmente feliz.

Estava fresco e calmo na enseada. Tinha cheiro das algas que tinham ficado encalhadas na beira do penhasco e que aos poucos se ressecavam. Um eco retornou do rochedo. Ela ficou sentada na ponta da canoa e seu vestido parecia projetar uma sombra branca.

— Siri – falei. Eu queria descobrir se o nome realmente lhe agradava. Eu queria que fosse comprovado uma vez mais. Mas ela permaneceu calada, sem me prestar esse favor. — Até que ponto este é um sinal de sorte? – falei finalmente.

Ela esfregou um braço, estava toda arrepiada.

— Olhe só para aquilo! – exclamou, apontando para o fim da enseada. — Você acha que estão maduras? Eu gostaria tanto de comer algumas!...

Sobre o terreno encharcado cresciam pés de framboesas. Eu puxei a canoa transversalmente para a praia. Ela marinhou para fora, correu sobre as rochas e desapareceu no meio dos arbustos.

— Quer saber de uma coisa, Schmoll?... — falou ela de algum lugar no meio das framboesas. — É a pura verdade. Eu nunca fui tão feliz antes. Assim feliz como quando estou com você é a primeira vez em minha vida.

— Quando estou a seu lado, também me parece ser sempre a primeira vez.

— Você está aborrecida comigo por causa disso?

Seu vestido enredou-se no matagal quando ela saiu. Ela me estendeu a mão com as bagas que arrancara dos ramos e eu peguei algumas, tocando com a ponta de meus dedos nos dela.

— Não.

— Que bom! Há muito poucas coisas que você possa fazer para me deixar aborrecida com você.

— A lástima é que a primeira vez só pode ser a primeira uma única vez.

— Sim — concordou ela. — Mas como seria se, por exemplo, não chegasse a haver nenhum começo. Quer dizer, quando a coisa absolutamente não começasse...

— Infelizmente, nós temos começo e temos fim — retorqui. — E entre os dois, temos uma biografia.

— Tome — disse ela, estendendo novamente a mão cheia de framboesas em minha direção. — As primeiras são para você. Porque está aborrecida comigo.

— Eu não estou aborrecida com você.

Ela me contemplou com um ar de expectativa, ainda me estendendo a mão cheia de framboesas.

— É somente que... — acima de mim as copas das árvores deixavam livre um pedaço de céu claro. Ela estava parada à minha frente, a distância era mínima, eu via seus pés, cada artelho separadamente

perceptível. Em algum lugar acima de nós deveria estar o sol, de algum lugar brotava a luz, eu joguei as bagas na boca, uma ou duas erraram o alvo e escorreram, eu tinha feito um movimento rápido demais.

— O que há então, Schmoll?

— Nada. Não é nada.

— Talvez você ainda não tenha a disposição — disse ela, segurando-me a mão, desta vez bem apertada. — A disposição para começar — continuou. — Mas a gente precisa arriscar.

Ela me puxou mais para perto.

— A gente precisa sempre se arriscar externamente, sair o mais que puder para fora — disse-me, com simplicidade. — Quando se quer obter ao menos uma parte do que pode ser esperado, é sempre necessário se arriscar — prosseguiu, enquanto me soltava. — E você está usando a camisa. Você acabou de comprá-la.

Retiramos as mochilas de dentro do barco.

Eu havia trazido uma pequena tenda dobrada, mas talvez fôssemos preferir adormecer ao ar livre, estava quente o bastante para isso.

Carregamos a tenda para cima, juntamente com os coletes salvavidas, pão e algumas almofadas. Eu carreguei sozinha o recipiente com a pequena quantidade de provisões pelos quatro patamares que conduziam gradativamente ao alto do penhasco; ela disse que eu não devia me comportar feito uma idiota, ela já sabia como eu era forte. Lá no alto, alguém tinha pendurado entre dois pinheiros um toco de árvore para servir de assento móvel ou talvez como um balanço, mas a chuva tinha enfraquecido as cordas, estas apodreceram aos poucos, rebentaram e o toco estava caído no meio das duas árvores.

Eu desejei poder viver aqui em cima para sempre, junto com ela, onde apenas me avaliavam os seus olhos, verdes com manchinhas castanhas. Seus olhos, as framboesas, a floresta e o lago; lá fora, na ponta do lago, ainda apontava o sol. Ficamos as duas paradas na sombra, o frescor permaneceu em nossos corpos, até mesmo nossas

vozes ecoando entre as rochas pareciam ensombrecidas, eu poderia ter permanecido aqui para sempre, sem precisar de mais nada.

Fomos nadar juntas. Ela ficou parada ali embaixo, perto da margem, parecendo sentir-se defendida pelos pés de framboesa, enquanto eu mergulhava na água do alto do patamar superior.

— Que droga, Schmoll, está ficando frio aqui!

— Também, já estamos quase na Noruega! — gritei e novamente escutei o eco retornando a meus ouvidos.

— Você viu isso aqui? Por aqui só existem bichinhos!

— A água brota.

— Os bichinhos brotam da água?

Ela se apoiava firmemente em um dos rochedos lisos de calcário quase branco.

Nadei mais para longe da margem. Quando retornei, ela já havia subido até a plataforma superior e estava juntando pedaços de madeira na tampa do recipiente das provisões. Eu fiz a fogueira.

Colocamos as almofadas de tal forma que nos pudéssemos reclinar contra as rochas, numa posição em que o vento assoprava a fumaça para longe de nós. Em algum lugar ela colheira algumas folhas de hortelã-pimenta fresca. Fizemos um chá. Mais tarde, tomamos vinho, e aquilo aconteceu também, enquanto a brisa da noite deixava o lago liso e tranquilo como vidro e o horizonte se transformara em uma faixa macilenta, foi também mais tarde que ela me falou:

— Schmoll, eu tenho uma coisa para você.

Ela me passou os dedos levemente pelo braço. E se levantou. E caminhou até o outro lado da fogueira.

— Venha aqui ver direito.

Ela estava virada de costas para mim. Sobre o decote de seu vestido a pele parecia luminosa. O vestido deixava-lhe as costas livres até a cintura. Depois de nadar, ela tinha prendido os cabelos no alto da cabeça.

Ela remexeu com as mãos nos cabelos. As pedras de seu bracelete cintilaram.

Ela soltou os cabelos. Eles lhe caíram até os quadris, lisos e negros, enfeitando a pele, recobrando os ombros, salientando os leves relevos de sua musculatura, a sua nudez, que já se revelava claramente diante de meus olhos e tive a impressão de que seus cabelos levavam um longo tempo para descer totalmente, era como se agora cobrissem a própria noite, tapassem o horizonte, ocultassem o brilho que subia do lago e abafassem os gritos dos primeiros animais noturnos. Estávamos sozinhas aqui em cima, estávamos sozinhas no mundo e novamente senti como as palmas de minhas mãos estavam quentes. No fogo queimavam pinhas.

— Para você.

Seu perfume se espalhava por toda a volta, ela deveria ter borrifado nos cabelos e eu considerei como seria beijar Siri. Agora. Nestas condições. Usando esta camisa.

Eu ou Schmoll.

Como aconteceu, ela veio em minha direção.

Soltou os cordões que lhe passavam por detrás do pescoço.

Eu me lancei a seus pés, como um rapaz se lançaria aos pés dela.

Eu lhe separei as pernas enquanto ela me tocava com a mão para que eu chegasse mais profundamente, de forma tão excitantemente lenta e completa como nenhum rapazinho inexperiente poderia fazer, mas eu era Schmoll e ela saberia quem eu era e tudo mais era despido de importância.

— Você alguma vez teve dificuldade em conversar com pessoas com quem não havia dormido? — indaguei.

Uma das pinhas explodiu no fogo.

— Eu tenho dificuldade — continuei, sem olhar para ela. — Eu tenho a sensação de que estou me metendo em uma manobra cheia de desvios e cumplicidades. Amizade, como costumam chamar. Esse intercâmbio social. Não entendo para que se faz isso...

Uma luz vacilante saltava do fogo e se refletia em seus cabelos, dava a impressão de que ela estava movendo a cabeça, como se sua cabeça estivesse destacada do corpo e dançasse para cá e para lá.

— Portanto, uma amizade – declarei – é como um crescente montão de escória. Um depósito em que se descarrega o lixo das almas. E é por isso que tenho dificuldade em me envolver nesse tipo de coisa. Mas com gente com quem já se dormiu, pode-se deixar de lado essa parte, é como se já tivesse ficado para trás. O depósito de lixo. Depois disso, a gente pode seguir diretamente em frente.

Ela não reagiu.

— É como no acampamento. Eu converso com eles e eles conversam comigo e tudo parece muito amigável e cordial e então, durante uma noite, a bola de futebol é conspurcada. Você sabe o que eu li na bola, no dia seguinte? “*No gays!*” – falei. — Depois disso, a gente fica se lembrando da bola. E daí para a frente, depois que os outros já viram aquilo junto comigo, permanece o “*no gays!*” sempre presente.

Enquanto ela se enfiava de novo em seu vestidinho curto, nem me tocou, nem me beijou.

— Não foram os outros – falou baixinho. — Foi uma mensagem, Schmoll, você tem de entender! Foi você mesma que fez. Foi você que escreveu essa frase no couro da bola.

Soltei uma gargalhada. Mas ela estava falando sério.

— E você fez muito bem. Felizmente, você foi ardilosa o bastante para deixar essa mensagem para si própria, mesmo sem perceber. Caso contrário, tudo acabaria em uma grande confusão. Poderia parecer a seus próprios olhos que você não era mais você. O que imaginavam de você no acampamento, você negou totalmente. Foi assim que você me protegeu. Defendeu a nós duas.

O fogo ainda queimava e ela estava parada diante dele com os cabelos soltos e os troncos das árvores pareciam cada vez mais soltos no ar, separados das árvores.

— Felizmente? – indaguei.

— Felizmente, sim.

— Que felicidade mais cômica.

Mas tampouco ficou dito que esta felicidade não desapareceria com a última luz. Desse modo, nosso momento de felicidade não se perdeu por trás das rochas, nem se arrastou para trás da noite, nem tampouco se escondeu atrás dela.

No acampamento, eles tinham levantado a pilha de lenha.

Eles tinham aparado a grama, desmontado e recolocado as tendas na forma de um círculo de carroções, como nos filmes de faroeste. As entradas das tendas tinham sido voltadas para o interior e os fechos-relâmpago haviam permanecido abertos durante a noite, mas as lonas úmidas batiam com ruído contra as estacas das tendas. Estava fresco e já era de manhã. Por trás da cabine das duchas estava pendurada uma tabela com algum tipo de esquema e a primeira que se aproximou de mim foi Sabine.

— Onde você estava? – indagou ela bem alto. Ontem à noite os garotos fizeram uma enorme fogueira, a coisa se acendia e apagava esporadicamente, queriam comemorar a noite mais longa do ano, o solstício de verão, ficaram acordados até tarde e hoje não querem se levantar.

A tenda da cozinha estava fechada. Diante da barraca dos equipamentos estava um engradado de cerveja e, ao lado, um saco preto de plástico cheio de recipientes vazios da noite anterior.

— Quer dizer que ainda posso ir para a cama...

— Faça isso, faça isso, não tem problema...

Também ao lado do lugar da fogueira havia garrafas e latas espalhadas, entre as tendas cônicas e até junto de uma das torneiras esmaltadas dos lavatórios, o carrinho de mão estava chamuscado.

Sabine se assentara em um dos troncos colocados ao redor da fogueira, com uma caneca de café entre os joelhos, ainda fumegando.

— Chegue um pouquinho até aqui para falar comigo – disse ela.
 — Onde foi que você se meteu?
 — Eu saí – falei. — Lá fora.
 Fiquei parada junto dela, olhando para as cinzas.
 — No começo, eu também ia para fora muitas vezes de noite.
 — Então, venha comigo da próxima vez – falei.
 — Você estava sozinha?
 — Não.
 — No começo eu ia passear sozinha, muitas vezes. Saía de noite em um dos barcos e ia escutar os animais. Sabe que eles têm horários determinados? Logo depois da meia-noite começa a maior barulhada. Talvez meia hora depois da meia-noite. A floresta inteira vive. Mas depois volta o silêncio. De repente, abruptamente. Sem aviso. Um silêncio mortal – disse Sabine. — De dar pavor, de arrepiar.
 — É por isso que você não sai mais sozinha?
 Sabine deu de ombros.
 — Você quer um?
 — Não fumo de manhã.
 — Fumar sozinha é uma merda. Tem certeza de que não quer?
 — Vou para a cama.
 — Pois eu não consigo dormir mais – disse Sabine. — Tem alguma coisa errada comigo. Nos últimos tempos tampouco me sinto bem quando estou sozinha.

As cinzas eram amareladas, eles tinham colocado mais plástico para queimar na fogueira. Embalagens de cerveja, papel plastificado, ninguém escutava Sabine.

— Veja só, ao mesmo tempo, eu gosto de estar sozinha. Eu até procuro me isolar. Equilíbrio interior *and all that*¹⁷ – disse ela. — Já sei que você não acredita nisso. Mas normalmente eu não me sinto mal, ao contrário, eu permaneço absolutamente *over the top*,¹⁸

17. E tudo o mais. (NT).

18. Na melhor disposição do mundo. (NT).

antes de começar a me sentir estressada, depois iniciei essas orgias alcoólicas, no dia seguinte as ressacas, isso toma conta da gente, depois eles inventam tudo que é possível para se divertir, por exemplo, ontem à noite, você vê, a fogueira estava bem alta, a gente estava sentada em volta e eles chegam e querem que tenha sido eu, eles afirmam – mas com plena certeza! – *right*,¹⁹ você sabe, e dizem que fui eu, isso vai lhe interessar... – Sabine fez uma pausa, enquanto arremessava a bagana em direção às cinzas.

— O quê?

— Você vai querer saber quem foi que fez a merda com a bola.

— Não tem mais importância.

— Eles estão dizendo que fui eu.

— O quê!?!...

Sabine estirou as pernas.

— Você ouviu.

— Mas isso é absurdo!

Estávamos falando baixinho, além de nossos cochichos não se escutava mais nada pelo acampamento, apenas as batidas que as lonas faziam contra os suportes das tendas.

— Se não fui eu, então foi algum sueco que andou por aqui escondido. Seja quem for, eles vão descobrir em seguida, foi o que disseram ontem. Mas não diga que lhe contei, se lhe perguntarem, você não sabe de nada.

— Eles estavam bêbados.

— Claro que estavam. De cuca frouxa – concordou Sabine. — Sem equilíbrio, as coisas não funcionam. Eu ainda não passei uma noite por aqui sem ficar com ressaca na manhã seguinte. São eles que provocam. Eles realmente provocam. E se a gente não consegue mais ver as coisas direito... Mas eu sou forte e um pouquinho maluca mesmo. Mas para mim as coisas estão claras. Mesmo assim,

19. Certo, tudo bem. (NT).

nos últimos tempos não consigo me sentir bem quando estou sozinha. E você sabe qual é a bosta da solução? *If you can't beat them, join them.*²⁰

— Você pode tentar superar isso tudo saindo de novo para passear. Sabine deu de ombros.

— Nós podíamos também dar um passeio juntas. Sabine não disse nada.

— Não dê importância para o que eles possam falar. Quando estiverem bêbados, vão dizer qualquer besteira mesmo!

Ela me encarou.

— Você acredita mesmo no que eles disseram?

— *Nope.*²¹

Ela concordou com a testa.

— O frio está ficando uma merda aqui fora... — falou, enquanto se erguia. — O pior é que não vou conseguir mais dormir.

Ela pegou os cigarros e enfiou o isqueiro dentro da caixa meio vazia.

— Eu disse a eles que, muito especialmente, eu não seria estúpida a ponto de escrever em inglês, quando todo mundo sabe que eu sou a pessoa que fala inglês melhor por aqui. Mas eles me responderam, não, “Bine”, mas então deve ser esse tipo que anda por aí, esse tal de *something like*²² “Schmollen”. Eu vou fazer um café, você não quer?

Falei que não e entrei em minha tenda. Eu corri o fecho relâmpago da entrada e tranquei a lingueta de segurança por dentro. A luz que atravessava as paredes da tenda era azulada. Corri o fecho do saco de dormir, enfiei-me dentro dele e fiquei simplesmente deitada de costas durante algum tempo. Eu sentia as esteiras por baixo do saco de dormir, eu sentia todos os meus músculos, de certo modo

20. Se você não consegue derrotá-los, então entre para o time deles. (NT).

21. De jeito nenhum. (NT).

22. Qualquer coisa parecida com. (NT).

eu tinha a impressão de que o saco de dormir me limitava, me cercava contra eu não sabia o quê, ou me protegia contra qualquer coisa que eu não sabia tampouco, mas sentia que o espaço disponível era muito pequeno. Se eu esticasse os braços, poderia tocar o teto da tenda e, por algum tempo, deixaria nele um ponto mais claro pelo toque de meus dedos. Mas eu sentia como se esse ponto, ao invés de desaparecer em seguida, desceria para me apertar o peito.

Acordei com o ruído de uma chuvinha mansa batucando no teto e nas paredes da tenda, como se uma agulha estivesse sendo percutida contra uma tábua fina. Normalmente, as nuvens chegavam ao acampamento desde o povoado de Fågelvik, passando por cima do lago Foxen. Na tenda da cozinha o aparelho de som *Ghetto-blaster* fazia um alarido. Escutei Svenja gritar pedindo uma toalha. Ralf disse: “*O serviço de quarto está muito solicitado hoje, por favor, desculpe, mas vai atrasar um pouco ou será que estamos em alguma merda de mercado turco?*” Alguém riu. Percebi que minha tenda estava torta, havia um rasgão de um palmo de comprimento na lona, bem junto ao suporte principal. A umidade do chuvisco penetrava e estava molhando meu saco de dormir do lado dos pés. Diante da entrada estava a bola de futebol pegando chuva. Alguém a havia jogado em frente de minha tenda, talvez até mesmo Sabine. Eu a empurrei com um dos pés para baixo do toldo. Sobre o couro embranquecido pela umidade, a frase que fora pintada nela se destacava perfeitamente em negro.

Schmoll. *E é aos trinta que começam as lutas.* O perfil de seu rosto destacado pelo fogo, *até os trinta*, haviam dito os outros, *todas as sociedades se abrem diante de você, mas depois disso você fica sabendo qual é o verdadeiro significado do pânico.* Eles estavam se referido ao medo perante o tempo que se seguiria àquele verão, era sempre o mesmo medo, cada ano, quando acabava o contrato, eles tinham a impressão de estarem caindo em um buraco e eu também comecei a pensar assim.

Eu tinha de esclarecer perfeitamente para mim mesma aonde aquilo tudo me levaria, o que eu deveria fazer quando retornasse para Halberstadt, se eu teria condições para tentar um novo começo, se poderia iniciar uma empresa independente, talvez um escritório de contabilidade. Digitar teses para formandos ou doutorandos, ou vender lanternas de porta em porta, ou se eu deveria fazer um curso para administradora municipal, tampouco estava longe de procurar um outro emprego como iluminadora. Mas eu tinha de esclarecer isso comigo mesma, de que maneira eu queria viver no próximo outono ou no inverno seguinte. O pagamento deste trabalho de verão chegaria só até novembro, isso se eu fosse bem econômica.

Ao invés de meditar bem sobre meu futuro, eu fui comprar uma camisa de rapaz e me sentar romanticamente junto a uma fogueira.

Ao invés de planejar claramente os próximos meses, eu fui remar um barco, conduzindo em passeios pela região uma mulher que pensava ser uma sílfide.

Uma mulher de quem eu praticamente não sabia nada. Era uma mulher ousada. Seja como for, corajosa o bastante para viajar e morar sozinha e para obter sucesso nessas aventuras e mesmo assim, aparentemente, não fazer nada, pelo menos nada que me tivesse chamado a atenção. Ousada o suficiente ou, talvez, bastante extraviada, pensei então. Aparentemente, ela não tinha medo de nada. Ou então, vivia sofrendo de outro tipo de medo muito mais profundo, que ela habitualmente conseguia domar e controlar muito bem, por um artifício ou outro.

Um meninozinho de quatro anos. Um sorvete de cabinho, um picolé. A coisa que corria atrás dela.

Seus artifícios pareciam muito variados. E ela se dava muito bem com eles, pelo menos externamente.

Entretanto, a única coisa que me parecia perfeitamente clara nesse relacionamento era que eu poderia me arrepender profundamente se não conseguisse me adaptar e acompanhar aquele aspecto externo de sua maneira de ser.

Os outros já estavam há mais tempo no acampamento do que eu. Eles chegavam na primavera e estavam melhor preparados para enfrentar qualquer coisa desagradável que lhes sucedesse no inverno. Eles já sabiam como negociar com nossos vizinhos suecos a fim de adquirir café e massas alimentícias para duzentas pessoas. *Uwe, aquele cu sujo, já deve ter esquecido como é que a gente vive passando falta, quando os suprimentos chegam e sempre falta isto ou aquilo.* Eles reclamavam, mas uma vez por semana iam ao supermercado temporário para comprar vodka e aguardente *Schnaps* importada da Alemanha.

Eles estavam melhor informados. Por exemplo, eles talvez soubessem quem é que realmente se chamava Schmoll ou alguma coisa de semelhante. Talvez existisse alguém chamado Schmoll nas vizinhanças, talvez fosse um dos guardas-florestais que tivesse esse nome ou, quem sabe, algum dos rapazes que trabalhavam no posto de gasolina em Lennartsfors. Ou, talvez, eles tivessem escutado esse nome somente agora e feito a conexão com alguma outra coisa que soubessem. Eles costumavam mesmo pensar em tudo quanto fosse possível.

Talvez eles soubessem de alguma coisa, ou talvez a própria Sabine soubesse e tivesse procurado esconder de mim ou, pelo menos, não quisesse me informar.

Pensei em Fågelvik.

Pensei nos dois homens do Jaguar. Eles constituíam meu único ponto de referência, eles não teriam desaparecido, não teriam se mudado, pelo menos em minha imaginação, eles continuavam sempre naquela cidadezinha. Sentados na praça do mercado de Årjäng. Não era longe de lá até Fågelvik, meia hora de carro, o caminho rodeava a margem do lago, eu poderia ir até lá de canoa. Eu fiz um esforço para me recordar.

Como Siri, sentada a meu lado no ancoradouro, comera junto comigo.

Como o sol fazia seu percurso.

Tudo o que Siri narrara em sua história. E como me havia contado. Em que pontos da história ela se demorara por mais tempo. Onde tinha feito pausas, onde fora incoerente, onde soltara risadas nervosas. Eu procurei indícios de fatos ocultos, quais as coisas que Siri não me quisera revelar.

As recordações eram imprecisas e cada vez que tentava segurá-las, escapuliam de seu próprio acordo para outras memórias. Ela me contara como chegara a esta região, sem estar familiarizada com ela. Sem fazer ideia da parte do país em que se localizava a aldeia de Fågelvik. Ela tivera outras dimensões em sua cabeça e se movera em busca dos lugares certos, em que haveria somente casas isoladas.

Alguma coisa a gente precisa imaginar de antemão, dissera-me. A gente está apenas à procura de uma casa para passar as férias e é como se deslizasse de trenó para o lugar desejado! Mas ela já tivera um sentimento positivo. O ruído do motor a tranquilizara, o calor sob a tolda do carro, a surpreendente nuvem de poeira. Uma casa de madeira vermelha à distância, como se sempre tivesse pertencido à imagem que fizera dela. Imediatamente eu a comparei com meus pensamentos, dissera ela, mesmo que estivessem querendo me passar a perna, eu não me importava.

Os homens estacionaram atrás dos arbustos.

Aquele que se chamava Erik ajustou o protetor solar do pára-brisa para evitar a luz do entardecer.

— Diga-me o que estava procurando.

Grãos-de-Pimenta tinha apertado um botão e as janelas se haviam fechado automaticamente.

— Não vamos sair do carro?

— Só se esta for a casa que você está buscando – disse o que se chamava Erik.

— Mas o que você quer dizer com isso?

— Se for isso que você realmente está procurando, nós a deixaremos sair para olhar mais de perto.

Eles estavam parados à beira de um campo, dentro do Jaguar e ela não avistava casa alguma. Mas como pode ser, dissera ela, é a mesma coisa que eu esteja limitada a olhar em um mapa rodoviário, eu tenho de olhar primeiro, para ver se está em boas condições. Primeiro temos de olhar as condições gerais da paisagem, um deles respondera. Disfarçadamente, ela experimentara a porta.

— Onde está, então? Onde se encontra sua casa?

— Ainda não posso lhe mostrar.

— Por que motivo me trouxeram até aqui então? Por que não me explicaram as coisas lá na praça do mercado?

— Não há nenhum problema. A casa pertence à minha mãe.

— Vocês estão querendo me estuprar? Me enrabar?

— Você tem de escutar o que ele diz – Grãos-de-Pimenta colocou sua mão rosada sobre o encosto do assento, ela percebeu ser essa a primeira vez que o escutava falar durante a viagem inteira, uma voz macia que lembrava licor de café.

— Diga a meu amigo Erik o que você estava buscando!

— Primeiro vamos descer do carro – respondeu ela. — Como é que eu vou saber se é o que eu procuro, se ainda nem consegui ver o que é?

Já eram seis horas da tarde, continuava ainda muito quente, quando o Jaguar, com uma característica que ela não esperava, deu repentinamente marcha a ré. Sua cabeça bateu nas costas do assento dianteiro.

— Desculpe – falou aquele que se chamava Erik. — Algumas vezes o carro faz o que bem entende. É justamente por isso que o meu amigo não gosta muito de dirigir.

Eles estavam agora em uma pista asfaltada que atravessava os campos perto de Fågelvik. Cada vez que a inclinação do solo por baixo deles se modificava, quando o motor era forçado nas curvas, ela era jogada contra a porta. Mas ela não sentia ódio, disse ela, não era isso. Era apenas um sentimento desagradável, em consequência do qual a sua motivação positiva lentamente desaparecia.

Ela puxou seu celular Handy para fora da bolsa; ela possuía um Handy, mas não havia sinal na área, todos sabiam que na zona de Värmland, se você quer ter recepção, precisa subir ao teto ou, então, estar no alto de uma colina.

Ela estava sentada no estofamento amassado, as janelas tinham sido fechadas por causa da nuvem de pó que vinha dos campos, poeira amarela de cevada e de grama soprada pelo vento. À distância, se avistava uma ceifadeira varrendo os campos.

— Meu caro – disse Grãos-de-Pimenta a seu amigo, que também fora jogado contra a porta – sempre temos de andar devagar quando os potros são jovens! Esta não é a primeira vez que ele funciona mal. Essa sua impaciência descarada *hon inte haft em rätt lunchrast...*

Ela não entendia uma palavra de sueco e nem queria aprender, já lhe bastava esta visão de passagem para ficar satisfeita, era uma língua cortante e escorregadia, disse ela, dava para ver tudo, por exemplo, sua própria idiotia. Metida ali com aqueles dois velhos que claramente não batiam bem. Isso poderia ser de certo modo tranquilizador, mas ninguém consegue ficar tranquila quando começa a suar até por baixo das unhas.

O carro parou. À direita, havia uma ladeira que conduzia a um ancoradouro que entrava água adentro. Poeira que o carro havia levantado. Erik firmou um braço na roda de direção e virou-se.

— E então?

Ela estava lá e o vento brincava com as ondas, e soprava as hastes através do campo de cevada.

— A casa pertence à sua mãe? – indagou ela, envolvida em uma onda de ar que parecia ter vindo por trás dela.

— Eu não posso lhe mostrar a casa – disse ele – sem que você saiba que aspecto ela deve ter por fora.

— Vermelha, imagino. De um vermelho desbotado. Feita de madeira. Com água corrente e chaminé. E três peças, mais uma

fossa sanitária. Sem telhado de turfa. Esse tipo de cobertura tem de ser consertado depois de cada tempestade.

Isso era tudo que ela havia lido ao longo do tempo.

— Você veio da Alemanha, – disse Grãos-de-Pimenta – não foi?

Ela podia ver-lhe o rosto pelo espelho retrovisor. Estava abafado e quente dentro do carro. Ela sentia a pele de seu rosto como se estivesse recoberta por um saco de papel bem apertado.

— Sim, e daí?

— Lembra das estradas de sua terra? Você já estudou um mapa rodoviário alguma vez? Quero dizer, do jeito que as pessoas fazem, quando estão procurando uma casa de praia para as férias.

— Eu não quero uma casa de praia, não estou procurando esse tipo de casa, não tenho o menor interesse pelas praias!

— O sistema rodoviário de sua terra afasta todos os pensamentos em contrário. Mas não é isso que você quer – disse o que se chamava Erik. — Você não quer nem ouvir falar nisso.

— Espere! – interpôs-se Grãos-de-Pimenta. — É muito difícil alguém sair do sistema rodoviário de sua terra depois que entrou nele.

— Se é isso que vocês querem que eu diga, eu sei perfeitamente disso – falou ela – portanto, podem-se dar por satisfeitos.

Aquele que se chamava Erik soltou uma gargalhada.

— Você viaja e viaja – disse Grãos-de-Pimenta. — Você dirige sem parar pela auto-estrada. Você continua ao longo do caminho durante horas, mas não chega em parte alguma. Qualquer que seja o lado para que está dirigindo, tudo continua a mesma coisa. Não há como sair dali. Não importa onde você se encontre, as placas rodoviárias são também todas iguais. Por favor, não nos entenda mal. Isto tudo é apenas um quadro, um exemplo.

— Placas azuis – disse aquele que se chamava Erik – com letreiros muito claros de letras brancas. Um dos lados da placa termina em ponta, parecem umas setas. E as setas apontam todas na mesma direção. *Såtida*, dizem elas. Em toda parte estão essas placas em

formato de seta dizendo *Sáida*. Não se encontra nada de diferente. *Sáida*, é o final de tudo. Não há como escolher. Não importa como se chame o lugar. É apenas camuflagem. Uma mascarada. A determinação está ali, uma coisa categórica. Você entende o que queremos dizer? E agora nos diga verdadeiramente: exatamente o que está procurando?

Foi o que ele disse a ela. As portas continuavam trancadas. Lá fora já era noite.

Nada do que foi dito acima me ajudou em nada. Nada levava ao significado escondido, nada conduzia à situação presente, ou às qualidades que tivera a vida de Siri antes que ela me encontrasse.

A luz dentro da tenda era tênue.

Nas paredes da tenda, ainda úmidas, se grudavam agulhas de pinheiro, sementes e folhas que o vento trouxera; com a chuva, o gramado se transformara em uma poça.

Eu ainda estava usando a cueca preta masculina, ela colocara suas mãos sobre ela, tocara nela, se recostara nela, nós não nos havíamos despido totalmente.

Eu enfiei a camisa e a cueca em uma bolsa interna de minha mochila e coloquei dois pulôveres. Só depois saí da tenda.

A chuva me atingiu em lufadas diagonais; agora estava forte o bastante para impedir a visão dos limites entre o prado e a floresta.

Havia luz no escritório. Svenja estava sentada atrás da mesa, do lado oposto à entrada, onde ficava o telefone, embora este não funcionasse durante as tempestades.

— O que foi que vocês fizeram com Sabine ontem? Ela me contou uma história comprida, relatou visões pintadas com cores negras como piche.

— Sente-se aí — ordenou Svenja, fechando ruidosamente um classificador de documentos. — Nós temos um problema.

Sentei-me ao lado dela.

A chuva lavava a sujeira acumulada no toldo da tenda, mas esta escorria pelas vidraças plásticas da janela, deixando um rastro de gosma atrás de si.

— Talvez isso tenha a ver com as condições climáticas. Sabine é muito sensível quando temos esse tempo.

Svenja me interrompeu.

— Alguém fez merda. Alguém que tinha acesso às chaves. A verdade é que nos últimos tempos temos tido bastante merda por aqui, regularmente. Mas desta vez, foi bem pior, alguém nos roubou alguns milhares de euros do cofre. E quando Uwe esteve aqui uns dias atrás e eu lhe comuniquei, quis comer o meu rabo — disse ela. — Como se fosse culpa minha, entendeu minha franqueza? Do jeito que me tratou, eu preferia estar no lago no meio de uma tempestade do que sentada aqui no acampamento.

— Entendo muito bem.

— Acontece que nesse dia, no dia em que dei falta do dinheiro, você tinha ficado sozinha no acampamento. Isto lhe causa alguma surpresa?

— Não, nada de especial — respondi, puxando a cadeira alguns centímetros para o lado, seu joelho estava apertado contra o meu. — Além de mim, não ficou ninguém por aqui, pelo menos, que eu visse.

— É bom saber disso — falou Svenja.

— Você quer dizer que poderia ter sido algum dos nossos?

— Não, fiquei satisfeita de que você admitisse tão depressa.

Eu já estava com o encosto da cadeira apertado contra a parede. Sua perna continuava encostando-se à minha. Svenja avançou em minha direção até que toda a extensão da parte superior de sua coxa nua apoiou-se à minha, ela parecia estar me apertando com toda a força.

— Eu concluo, de sua solidez, que seu organismo está saudável, e que você não está sofrendo de osteopatia ou se submetendo a qualquer outro tratamento médico.

Ela ficou me olhando de lado.

— E eu tive medo, no princípio, que você iria começar a se fingir de doente. É claro que foi um dos nossos.

— Mas por que você não fez primeiro uma revista nas coisas dos garotos?

— Nós já fizemos, sem causar escândalo. Mas dizem que Schmoll anda por aí.

— Quem é ela?

— É interessante — disse Svenja — que você não pergunte quem é Schmoll.

— Diga logo de uma vez, estou sob interrogatório?

Svenja inclinou-se para frente. Ela me mostrou um largo sorriso. Cílios louros e curvos, batom nos lábios. Mas não havia nada nesse sorriso. Não havia a mínima simpatia. Não havia a menor compaixão. Se havia alguma coisa nele, era a mesma dureza das rochas dos penhascos que se erguiam nas margens do lago.

A luz pareceu tornar-se mais penetrante.

— Conforme eu disse, isso não me causa nenhuma surpresa.

Ela enfiou o dedo na espiral do fio telefônico e ficou enroscando, depois tocou de leve no lado do receptor.

— Você suspeita que Schmoll também tem alguma coisa a ver com a história da bola — comentou cordialmente.

— Diga quem é.

— Você deve saber melhor do que eu, já que foi você quem passou o dia inteiro sozinha no acampamento.

— Você não pode me dizer claramente o que é que está querendo?

— Eu vou direto ao assunto.

Svenja continuava remexendo no aparelho telefônico, primeiro no lado do transmissor, depois no do receptor, ela estava dando a entender que tinha a intenção de chamar o escritório de Berlim. Como se ela estivesse se preparando para transmitir um relatório

e que o tema desse relatório fosse eu e que, como resultado, meu pagamento não seria feito no próximo mês.

— Você acredita que ela tenha achado excitante pensar em Schmoll quando beijou você?

Ela esperou, sua pupilas cintilando como as manchas redondas provocadas pelo sol nas paredes da tenda quando a luz atravessava por entre as folhas.

— Que ela tenha ficado excitada ao pensar em Schmoll, porque você é mulher? — prosseguiu ela. — Se é que você era mulher. A questão permanece em aberto, o que exatamente ela pensava, quando pensava em Schmoll.

Ela se inclinou para trás e pareceu estar considerando o telefone, com o sorriso mais cordial nos lábios, aquele sorriso que me lembrava os rochedos da praia. Um lápis rolou e caiu da mesa.

— Essa é uma coisa que eu também gostaria muito de saber — declarei, depois de algum tempo. Eu sentia um suor frio brotando do lugar em que ela havia apertado minha perna com a sua.

— De qualquer maneira — disse Svenja — não vamos sair a berrar pelo gramado inteiro o que se prefere guardar em segredo ou, pelo menos, vamos tratar a bosta toda de maneira sigilosa. — Você deve se encontrar de novo com sua namoradinha, “Tja” — disse ela. — Mas sempre existe uma possibilidade de você se safar dessa.

Ela me encarou fixamente, tinha grande facilidade para isso.

— Não é uma coisa tão difícil assim. De jeito nenhum. Quando a gente pensa em como Uwe vai ficar furioso, isso não é uma coisa assim tão grande. É só um favorzinho que estou lhe pedindo. Apenas que me ajude um pouquinho a realizar minha fantasia, digamos, a mesma que têm setenta por cento, você se lembra disso?

— Mas como quer que eu entenda isso?

— Pense bem! — disse ela com energia e empurrou de novo sua perna contra a minha e a camada de suor entre nós duas se aqueceu. — O que eu estou dizendo é, *hey baby!*, e lhe perguntando se quer dormir comigo. Espero que não me desaponte.

— Mas você está maluca? — exclamei. — A gente não vai para a cama com qualquer uma que apareça.

— Não espontaneamente, é natural que não. Mas neste caso em particular, parece que você ainda não entendeu as coisas — disse ela, seu sorriso ainda mais amplo. — Esta é uma extorsãozinha, apenas uma pequena chantagem, eu estou colocando meus hormônios bem claramente em cima da mesa. Esse Schmoll se apossou de três mil euros.

— Talvez se deva procurar fora do acampamento quem planejou isso.

— Ah, sua espertalhona... Vocês sempre dizem que foi outra que planejou.

— Sim — respondi meio distraída. — Boa parte da vida.

Sua perna deslizou, como em um banho escorregadio, para a frente e para trás, mecanicamente, sua coxa forte e bronzeada, pontilhada de cabelinhos finos e macios, eu já vira antes como eles brilhavam contra a pele mais escura, quando a luz do sol batia obliquamente sobre eles, mas agora estavam grudados no suor que ela misturava com o meu, enquanto seu movimento para a frente e para trás arregaçava meus poros e me enchia de pânico por dentro.

Eu encarei o telefone.

— Como você pretende provar que fui eu?

— Não se preocupe. Existe um nome circulando por aqui. E tudo o que eu fiz foi lhe transmitir algumas informações. Eu penso que fui bastante justa. Dentro das circunstâncias, eu estaria disposta a colocar uma tampa em cima da latrina, se é que me entende — disse ela lentamente. — No caso de você já não ter gastado. Caso contrário, a coisa pode ficar muito desfavorável... para você.

Quando eu não nada respondi, ela deu uma risada.

Ela esfregou a beirada da mesa.

— Vamos lá, não me deixe insegura. Para você não existe nada de errado nisso. Você já tem idade suficiente. Quando eu beijar você, não pretendo esquecer que você é mulher.

Atrás dela, na parede, havia quadros de lagos, mapas, marcas de perceijos nos lugares em que outros mapas deveriam ter estado pendurados, eu não sentia nada. Nem sequer aversão por ela.

Svenja em suas botas de borracha de meio cano.

O suor de Svenja.

Seus cachos louros e crespos. Ela havia me explicado um método eficaz de tratamento contra picadas de mosquitos. Ela me havia consolado em sua tenda, ainda meio adormecida.

Todavia, aquele rosto duro e sem expressão. Ela tinha desejado tornar-se cirurgiã. Somente um rosto imutável como o dela teria aplicação naquela profissão.

A chuva negociava contornos clandestinos.

Colocava coisas em relação uma com as outras que não tinham normalmente qualquer relação mútua. O rapaz não estava mais lá, as roupas velhas tinham sido guardadas nas malas, o barco, eu deixara bem amarrado no ancoradouro, a chuva afrouxava as conexões e coerências. Eu não sabia que tipo de conexão estabelecer com Svenja. Venenos vagarosos que pairavam bem alto, desgastando uma aliança.

— Pense bem! — disse ela, segurando novamente o receptor telefônico. — Três mil euros não são qualquer bagatela.

— Então venha até aqui — falei calmamente. — Se você quer saber como é. Tire logo a blusa! — ordenei, sem fazer nada. — Tire a roupa. Depois eu a agarro. Rudemente. Eu a agarro pelos cabelos e você fica úmida lá embaixo. Então você se ajoelha. Depois, você coloca sua boca diretamente no meio de minhas pernas. De fato, você tem de ser um pouquinho cautelosa, podem-se ouvir alguns passos logo abaixo do peitoril da janela, com um pulinho se olha através da vidraça, talvez seja melhor eu lhe enfiar o dedo. Ou prefere a mão inteira? Você vai gostar, mas é melhor ser logo, lá fora já estão colocando um toldo sobre o lugar das refeições.

Lá fora, efetivamente estavam colocando um toldo sobre o lugar das refeições, que Ralf estava amarrando com tiras de lona

ao redor das estacas. Dava para escutar o zumbido das rodinhas girando nos anemômetros.

— Opa — disse Svenja, com o receptor ainda pendendo de sua mão. — Por mais motivada que eu estivesse, não ia querer saber de mais nada depois disso. Mas a única coisa que a gente pode sentir de você é pena. Vocês todas provavelmente têm a cabeça cheia de merda.

— É claro — afirmei, enquanto me levantava. — Mas enquanto ainda me sobra algum espaço limpo lá dentro, acho melhor ir me lavar na chuva.

Fui pegar umas botas de borracha na tenda dos suprimentos da equipe, elas ficavam enfileiradas ao lado do fogão, quem precisava, ia pegar um par que lhe servisse.

Fiquei olhando um pouco para a chuva. Eu estava à esquerda da janela de plástico, que deixava entrar uma luz branca através da parede da tenda.

Meu rosto deveria ter sido visível através da janela do escritório, em pálido contraste com a parede vazia mais atrás. Segundo me pareceu, teria sido perfeitamente possível que, a partir de então, Svenja deixasse de ser respeitada como antes, não mais do que eram os outros, aqueles *bored fucks*²³ como Sabine realmente costumava se referir a eles. *Bored fucks* para cá e para lá, quando estava de ressaca e sentia os cordões esticados a ponto de rebentar na manhã seguinte. Schmoll e o gramado vazio. Eles constituíam uma frente fechada, a única extraviada era Sabine.

Fiquei imaginando como poderia abrir uma brecha entre eles. Mas todos em que pensei certamente cerrariam fileiras contra mim.

Era como acontecia com os bêbados abandonados nos bares noturnos, que tinham sido jogados porta fora e que se viam de manhã

dormindo nas ruas, deitados no mijo de outros homens, atirados nas sarjetas de mistura com os ratos, todas as portas fechadas; quando se levantavam, iam cambaleando e depois ficavam parados, cinzentos e esgotados, nas paradas de ônibus, aqueles ônibus que só passavam de duas em duas horas, enquanto casais passavam bem depressa por eles, outros caminhavam cansados, mas de braços dados para aproveitar o calor um do outro, embora de manhã estes casais sempre fossem formados por uma mulher e um homem.

Eram casais que não se incomodavam com os bêbados miseráveis, nem tampouco com os ratos, que praticamente nem os viam e se alguém os provocava ou vomitava diante de seus pés, a mulher recuava alguns passos seu corpo pesado, mas forte para se defender, um corpo em que ambos confiavam perfeitamente.

Eram casais diante de cuja segurança se vacilava. Cujos aspectos se assinalava a meu olhar como o de quem conquistou sua própria segurança.

Eram casais, sob o ruído de cujos passos firmes a própria vida parecia estar sendo levada embora; não obstante, ninguém poderia afirmar que esta atitude fosse normal, que essa gente não tivesse a menor preocupação.

Eu estava cansada. Eu queria manter a cabeça erguida, não obstante o que viesse, permanecer com a cabeça erguida e obedecer ao conselho: *Continue a brilhar!* E eu ergui o isqueiro bem alto, mas não surgiu nenhuma chispa, o combustível tinha acabado, estava vazio.

Uma menina de pernas tortas usando sandálias infantis, que não podia fazer nada de diferente. Uma mulher em uma cadeira de balanço. Sacudindo os cabelos presos em uma trança.

Era ridículo jamais ter aceitado alguma coisa assim. Cada vez mais se fechavam as portas e a gente fica esperando na parada de ônibus e um casal passa correndo. Não tem importância o modo como os artifícios se apresentem diferentes uns dos outros. Não tem importância o ponto com que alguém se comporte de forma consequente.

23. Gente aborrecida (literalmente, trepadas sem graça). (NT).

Depois de algum tempo, todos nós acabamos por lixar as arestas de nossos comportamentos divergentes.

Talvez Siri tampouco fosse inteiramente consequente.

Ou, talvez, ela fosse inteiramente banal. Ou, eventualmente, ela devesse permanecer emersa durante algum tempo e depois submergir. Ela deveria ter-se afastado da Alemanha por algum motivo, por qualquer coisa desagradável, possivelmente por causa de algum homem, e ela conseguia sentir-se segura nesta casa isolada em uma região erma, porque ninguém a encontraria por aqui. Quicá estivesse precisando de dinheiro e, finalmente, se tivesse tornado uma ladra, um pensamento que afastei de imediato.

Schmoll sorriu, dissera ela naquela noite junto à fogueira do penhasco, como você nunca havia sorrido antes. Seu sorriso empregou diferentes músculos faciais, você sabia disso, ele colocou alguma energia nova por baixo dos músculos que empregou.

À distância, escutei Ralf: *São ovos de criança, podem ficar tortos, homem!* Eles estavam em algum lugar atrás da barraca das ferramentas.

Sorri e vi minha imagem especular. Eu me contemplava na vidraça da janela da tenda como se fosse em um espelho, eu ou os garotos do lado de fora, nós não sabíamos a quem este sorriso pertencia, ele me deixava diferente, atribuía a meu rosto um aspecto de resignação.

Então, os outros vieram de novo se intrometer em meus pensamentos. Svenja com sua energia, com seu engrandecimento pelo poder, três mil euros, era uma quantia impensável. Svenja parecia estar aumentando o total. Alargando seus limites. Aumentando sua irritação, ampliando seu domínio e suas miseráveis sensações por meio dele. Tudo bem comportado, em seu devido lugar.

Svenja tinha alargado seus limites. E ela tinha deixado bem claras as diferenças básicas entre nós. Uma diferença que, para ela, era tão evidente que nem sequer lhe parecera importante assinalá-la

para mim. Não obstante, ela a demonstrara. Isso tinha a ver com seus miseráveis sentimentos. Também isso era indiscutível.

A diferença permanecia no fato de que Svenja não desejava realmente se expor. Ela poderia estar sem emprego, estar sem meios de sustento definidos, ela podia ser infeliz e solitária dentro de uma sociedade igualmente infeliz e solitária, mas nunca poria de lado o desejo de pertencer a ela.

Era indiscutível, mas nenhum destes raciocínios serviria em absoluto para me proteger de nada.

Era uma coisa muito mesquinha. Ainda mais mesquinha que a tentativa de estupro de Ralf.

Eu podia pedir minha demissão, mas não tinha como fazer isso.

Desmontei as tendas vazias que se achavam no gramado. Eu arrumei os pacotes ainda úmidos no ponto mais distante das prateleiras da barraca dos equipamentos, era uma coisa sem sentido, qualquer um dos outros os tiraria de novo para fora amanhã mesmo. Minha capa de chuva estava úmida, eu suava por dentro contra a chuva que me molhava de fora. Deixei a bendita bola abandonada ao ar livre.

A legenda "No gays!" era fácil de ver, mesmo através dos ramos das giestas, ainda mais escura por causa da umidade da água.

Eu me levantei bem cedo. As toalhas estavam úmidas. Os boatos deslizavam com a brisa por entre os juncos. Um barco trazendo um guindaste aportou no ancoradouro, vindo de Lennartsfors. A margem estava nublada e permanecia metade na luz, meio coberta por uma espuma amarelada pelas algas que se haviam acumulado abaixo das tábuas do cais, ouvia-se o ruído abafado produzido pelo movimento dos barcos, que de manhã parecia nitidamente destacado e a luminosidade se refletia muitas vezes no solo da margem. Eu me lancei na água e a água me carregou.

Ralf parara de se acomodar no banco durante as manhãs. Talvez ele fizesse os seus exercícios agora nos banheiros. O caminho até aqui

estava cercado por arbustos daqueles espinheiros prateados adaptados à areia, mas o lago podia ser visto de longe em todas as direções.

Quando eu retornei ao acampamento, eles estavam sentados em frente à tenda da cozinha, e haviam classificado e armazenado materiais noite adentro. Agora estavam sentados nos bancos, usando *shorts*, estavam tomando café e comendo biscoitos com peixe defumado. Pareciam todos de bom humor. Ou estavam fazendo um esforço bastante intenso para causar esta impressão.

— Como foi? Divertiu-se bastante? — foi a saudação de Ralf, usando sua camiseta cor-de-laranja favorita. Ele colocou um braço protetor sobre um cartão postal que estava escrevendo nesse momento.

— Quer dizer, se é que estava se divertindo, foi o que perguntei.

Pendurei na corda minha roupa de banho para secar.

— Claro — respondi, instalando-me ao lado de Sabine.

— Ótimo. Alguém pelo menos está se divertindo.

— Que tipo de diversão? — indagou Marco, que acabara de chegar. Ele tinha ido buscar uma carga de carvão em Berlim.

— Eu acredito que Anja tenha alguma coisa para nos oferecer. Um programa de cultura corporal gratuito. Basta a gente dizer de que jeito quer. Ela se adapta convenientemente a todos.

— Ralf! — repreendeu-o Sabine, mecanicamente.

— Isso se chama, segundo eu creio, reembolso de capital desfalcado. Necessidade imediata? — prosseguiu Ralf, imperturbável, dirigindo-se a Marco. Depois voltou o rosto sorridente para me incluir. — Três mil. Três mil... não foi isso?

— Ela não é desprovida de atrativos²⁴ — disse Svenja, levantando-se. Ela subiu de costas no banco. — E se nada for reparado, quem vai ter de ficar de guarda sou eu.

Ela jogou o resto de café de sua caneca sobre os pedregulhos.

24. No original, "Unsexy" ela não é. [*Unsexy ist sie ja nicht.*] (NT).

— Gente, o que está acontecendo aqui? — indagou Marco, olhando ao redor. — O ambiente hoje está tão hostil como em um escritório de *yuppies*²⁵ sob auditoria!...

Svenja riu e entrou na tenda.

— Eu penso que os *yuppies* estariam perfeitamente satisfeitos — falei.

— Sim. Mas, primeiro, vocês têm de ajeitar as coisas — disse Marco. — Agora é que vem o estouro. Minha 'ex' terminou comigo. Eu lhe disse que não tinha importância; existe muito mais no oeste.

— Onde é que existe esse problema de leste-oeste? — disse Wilfried. — Uma aplicação na bolsa para renda familiar também pode ser útil.

Ele mediu as batidas de um dos anemômetros, achou que não tinha mais conserto e o jogou redemoinhando em direção à floresta.

— Eu tinha razão — disse Marco tranquilamente. — O oeste nos anexou. E do jeito que nos tratam é como se fôssemos um bando de ursos e lobos.

Ele se virou para Sabine,

— Será que alguém pode me dizer o que realmente está se passando entre vocês?

— Você vai ter de perguntar ou ao Ralf ou à Patroa — disse Sabine corajosamente. Fora eles dois, todo mundo por aqui parece estar inteiramente *easy*.²⁶

— Cada um tem de cuidar de sua própria graxa! — exclamou Ralf e estendeu a mão para pegar a bola de futebol, que estava embaixo da mesa, abraçou-a e colocou o queixo em cima dela. — Tanto os carolas como os enrabadores, todo mundo — afirmou ele. — Isso eu posso prometer a vocês todos. Existe mesmo uma sociedade de totais difamadores por aqui.

25. Adultos jovens com curso universitário e empregos bem pagos, que vivem em uma cidade grande ou perto dela. Derivado de "*Young urban professionals*" mais o sufixo para contrastar com "*hippies*". (NT)

26. À vontade. (NT).

— Diga-me uma coisa, Marco, seu casamento realmente terminou? — Sabine claramente pretendia mudar de assunto e imprimir à conversa uma aparência de absoluta normalidade. — Foi ela que deixou você?

— Sim, mas para que vou ser grosso? Ela voltou para a casa dos pais dela em Kleinstadt. Os outros homens com quem ela se meteu, moram em Suff. Portanto, ela pode se dar ao luxo de não se envolver mais com o bobalhão do seu polaco.

— Mas eu ficaria absolutamente *crazy*²⁷ com uma coisa dessas!

— Ah, bom, mas acontece que você tem a sorte de viver em uma Reserva... — Ralf endireitou-se e tocou no ombro e nos cabelos de Sabine como se a estivesse consolando; Sabine, a mestiça de índio, como chamavam, por terem descoberto que vivera durante algum tempo com uma bruxa ameríndia; Sabine, que nascera em Dresden, em “*Funkloch*”, como ele dizia, no “buraco dos Funks”. — Não é verdade, “*Binchen*”? — perguntou-me e eu me afastei um pouco.

Um casal de turistas saiu da floresta. Eram alemães e queriam saber se o aluguel dos barcos não era muito caro por aqui, eles queriam de novo alugar um barco simples de fundo prateado. Mas Uwe deixara ordem permanente da última vez em que aqui estivera para não alugar mais barcos a estranhos. Ele tinha aberto um posto de serviço para aluguel de barcos em uma das cabanas de madeira que ficavam junto ao Wiese, ao lado da área destinada aos turistas que quisessem acampar. Duas jovens de Berlim ficavam sentadas lá dentro das dez às quatro horas com a porta aberta, usando uma espécie de uniforme que lembrava um hábito de freiras, *uma ideia extremamente original*, como dissera Ralf, com ar de troça. Sua função era anotar nomes e endereços e providenciar para que não houvesse nenhum problema, *nenhum problema*, sempre no mesmo tom de voz. A maior parte das pessoas em férias só ia lá uma única vez. Dentro de três semanas o posto de aluguel de barcos seria fechado.

27. Maluca. (NT).

— Marco precisa de dinheiro — disse Sabine mais tarde a Svenja, na tenda da cozinha. A sua ex-esposa o deixou sem nada, *I mean really*²⁸ sem nada.

— Esse é o resultado dela ter recebido esperma demais — respondeu Svenja em voz bem alta.

Permaneci no acampamento, não fui nenhuma vez a Lennarsfors, a luz permanecia áspera e sem sombras sobre o gramado. Parecia mais uma iluminação artificial.

O gramado cintilava. Parecia estar coberto por uma camada de óleo. Era como uma superfície que nada fosse capaz de rasgar, que imediatamente se recompunha e se fechava de cada vez que um corpo mergulhava nela. Eu me esforçava para não entrar em pânico.

Mais tarde, me dirigi ao ancoradouro. Eu tinha de verificar quantos barcos se achavam em condições. Amanhã chegariam os ônibus.

Na praia se achava perfeitamente visível o rastro da canoa que havíamos puxado para o alto, areia acima, bem cedo, quando ainda estava escuro. Siri fora correndo pelo caminho que levava a Lennarsfors. Eu nem contei os barcos. Um de meus joelhos afrouxou e eu me instalei sobre o fundo de uma canoa virada. Fiquei sentada ali por algum tempo, escutando minha respiração acelerada e meu coração em carreira desenfreada.

Eu pensava febrilmente em Trollön.

Eu pensava em seu vestido como uma sombra branca sobre o lago. Eu pensava na pequena fogueira que se erguia do chão.

Em seus cabelos soltos. Em uma mancha azulada perto do cotovelo. Depois de algum tempo, comecei a me acalmar. Isso trouxe de volta a lembrança do rapaz. *O rapaz*. Era assim que eu pensava nele. Graúdo e de contornos indefinidos, irritável e dependente

28. Quero dizer, realmente. (NT).

deles, como ela o via. O mesmo que ela via em mim, leviano e desajeitado, talvez nós dois realmente nos assemelhássemos muito.

Eu imaginava Schmoll como um de meus irmãos. Cabelos castanho-claros, uma mecha sempre caindo sobre a testa, grande, mas não muito forte. Ele revestia seu corpo pálido com roupas compradas prontas, e boas maneiras. Peito liso e sem defeitos, os músculos da parte superior dos braços pouco salientes, algumas mechas mais claras nos cabelos descoradas pelo sol, talvez eu tivesse adquirido alguns de seus costumes e maneiras de se movimentar depois de não mais dividir a cama com eles. Mas no final das contas eu não tinha a certeza de poder diferenciar com precisão e era uma coisa que eu precisava descobrir para minha própria tranquilidade se, enquanto eu claramente podia ver Siri diante de mim, ela realmente sentia estar com o rapaz e não comigo, eu não sentia a menor segurança a respeito do que ela realmente percebia em mim.

Eu a vi parada na praia.

Em Trollön.

Eu a via dentro daquele automóvel durante aquela tarde. Eu a via entre os rochedos de Fågelvik. Ela estava encarcerada dentro de um Jaguar, o termo corrente é de que fora abduzida por aqueles dois velhos, talvez aqueles dois já tivessem tentado fazer isso com outras muitas vezes.

Siri me contara o incidente como se tivesse sido uma aventura. Ela me havia descrito como sua angústia fora aumentando e, depois, como desaparecera. O seu medo... o qual ela havia controlado tão bem. Ela o havia controlado, como deveria qualquer outra pessoa ter feito que tivesse passado por uma situação que, no final das contas, era tão banal: dois suecos descrevendo o trabalho por que haviam passado ao procurarem o nome de lugares nas placas rodoviárias das auto-estradas da Alemanha.

Uma luz difusa veio trazida pelo vento e lançou-se lisa sobre as águas.

Eu não sabia nada do que realmente havia acontecido aquele dia dentro do tal automóvel. Siri se levantara da plataforma do ancoradouro sem chegar nunca a terminar a história.

Eu só tinha diante de mim as possibilidades, apenas era capaz de calcular uma porção de coisas que poderiam ter ocorrido então.

Eu procurei imaginar que tivesse acontecido o melhor. Tão vividamente quanto possível. Dentro de minha cabeça, procurei imitar o ritmo e o timbre da voz dela enquanto terminava de me contar o evento. E foi neste cenário que a imaginei:

Ela estava sentada no banco de trás do automóvel. Estava quente lá dentro. Estava abafado, ainda que o ar do lado de fora já devesse estar refrescando lentamente, o horizonte com uma coloração avermelhada, mas ainda assim, nenhuma das janelas era aberta.

Ela estava sem saber se alguma coisa realmente se passaria, alguma coisa que ela acabasse descobrindo, mas não pudesse transmitir através de seu celular Handy fora da área de cobertura. Ela não sabia se os dois homens queriam sexo ou simplesmente conversar com ela. Sexo ou Safadeza, ou alguma outra coisa começando com "S". Talvez fosse alguma coisa relacionada com o pano de fundo de lembranças da guerra ou da espionagem, da Guerra Fria ou de qualquer coisa parecida em que homens dessa geração pudessem pensar.

— O que é que vocês querem, afinal? — imaginei que ela dissera àqueles homens naquela noite em que já estava escurecendo. — Querem que eu cante alguma música? Querem que eu conte alguma história, que declame um soneto, que faça *strip-tease*? É isso que vocês querem? Que eu tire a roupa aqui no banco de trás? Ou preferem que eu me dispa sentada no colo de um de vocês?

— Ou, talvez, não seja nada disso — falou o que tinha olhos parecidos com grãos de pimenta. O outro, o que se chamava Erik, gesticulou com uma das mãos, um gesto incompreensível.

— Vamos pôr as coisas em ordem — sugeriu ela. — Escutem. Prestem atenção no que eu digo. Esta nossa reunião tem de ter algum tipo de sentido.

Apenas silêncio da parte deles. Do lado de fora, folhas começaram a ser movimentadas pelo vento. Talvez se escutasse o grito de alguma ave. Talvez alguém estalasse os dedos.

— Há dias que só faz esse frio — disse ela aos dois homens dentro do Jaguar. — Frio, chuva e musgo úmido. Durante a noite, as folhas se deitam no leito da estrada sem o menor cuidado. Eu corro e passo por elas, nem ao menos se mexem. Estão prestando atenção?

— Perfeitamente — declarou Grãos-de-Pimenta.

— Eu corro. O nevoeiro estende dedos úmidos contra a barriga de minhas pernas. Eu estou com um casaco impermeável, mas corro ao longo da estrada que conduz à aldeia. Eu já esqueci quem eu sou. Eu corro todas as noites. Eu corro sem saber bem para onde, a direção permanece indefinida e incerta. Eu nunca me viro, nem olho em torno. O mundo ao meu redor se transformou em vidro desde que eu o encontrei. Quando eu digo a vocês “eu o encontrei”, vocês logo vão pensar que foi um homem. Mas é um rapaz. Vocês entendem qual é a diferença?

— Evidente que sim — respondeu o que se chamava Erik, acendendo um cigarro.

— O mundo se vitrificou completamente, até onde a vista alcança. Nada mais se pode distinguir. Nada se move, nada se levanta. Ele não aparece nem uma só vez. Ao menos, eu não consigo vê-lo.

Não consigo ver suas mãos.

Nem consigo ver seus lábios.

Nada.

Estou no meio do caminho. Trago apenas uma imagem dele dentro de minha mente. Mas preciso encontrá-lo de um jeito ou de outro. Eu durmo em quartos cheios de flores, através das frestas entre as cortinas penetra a luz de anúncios luminosos formados

por lâmpadas de néon. As cabeças de bonecas em trajes típicos foram esculpidas em nós de madeira e, depois, pintadas com esmalte, os cabelos em um corte quadrado, narizes pequenos, são jovens camponesas.

Uma vez ele a interrompeu e perguntou:

— Você se apaixonou muitas vezes?

— Sim, frequentemente. Já me apaixonei por um dia cálido de verão, por um pássaro de garganta azul, por um estreito onde passam as águas do mar, por algarismos, por uma garrafa delgada e cintilante. Por grandes espaços. Sem a menor dúvida, já me apaixonei muitas vezes. Uma única vez, me apaixonei pelo grumete de um barco. Ele foi embora. É por isso que eu não quero nenhuma casa perto de costas marítimas — completou ela.

A brasa de um cigarro brilhou no escuro, a luz se refletiu no pára-brisa.

— Nunca mais. Entenderam?

Aquele que se chamava Erik tinha olhos escuros e bem separados. Ele assentiu com a cabeça. Seu rosto era iluminado pela brasa do cigarro.

— Um grumete de barco... — comentou ela. — Vocês não podem abrir uma das janelas? Nem ao menos uma fresta? Um grumete... — ela repetiu. — Por trás de sua cabeça estava o horizonte coberto de neve. A maior parte das vezes, quando o estou procurando, fico com os olhos bem abertos e a neve cai dentro deles e se derrete.

Tudo estava quieto dentro do carro. Apenas o cigarro brilhava e esmaecia. Ela se recostara no assento. Escutava a respiração de Grãos-de-Pimenta. Dava para ver como a vidraça da janela mais próxima a seu rosto ritmicamente se embaciava.

— Muito bem — disse aquele que se chamava Erik. — Muito bem.

As articulações dos dedos de sua mão esquerda batiam contra a vidraça.

Escutavam-se as batidas misturadas com o sussurro das hastes de cevada sacudidas pelo vento que soprava lá fora.

Naquele dia, eu retornei mais duas vezes até o ancoradouro. Da segunda vez, alguns dos outros vieram comigo. Eles não confiavam em mim. Eles achavam que eu tinha me enganado, que de fato devia haver mais barcos disponíveis do que eu dissera. *Nós não vamos mais tolerar essas suas contas erradas, você só vai até lá para mijar devagarinho*, como dissera Wilfried, embora habitualmente ele se contivesse e não me tratasse mal. Mas ele tinha se machucado na plaina mecânica, fizera um talho fundo na mão que dava para ver os ossos e estava aborrecido por não fazer nada, há dias ele ficava sentado no banco junto da barraca das ferramentas.

Quando chegamos à praia, eu vi Siri parada no ancoradouro. Ela havia penteado os cabelos, que estavam prendidos firmemente na nuca.

— Ei, aqui é propriedade particular! – gritei de longe. — Você não pode ficar aparecendo aqui a toda hora!...

Quando cheguei perto dela, falei baixinho:

— Pare com isso, você já está me causando problemas.

— Mas, Schmoll, você tinha me dito antes que ia esperar por mim aqui.

Desta vez ela estava usando um vestido de linho estampado, com um decote quadrado e amplo ao redor do pescoço.

— A roqueira vai dar uma festa hoje à noite. Você não quer ir comigo?

— Eu não danço, Schmoll. Você já sabe disso.

— Pare de me chamar Schmoll o tempo todo! Pelo menos, não me chame por esse nome na frente dos outros.

Ela arrancou uma haste de capim que crescia solitária por entre as pedras.

— Pelo menos, não diga tão alto. Não na frente dos outros.

— Você está com medo, não está? – falou com o rosto voltado para as pedras.

— Isso não é tão difícil assim de adivinhar.

Respirei fundo.

— Você não quer mais me ver?

— É claro que quero – respondi. — Mas já que estamos flertando, não podemos ir flertar em outra parte, fora do meu serviço?

Seu vestido, como sempre, era tão curto que o vento mostrava suas pernas quase por inteiro. Junto aos barcos, alguém estava puxando uma rede de pesca em direção à praia.

— Você pensa que pode se comportar do mesmo jeito que as ondas, não é? – indagou. — Primeiro, elas empurram praia adentro até onde é possível tudo que encontram pelo caminho, mas depois levam tudo de volta e com tanta firmeza que, depois que se afastaram, está faltando mais do que haviam trazido inicialmente...

Alguém assobiou ironicamente, mas ela não ergueu os olhos.

— Você está falando por enigmas.

— Não, Schmoll, não estou.

Ela olhou para mim e enxergou o rapaz, o rapaz que aparecia maquiado no cartaz da estação do metrô junto ao jardim zoológico da *Kurfürstendamm* de Berlim, aquele rapaz que qualquer um poderia comprar.

— Eu não sou Schmoll!

— Por que você quer me ferir?

Eu não estava dizendo aquilo para ela, estava falando bem alto e a frase se destinava aos ouvidos dos homens parados junto aos barcos.

Mas ela tinha razão. Aquilo a havia ferido. Eu a havia ofendido porque me preocupava demais com o que os outros pensavam, sempre dava um peso demasiado às opiniões dos outros. Eu tinha feito isso a vida toda e agora estivera vendo somente os outros atrás de mim, o tempo todo, ela estava na minha frente e eu nem a enxergava. Nem sequer por um momento me preocupara com os sentimentos dela.

Minha vida inteira eu nunca tomara em consideração os meus próprios sentimentos, não cuidara de mim nem um pouquinho, tinham sido sempre os outros, sempre pensara nos outros, aqueles que se achavam agora junto aos barcos, nas pessoas que encontrara por toda parte, até mesmo a possibilidade de me apaixonar ou não, em última análise dependia do que os outros iam pensar, não dependia de meus próprios sentimentos, isto tinha ficado bem claro nesse momento. E o que eles poderiam ver agora era uma *coming-of-age story*,²⁹ conforme Sabine expressaria, mas o fato permanecia de que eu, estranhamente, estava ficando mais jovem por meio desse processo, uma coisa que fugia totalmente à experiência deles ou à minha. Eu escutei a voz de Sabine à distância, eu escutei a voz de Svenja, ela dizia: “*Ora, vejam só como as coisas são!*...” e estava tudo muito bem, salvo que o rapaz tivera uma ereção enquanto olhava para Siri agachada diante de mim na areia com aquela roupa que a deixava quase despida.

O céu parecia muito amplo acima de minha cabeça.

— Mas o que há de errado com você? Você ficou completamente pálida!...

De repente, acima de mim se estendia apenas o azul, um azul pungente. O azul começou a fluir para fora de si mesmo, a deslizar e a se repartir, ele se abriu e me puxou para dentro de si, minha cabeça começou a girar. Eu cambaleei e caí no chão diante dela.

Eu estava caída de costas. Meus olhos se fecharam. Parei de respirar.

Só escutava as abelhas voando ao redor de uma colméia que haviam construído em um dos espinheiros prateados que cresciam junto da praia.

Eu estava caída na areia da praia, deitada no chão como morta, até que senti uma sombra fresca recobrir o meu rosto. Era Siri tocando em minha testa. Era Siri acariciando minhas faces. Era Siri

encostando o ouvido sobre meu coração, era Siri me examinando e eu percebia seu corpo e o céu começou a fluir através de minhas pestanas. Eu estava flutuando muito alto, eu me esticava ao longo de um espaço sem fim, um azul cada vez mais profundo e depois todo aquele azul se concentrou e assumiu o formato de um botão de flor, um botão que tinha sido esculpido no firmamento e suas pétalas brilhantes foram se abrindo, cresceram em minha direção, envolveram meu pescoço como o colarinho de uma blusa e só então eu percebi acima de meu rosto a boca de Siri.

Eu a beijei.

— Pare com isso! – gritou ela, indignada. — Você estava só fingindo! Levante de uma vez!...

Ela me puxou para cima. Ela me forçou a erguer-me. Eu fiquei em pé e, de repente, o céu parecia de novo como o céu deve ser.

— Você se recordou de repente de um grumete de barco? – susurrei.

— Um grumete?

— Esse sou eu.

— O quê?

— O grumete daquele barco. Era o que você pensava o tempo todo que eu fosse, não é verdade?

— Mas de que você está falando, Schmoll?

— Você pensava que ele retornaria. Ele não lhe dissera que precisava ir para o norte quando a deixou? Contratado pela companhia Hurtigrouten? Para viajar em um dos navios-correio que levam a correspondência de fiorde em fiorde? E você não pensou que poderia ir ao encontro dele? Foi por isso que você calculou que deveria comprar uma casa por estas redondezas, não foi? Você pensou que, caso o esperasse por aqui, mais cedo ou mais tarde ele voltaria. Porque agora a distância não é mais tão grande para ele. Só que, segundo parece, até agora ele não veio se encontrar com você. Ou, por acaso, já esteve por aqui? Ele já visitou você em sua casa nova? Vocês festejaram a inauguração da nova casa juntos?

29. História sobre alcançar a maioridade ou a maturidade. (NT).

As suas pálpebras estavam muito apertadas, vigilantes, mas isso poderia ser somente devido à perspectiva e eu não estava particularmente segura do resultado de meu raciocínio.

— Mas o grumete de um barco, Schmoll? Você vai ter de me contar melhor essa história. Seria muito raro que um grumete fosse aparecer em minha casa.

— Não — respondi, sentido o calor da febre em minha testa. — Você é que tem de me contar e tem de me contar agora! Você tem de me dizer como eu tenho de me comportar, o que preciso fazer. Como é que eu fico nisso? Eu tenho de saber. Senão, eu não tenho nada, eu realmente não tenho coisa alguma...

— Mas o que é que você não tem? Minha querida! Você ainda está com medo?

Ela segurou minha perna.

— Aliás, a braguilha de sua calça está aberta...

Com uma das mãos, ela puxou para cima o fecho relâmpago. Seu pescoço ficou a uma distância mínima de meus olhos, seus seios livres sob o vestido, visíveis naquela posição através do decote.

— Você está doente?

Eu me sentia exausta.

— Não, eu estava só fingindo...

— Eu sei perfeitamente — disse-me, em tom alegre. — Mas por que ainda não parou de murmurar?

Ela repuxou o vestido um pouco mais para cima, ocultando parte dos seios. Eu sentia uma queentura por todo o corpo e ela me tocava, nos quadris, no alto das coxas e eu nem sabia se estava tocando em mim ou no rapaz, mas ela sabia como tocar.

Ela brincava com minha própria mão, ela a enfiou por baixo do vestido, eu apalpava sua tanga. Pontuda, minúscula, quase nada, um pequenino retalho de pano, um triângulo inacreditavelmente pequeno. Eu não sentia quase nada. Até esse momento eu não havia pegado em nada. Minha cabeça estava ardendo.

No lusco-fusco da bruma o contorno da margem parecia desbotado. O brilho que se refletia do lago, aquela cintilação cegante, as folhas ágeis a lançar fagulhas, aquela luz que parecia mergulhar e que tornava seu corpo indistinto à sombra dos caniços. A luz começava a tornar seu corpo indistinto, por momentos fazia com que quase desaparecesse.

Mas eu queria ver contornos claros, queria contrastes definidos, enquanto eu não fosse mais eu, mas o rapaz.

Ele a desejava. Esse desejo era muito claro, muito físico, totalmente corporal, uma coisa que descia pelo peito abaixo, dolorosamente real.

Meus irmãos haviam tomado posse de seus próprios corpos adultos diretamente e sem rodeios. Quando arranjaram suas primeiras namoradas, eram garotas usando *piercings* nos umbigos e as traziam para casa agora que não dormíamos mais os três no mesmo quarto. Eu me transferira para um sofá da sala. Através da parede fina, coberta por um papel de parede florido, mas escurecido pelo tempo, eu escutava seus sussurros e cochichos sem esforço. Os pequenos gritinhos de susto, que nem sempre provinham da garganta das garotas.

Isso foi antes que me dessem meu próprio apartamento em um bairro de prédios populares de Halberstadt. Fachadas lisas, pintadas de cores berrantes, o conceito de repouso socialista, pouco antes de sua queda.

Algumas vezes, ela tinha me contado como tinha deliberada e estudiosamente parado de usar calças, algumas vezes tinha até mesmo fotografias para mostrar e eu havia imaginado que tivesse, quando estava junto com uma mulher, sensações corporais semelhantes às dela.

Schmoll, você não está me escutando direito.

Mais uma vez, era ela que tinha razão. Em primeiro lugar, eu tinha de sair para fora de meu próprio corpo, esvaziar a minha cabeça, que estava cheias de histórias antigas. Eu tinha de dar espaço

para o rapaz. Eu precisava parar de ver trinta anos refletidos em nossos rostos, não tinha a menor importância a idade que tivéssemos. De onde viéramos. Como havíamos vivido anteriormente. Quem era ela. Isso era apenas o que os outros perguntariam, eram eles que queriam saber. O rapaz se encontrava muito além disso tudo.

Mas eu ainda pensava nele como sendo separado de mim, como se eu tivesse estudado e aprendido a respeito dele. Mas aqui estava ele, aqui e agora, sentado na areia em frente dela, uma perna dobrada sob os quadris, brincando com os detalhes de seu vestido. Apavorado. Ele não queria revelar assim tão cedo que o medo que sentia era o medo de se mostrar curioso, mas ele estava curioso e sentia-se inadequado e, mesmo assim, mostrava-lhe um sorriso luminoso.

— Talvez eu ainda possa gostar de dançar – disse Siri subitamente e puxei minha mão para trás.

Ela tomou minha mão de volta.

— Você vai ficar sabendo logo o que realmente quer.

Ela foi colocando meus dedos em sua boca, um a um.

— E isso vai me agradar – disse ela então, colocando um de meus dedos após o outro dentro de sua boca. — Isso vai me agradar.

— De quem eu a faço lembrar?

Ela afastou-me a mão.

— Mas Schmoll!

Enquanto ela corria em direção ao ancoradouro, seu rabo-de-cavalo balançava de um lado para o outro, da direita para a esquerda.

— Não transforme tudo em um quebra-cabeça! – gritou, voltando o pescoço para trás. — Na verdade, tudo é muito simples.

E era simples.

Ir à festa da roqueira junto com ela foi simples. Mantê-la escondida dos pares que dançavam também foi fácil. Como era obrigatório consumir alguma bebida, eu entrei na fila e comprei dois copos de limonada e peguei dois canudinhos, igualmente

simples. Conforme ela devia ter previsto, dentro da multidão nada era ofensivo e tudo ficava mais ou menos oculto.

Foi ele que lhe alcançou o copo de limonada.

Na sola de seus tênis grudavam-se grãos de areia. Seus pés eram grandes demais. E os ombros. Ela não gostava de seus ombros. Eram muito ossudos e robustos. Ela preferia que tivessem um formato mais arredondado, que fossem mais flexíveis e de aspecto mais agradável. Aquilo que ele sabia ser bonito. Aquilo que ele procurava mais nas garotas, o que poderia copiar delas, caso se tornasse amigo delas, mas logo isso fora se tornando progressivamente mais difícil.

Ele chutou bem alto um balão de gás flácido que estava caído no chão. Ele o lançou para o alto com a habilidade de um profissional, sem virar as limonadas e esperava que ela tivesse assistido sua proeza.

E fez de novo quando o balão voltou.

Mais uma vez.

E de cada vez era fácil.

A roqueira tinha passado a vida inteira em Lennartsfors. Em suas festas vinha gente de toda a vizinhança. As pessoas dançavam em uma sala vazia, iluminada por projetores amassados, que funcionava como depósito da merenda escolar durante o ano inteiro, exceto durante as férias. Vendiam bolachas, barras de cereais e vinho tinto em recipientes plásticos e, pela primeira vez, os outros tinham ido ao baile também.

— Qualquer um serve – dissera Marco. — Um desses lugarejos sem importância. *Aquela porra de Åmål*. Um desses buracos que está morto e não sabe.

Eles tinham passado o dia trabalhando no sol, naquela praia tão quente que dava para chocar ovos, nenhuma árvore para dar sombra no calor, não havia tempo para dar umas braçadas no lago, amanhã viriam de novo os ônibus e Uwe anunciara que desta vez viria também.

— Ele está pretendendo montar um acampamento de inverno por aqui também – disse Svenja. Uwe quer alongar o tempo de ocupação deste local para incluir os períodos em que a campanha de sua caixa registradora não toca. A gente terá de preparar tendas adequadas para temperaturas extremas, quem sabe vão pescar em buracos no gelo dos lagos, talvez pretendam caçar elefantes por aqui ou realizar corridas de automóveis nas estradas cobertas de neve do interior da Suécia.

— Eu absolutamente não me enxergo nesse cenário – disse Sabine.

— Não, você pode ir assobiar de novo nas suas pradarias – disse Wilfried. — Mas me perguntem se eu vou começar a trabalhar no escritório como subgerente...

— Alguém vai ter de executar essa função – disse Marco.

— Sim. Mas quando chegar nós já teremos ido embora. Caso contrário, logo vai haver por aqui uma onda de demissões – afirmou Svenja. Eu aposto principalmente que Uwe não vai permitir que se alimentem boatos.

Eu não via mais nada para mim por aqui. Eu ignorei a maneira como ela se encostava na parede, uma caneca de plástico na mão; eu estava parada em frente a uma caixa de papelão cheia, mas dentro da qual apenas retalhos de jornal eram visíveis: *uma tesoura de podar elétrica entre os pobres e os ricos e nenhuma alternativa... A disciplina perdida ou a utopia ou como as pessoas queiram falar a respeito... Alguém que colocou todos em perigo de serem postos contra a parede... A escassez de postos de trabalho nas agências de emprego, especialmente no setor público...*

Siri estava parada ao lado da porta. Tinha os braços cruzados. Acima de sua cabeça pendia do teto uma espécie de luminária formada por bolas de borrachas em que haviam sido colados pedaços de espelho. Ela projetava luzes vermelhas e verdes ao redor da sala. Seus lábios prendiam o canudinho da limonada.

Seu olhar recaiu sobre mim.

Eu era jovem de novo. Ainda não fizera dezoito anos.

E eu não sabia como aquela mudança ocorrera em mim, como acontecera que neste corpo estivesse um outro, como se tivesse dois conjuntos de músculos, duas camadas de pele, mas que, por meio de uma película fina, a luz corresse de um para o outro e houvesse um pequeno ponto de diferença pendurado em uma espécie de exoesqueleto e que cada uma destas camadas demonstrasse ter diversos focos de dor. A violência que se manifestava entre os dois conjuntos quase me fazia perder o juízo.

Era ele que ela contemplava, não era eu.

Ela não via nada, senão ele. Era como se tudo que se encontrava ao redor, a fila junto ao balcão das bebidas, as bolas de borracha, a roqueira e seus amigos, e até mesmo aquela que um dia fora eu, como se tudo tivesse desaparecido.

Ele dançou ao ritmo do N'Sync. Ao som de Annie Lennox. Ele dançou escutando as músicas dos The Doors, do Depêche Mode, de Marvin Gay e do Archive. Ele era um jovem não inteiramente sem passado, até a cicatriz do tamanho de uma moeda que trazia no joelho, que resultara de um tombo enquanto andava de patins; ele havia denunciado seu passado de ciclista a correr pelas estradas. Era um jovem de olhos claros e uma fraqueza de pigmentação, uma pequena mancha de impingem aparecia no alto de uma de suas têmporas, um jovem que sacudia a cabeça e o pescoço ao ritmo da percussão, e que usava as calças um pouco mais baixo do que devia à altura dos quadris.

Ele lhe mostrara uma vez, de boa vontade, a cicatriz do joelho.

Ele dançava ao ritmo de Moby, Morcheeba e Air. Ele balançava com as batidas de Heather Nova, Goldfrapp e Paul Oakenfold, um repertório convenientemente variado. Era a primeira vez que ele dançava, e estava dançando para ela.

Isso não quer dizer que ele fosse particularmente habilidoso como dançarino. Para falar a verdade, o que ele fazia a maior parte

do tempo era levantar e baixar alternadamente os pés, quase sem movimentar o restante do corpo, com exceção da cabeça e do pescoço.

Em algum momento, ela soltou os cabelos.

Ela tinha se afastado um pouco dele, meio girado a cabeça, e ele contemplou como os cabelos caíam pesadamente sobre suas costas, ocultando finalmente o branco brilhante da pele nua de seu pescoço e de suas costas de todos os olhares estranhos. Enfim, sua nudez estava coberta.

Mas para ele foi uma coisa terrível. Ele não suportava que este primeiro gesto íntimo fosse assim apresentado perante os outros, permitindo que todos assistissem. Ele a puxou para fora.

— Schmoll. O que foi que nós fizemos?

Ele lhe colocou cautelosamente uma mão sobre o quadril. Ele apalpou o tecido e o osso por baixo dele e ambos viram ao redor de suas cabeças um leque de estrelas. Era bom ficar em pé ali, na semi-escuridão, bem apertados um contra o outro. Era simples. Lá de dentro ainda brotava a música, um pouquinho abafada.

— Veja só – disse eu.

Eu mal conseguia me mover, não como estava acostumada, caso contrário, esta excitação cintilante poderia desaparecer, eu poderia diminuir a influência do rapaz.

— Você quer que eu faça alguma coisa em especial?

— Você pode fazer o que quiser, sempre que quiser.

— Sim, mas não devo me portar de forma completamente diferente?

Ela riu delicadamente.

Em algum lugar à nossa frente, nas profundezas do lago, deveria haver fósseis, criaturas pré-históricas, como se chamavam, com uma idade que nós só podíamos imaginar mediante um grande esforço.

Tudo considerado, tinha-se a impressão de que ela sabia a razão de seu próprio brilho.

Considerando tudo, que ela enfim mostrasse alguma coisa.

Tudo dependia de mim.

Como se finalmente eu devesse mostrar a mim mesmo a maneira como o rapaz se deveria comportar, como ele deveria agir com relação a Siri, então, desde a primeira vez que eu agisse, deveria me apresentar com a maior simplicidade. Demonstrar a mim mesmo que, naquela tarde, não tinham sido Erik nem seu amigo a tranca-rem as portas, porém eu mesma.

Siri não conseguia sair daquele automóvel, porque eu mesma estava prisioneira em outra história, uma história bem antiga.

Uma história que nem sequer era minha. Ralf tinha pendurado em mim essa história. O ataque de Ralf durante aquela noite, na tenda, me havia acrescentado uma história que ocorrera tantas vezes que não podia ter mais nada a ver comigo, *same old, same old*,³⁰ como diria Sabine, porém eu a havia aceitado sem fazer perguntas.

Eu havia me resignado cegamente aos medos, às perturbações, às inseguranças. Eu havia transportado o esquema de comportamento inteiro desse assalto na madrugada para Siri, e o acrescentara à narrativa daquela tarde no Jaguar, então, por meio dele, consolidado tudo, fora *eu* que *tinha feito* os dois velhos se comportarem de forma violenta. Eu fora indiscutivelmente responsável. Tão inamovivelmente quanto aquela colher que ainda permanecia grudada no açucareiro.

Siri pertencia a uma posição diferente. Naturalmente ela não poderia imaginar a forma como eu reagiria. Ou, ela havia imaginado e este era o resultado, que nós duas estívéssemos abraçadas aqui e que o rapaz dentro em breve lhe fosse fazer uma confissão.

Ele abraçava uma garota usando um vestido sem mangas abaixo das estrelas que lentamente se moviam em direção à manhã.

Eu precisava pensar em meus irmãos e na maneira como eles eram, como se comportavam aos quinze, vinte anos, desde que

30. A mesma velha, velha história. (NT).

havam iniciado a travessia de suas próprias histórias independentes, quanto delas eles logo haviam deixado para trás e a parte delas que ainda viviam por ser a mais fácil. Eu os imaginei dentro do automóvel naquela tarde, depois que eles já haviam tido casos amorosos e experimentado o corpo de mulheres, talvez mesmo tido relações com um homem ou dois, depois que eles, como se costuma dizer, *realmente* tivessem amado e se casado, eu os contemplei com filhos e um cachorro, um garoto tocando o piano junto à árvore de Natal, uma garota que ganhara uma bolsa de estudos para jogar no time de *handball* e eu os contemplei depois de estarem velhos e cansados. Como perdiam a paciência, como se costuma dizer, quando percebiam que suas próprias vidas se haviam tornado iguais a histórias antigas, as cortinas se fechando, segundo o modelo conhecido.

Eu os contemplei depois que se tornavam cautelosos e brandos por causa destas vidas perdidas de que teriam de se separar em breve, *take care and bye-bye*,³¹ como diria Sabine, nada de brutal, nada senão a forma costumeira, talvez esperassem até que seus filhos fossem adultos e começassem de novo a descobrir secretamente suas esposas, que começassem a descobrir novamente a si mesmos. Eu contemplei como meus irmãos finalmente chegavam àquele ponto em que os dois suecos se encontravam agora: nada mais do que dois velhos. Durante um dia de verão. Sentados no interior de um Jaguar.

No meio de um campo empoeirado. No extremo da cidade. No meio de nada.

Eu contemplei os dois lá, sob aquele céu tão amplo que dava a impressão de ser possível mergulhar e perder-se dentro dele. Eu os escutei se queixando das placas de uma auto-estrada, todas sempre iguais, em que somente estava escrito *Sáida*.

31. Tome conta de você e até logo. (NT)

Eu sabia, ainda, que estes sinais de estrada mais propriamente os haviam salvo. Cada *Sáida* prometia uma brecha, um esconderijo ou uma falha no sistema rodoviário. E eu sabia que eles, ao não fazerem a reversão, ao não saírem de novo, simplesmente do que lhes era costumeiro, fariam um mistério de sua salvação. Eles revelariam sua loucura. Que eram apenas dois velhos caducos.

— Eu gostaria que nós duas fôssemos para sua casa — falei a Siri na rua. Atrás de nós prosseguia a festa da roqueira. — Agora.

Secretamente Grãos-de-Pimenta havia destrancado as portas. Ela não percebera, a princípio ela achara que coisa alguma havia se modificado, que ninguém havia feito nada de diferente.

— Temos condições de encontrar o caminho no escuro? — perguntou ela.

— Mas você não conhece esse ditado que as pessoas falam: que o escuro é a melhor época do ano?

Ela sorriu. Eu soube que ela sorriu, porque poucos metros nos separavam do salão iluminado, embora logo adiante estivesse escuro como breu. Eu segui às apalpadelas até o lado, mostrando-lhe o caminho, meus olhos bem arregalados, como fazem as pessoas quando querem aumentar a captação de luz pelo branco dos olhos, para conseguirem ver melhor.

O rapaz era a minha *Sáida*. A minha falha do sistema por onde escapar.

Ela começou a correr sob a luz das lâmpadas da rua. Ela corria com os braços abertos e o rapaz correu atrás dela como se a estivesse açulando, embora com uma das mãos precisasse segurar firmemente as calças que tinham sido colocadas abaixo da cintura e agora escorregavam. Ele corria através da escuridão, subindo a ladeira da estrada coberta de pedra britada e onde as lâmpadas de longe em longe deixavam o caminho mais claro, era possível ver como ele

corria com a camisa agitada pelo vento. Ele tinha medo de tropeçar no pedrisco, e corria levantando os pés bem alto.

Quando ele a alcançou, ela escapuliu dobrando em direção à direita. Ele pulou atrás dela e agarrou-lhe os ombros com firmeza e sentia-se feliz por poder segurar esses ombros. Por alguns momentos, ela sustentou-lhe o peso. Depois, passou-lhe o braço ao redor do pescoço e se deixou arrastar por ele. Suas calças escorregavam, onde suas coxas não conseguiam firmá-las com segurança.

Ele riu. Ela o agarrou pelos cabelos e firmou-se bem neles, e ele poderia continuar a arrastá-la até o lago, até sua casa ou mais além, até o Pólo Norte, até a Estrela do Norte, puxando-a pelas mãos agarradas em seus cabelos.

Então, chegou Sabine.

Ela corria rapidamente em nossa direção, ela parecia estar correndo em um trenó tipo slalom que lhe conferia velocidade suficiente para nos ultrapassar e vencer. Eu perdi o impulso e Siri escorregou ao longo de meu corpo até sentar-se no capim.

— Ei! — gritou Sabine. — Eu conheço vocês duas.

Ela esticou o indicador e ficou apontando alternadamente para cada uma de nós. Escutei o som dos grilos. Seu cricrilar estridente era como pontas de setas atravessando a noite e me perfurando os ouvidos.

— Eu não sei dançar assim — disse ela. — Estava tão abafado lá dentro. *Jesus!*...

— Pelo menos, é proibido fumar lá dentro.

— Mas foi justamente isso que me incomodou mais! Eu precisei sair um pouco para dar uma tragada e depois, o cheiro lá dentro está muito ruim.

Ela enrolou um cigarro de tabaco.

— E o jeito que eles todos ficam se remexendo lá dentro é simplesmente repugnante. Não existe mais uma chispa de anarquia nessa alta cultura.

— Imperialismo definhado — falei mecanicamente. Siri permanecia sentada no capim onde se deixara cair e erguia o rosto para nos olhar. — A última forma do capitalismo.

— E você viu lá dentro um cartaz que dizia ser proibido fumar?

— Eles logo vão perceber que o ar que eles mesmos expiram é extremamente venenoso e vão proibir também respirar lá dentro.

— Isso é porque eles nunca aprenderam a viver independentemente de seus próprios corpos.

— O quê?

— Eles nunca aprenderam a se abstrair. *Out of body experiences*³², nunca ouviu falar?

É claro que Sabine estava bêbada, mas parecia falar inglês melhor assim.

— Mas você aprendeu — falei.

— Aprendi, sim, mas só até um certo grau — disse ela, soltando um suspiro.

— E daí? Isso já serviu para fazer com que se sentisse melhor?

— Na classe em que eu estou, já não adoeço mais, desde que fique longe do cheiro corporal dessa gente que está lá dentro — *holy humans, sheet man!*³³ — Mas depois que você já saiu do corpo *uma única vez*, já consegui sair do conjunto biológico, vocês não podem imaginar como é uma coisa maravilhosa! Quero dizer, esse foi o sonho definitivo da década de 1920. Uma vivência extra-corporal. Assexualidade. Isso surpreende vocês, não é mesmo? Eu não estou traindo nenhum segredo para ninguém. Eu só estou contando hoje para vocês duas. Os homens realmente não conseguem obter uma visão verdadeiramente clara, porque eles não conseguem mais se livrar da comichão que têm nos ovos. Eles dependem daquela parte

32. Experiências extra-corporais. (NT).

33. Literalmente, “Os humanos são santos, mas o homem é um sudário!” Provavelmente a personagem que dizer, “Shit-man”, ou seja, “O homem é uma bosta!” e pronuncia errado por um motivo ou outro. (NT).

de seus corpos que fica pendurada. Hoje em dia os *Babys*³⁴ crescem dentro de provetas. Estamos livres das doenças e da morte. E isso depois daquela quantidade de aleijados e impotentes que resultaram da Primeira Guerra Mundial, foi só por isso que não ficamos *totalmente* livres. Ou depois da Guerra do Vietnã. Mas para onde vai tudo isso finalmente? Para uma geração de homens-máquinas! Tudo isso, *face-lifting*, *Cyborgs*!... Contudo, as crianças, dá perfeitamente para ver, isso não é erótico, não é nem um pouquinho *juicy*!...³⁵ Os filhos tinham de ser gerados de forma muito mais simples, de acordo com a sabedoria dos antigos índios!...

Eu só estava interessada em me ocupar novamente do rapaz, mas Sabine nem pensava em parar com seu discurso, queria ser escutada.

— Vocês sabem, por exemplo, que eles guardam as almas temporariamente nas cavidades dos ossos durante o inverno, esperando a chegada do tempo bom, vocês entendem? Eles parecem estar meio mortos. Os ossos são, então, obstruídos, porque senão as almas poderiam se perder, é lógico. Eu quero dizer que isso não é difícil de entender. Que uma alma também deve fazer umas pausas temporárias, de vez em quando, porque uma alma não é criada, porque, ao contrário, ela brota do chão para estas montanhas de carne *megaincrementadas*! — disse ela. — Mas se elas não comem nada durante esse tempo todo, ficam atrofiadas. Em vez disso, eles ficam cuidando de seus corpos. Desse modo eles têm de fazer aquilo que já foi *previsto*. E isto é particularmente duradouro, porque uma alma que não for cuidada por alguém de fora, eu chamo de *Transparência*! E assim um corpo de lá se torna em primeiro lugar *utilizável*, isso é uma coisa muito interessante, porque o corpo serve principalmente como um instrumento de uso, mas sua utilidade é

34. A intenção é dizer “os nenês”, embora o plural inglês correto seja “*babies*” e não como consta. (NT).

35. Suculento. Provavelmente, ela quer dizer “saudável” ou “excitante”. “*Cyborgs*” e “*face-lifting*” são palavras de domínio público e não necessitam de tradução. (NT).

que ele se alimenta e protege a alma que está dentro, e é isso que vocês não vão conseguir entender. Isso é magia! — E o que vocês duas estão fazendo juntas?

— Nós estamos esperando pela Transparência — respondi. Siri se erguera e tinha encontrado um dos bolsos de meu casaco para enfiar as mãos. Contudo, ela olhava para Sabine como se estivesse fascinada.

— Logo vocês duas vão estar *chill out*,³⁶ não é?

Sabine retirou um fragmento de tabaco de seus lábios.

— Me digam uma coisa, vocês não acham também que Schmoll é um nome bastante *cooler*?³⁷

— De onde é que você tirou isso?

— Mas vocês acham, não acham?

— O grande Schmoll — disse eu.

— Claro. Mas existe alguma coisa nessa história, entendam. Existe alguma coisa nessa história.

Eu não encontrei nenhuma resposta que pudesse lhe dar.

— É claro que isso não é a tua coisa. *Witchcraft*³⁸ e todo esse curandeirismo. Não obstante, eu preciso de um nome para usar. Ele precisa me *encontrar*. Mas como eu vou poder ter um encontro aqui, tudo sendo tão absolutamente *over the top*³⁹, que a gente simplesmente não consegue *ver*.

Svenja saiu do salão de baile, parou por um instante sob a luz, o retângulo iluminado da porta atrás dela se destacando contra a noite.

— Para quem você está dizendo isso?

36. Geladas. Novamente o inglês de Sabine é falho. Ela quer dizer, “*chilled-out*” (NT).

37. A intenção é dizer “legal”, em inglês “*cool*”. Sabine confunde com “*cooler*”, o refrigerante de baixo teor alcoólico. Não se trata de comparativo, ela emprega o sufixo <er> como o faria na declinação de um adjetivo alemão. (NT).

38. Feitiçaria. (NT).

39. Na melhor disposição do mundo. Sabine está empregando a expressão americana fora de contexto. (NT).

Sabine deu de ombros.

— Quer um cigarro?

— Não, desta vez não – disse Svenja. — Eu cortei. E veja se não esquece de não jogar nenhum resto de pau de fogo no gramado.

— Eu me lembro muito bem, qual é o galho? – disse Sabine e ficou olhando, meio desapontada, enquanto Svenja desaparecia em direção à estrada.

— Eu quero dizer – Schmoll! *You got to be kidding me!*⁴⁰

Siri apertou-se contra meu braço.

— Nem mesmo a Svenja – disse Sabine. — Ela não acredita nisso. Ela simplesmente tem resistência contra tudo que envolve crença. E os outros? Eles descobriram que Schmoll era o criminoso que estavam procurando.

— E qual foi o crime que ele cometeu? – indagou Siri suavemente.

— Fraude imobiliária, segundo Wilfried quer acreditar. Os suecos são nômades, cada dois ou três anos eles se mudam, isso cria um ótimo mercado. De algum modo, ele se tornou o principal dos especuladores. Depois disso, passou a viver na floresta como um ermitão.

Olhei Sabine de alto a baixo.

— Eu sei bastante sobre muitas coisas. *Okay?*

— Isso não faz sentido – disse Siri, tão delicadamente como antes. — Essa é uma coisa que ele nunca faria.

— Não me diga que você o conhece?

— Juridicamente vemos que ele é, no mínimo, uma pessoa – disse eu, rapidamente. — Se é que prejudicou alguém como Wilfried.

— Ele tem os seus momentos de lucidez. Mas me diga, o que foi que andaram escutando você falar a respeito dele? Svenja disse que você se mudou para cá há pouco tempo.

40. Você tem de estar brincando comigo! (NT).

Agora era Sabine que encarava Siri de alto a baixo. À distância, vi brilharem as luzes de holofotes.

— Foi você que inventou isso – insistiu Sabine.

— É o que você pensa.

— Desculpe-me, mas isso não é nenhum crime, ou é? Eu me mostro deste modo convenientemente complexa. Quer dizer, pelo ambiente carregado, é claro que vocês se *conhecem*. Mas, e daí? Também eu gostaria de me pôr de joelhos. Correr um risco permanente...

Os holofotes se apagaram.

— Algumas vezes eu também fico de joelhos – falei para Sabine. Ela meio perdeu o equilíbrio, depois me encarou.

— Você tem medo?

— De Schmoll?

— Daquilo que os outros dizem dele – falou Sabine. — Você deve prestar muita atenção. Deve ter muito cuidado para não prejudicar o seu mantra.

Assim que Sabine se afastou, o rapaz ergueu a cabeça. Ele tinha estado olhando para seus sapatos, não estava claramente ali, mas agora era ele que ria, embora meio sem graça. Ele não ria de Sabine. Ele deu um sorriso meio torto, um sorriso provocado tanto por timidez, como pelo fato de que Siri o contemplava agora com um olhar assustado. Então, ela procurou de algum modo escondê-lo, guardá-lo no bolso das calças, por assim dizer. Mas ele cruzou as mãos.

Ele cruzou as mãos firmemente diante do corpo e o balanço causado pelo movimento rápido o irritou. De certo modo, era como se ele não conseguisse assumir o controle com a rapidez suficiente e precisasse esperar um momento, até que pudesse alcançar internamente uma posição de equilíbrio.

Mas ela já se havia recuperado do susto inicial. Ela esfregou uma das faces contra seu ombro, no mais leve dos toques contra a pele e antes de desaparecer totalmente na escuridão, acenou mais uma

vez, mas sem se virar, como se o aceno não lhe pertencesse, mas a tudo mais que se achava à sua frente. Como se acenasse para a estrada coberta de brita. Para a margem. Para os barcos sobre o lago.

— Não se vá ainda! — gritei atrás dela e a teria perseguido, mas o rapaz falou a meu ouvido: *Boa noite e durma bem, boa noite.*

No final da manhã do dia seguinte, um dos grupos retornou mais cedo de sua excursão. Eles queriam ir a um centro de treinamento com alguns dos escoteiros do acampamento permanente para praticarem juntos, *seja lá o que eles consideram ser as regras dos esportes de canoagem*, exclamou Svenja no meio do gramado, mas ela deu um telefonema para o escritório de Berlim a fim de obter permissão, e eles não tinham nada contra.

Ela estava parada diante da tenda da cozinha, usando seu colete salva-vidas, depois de fornecer a Wilfried os pedaços de carvão e os restos de pão que haviam sobrado das refeições para a excursão, mediante sua contra-assinatura, mas tudo parecia estar acontecendo muito devagar.

O líder do grupo, um meio-nigeriano usando penteado rastafari, que permanecera o verão inteiro ao ar livre, sem tirar uma folga, estava parado ao lado e acendeu um cigarro distraidamente.

Eu sabia que ele tinha pedido uma folga a Uwe semanas atrás, mas este lhe havia recusado.

Ele ficou parado ali, fumando.

Wilfried separou dois dos garotos do grupo, com pedaços de lixa e esfregões de aço e foram para a praia com as panelas para limpar a fuligem que se acumulava nos fundos, porque, de tanto cozinhar nas fogueiras ao ar livre, as chamas tinham enegrecido o alumínio. *E tire esse seu colete salva-vidas, ou por acaso você tem receio de que alguém a veja trabalhando?* Ele estava se referindo a mim. Ele queria que eu os acompanhasse até a praia para ajudar na limpeza das panelas, um trabalho que todos odiavam.

Nesse dia eu ficara sem um serviço específico. Eles tinham dividido as tarefas na noite anterior, enquanto estavam na discoteca. Cada um tinha seu lugar determinado, mas tinham esquecido de me designar uma função. Portanto, eu deveria estar disponível. Eu deveria dar uma mão a quem precisasse, e enquanto os outros podiam facilmente demonstrar até que ponto haviam progredido em suas tarefas, para mim não restava nada mais senão dividir meu tempo entre eles.

Primeiro, eu tivera de desmontar algumas tendas. À beira do bosque estavam sentados os garotos que iriam embora hoje, com as mochilas arrumadas. Desta vez Svenja determinara que deixassem os garotos que iam viajar de volta para casa descansar das obrigações habituais. Isto produziria um bom efeito, eles preencheriam completamente as fichas de avaliação com boas notas. Então, eu tive de fazer o trabalho que normalmente seria deles.

Assim que eu terminei, Sabine apareceu e descobriu que os sacos das tendas estavam enrugados, ou com saliências e espaços vazios, e determinou que eles não podiam ser armazenados dessa forma, de modo que eu tive de retirar dos invólucros, dobrar de novo e embalar mais uma vez cada uma das tendas.

Enquanto trabalhava, eu pensava na noite anterior e queria que o rapaz estivesse em meu lugar. Quando terminei as tendas, adotei uma de suas atitudes características, a cabeça erguida para trás, com a nuca dobrada para o pescoço, a boca meio aberta e as mãos fechadas dentro dos bolsos das calças.

Ralf me chamou.

Ele estava parado diante da cabine das duchas e usava um colete de tecido jeans, porque não estava muito quente nessa manhã. Sobre a barra de pele do colarinho, sua cabeça parecia fundida em aço brunido.

— Venha de uma vez! Precisamos de você aqui.

Eu chutei a bola de futebol, que estava no chão ali por perto, em sua direção.

— Qual é o problema, você é surda?

Ele me agarrou pelo cotovelo e me empurrou para frente. O piso da cabine das duchas estava reluzente e o lugar cheirava mal. Alguns dos garotos tinham usado a cabine, mesmo sabendo que era proibido, e feito bagunça. Ralf os pusera para fora. Eles saíram com as toalhas enroladas nos quadris ameaçando escorregar.

— Pronto — disse ele. — E agora nós queremos ver se o boteco não fica parecendo tão limpinho como um restaurante da Picobello.

Na parte rebaixada que servia como escoadouro das duchas havia restos de sabão, ferrugem, cabelos e pedaços de papel picado até a altura dos tornozelos, a água não conseguia descer e mais sujeira fluía na água acumulada. As paredes, o espelho e as cortinas das duchas estavam cobertas de vapor, cujos filetes escorriam lentamente.

— Você tem de conseguir alguém para desentupir o ralo, eu não sei fazer isso e nem tenho vindo aqui.

Ralf encostou um dos ombros contra a parede do banheiro. Cruzou os braços.

— Não mesmo. Hoje é seu dia de plantão aqui. Você está sob observação, caso ainda não tenha percebido.

— Vou na barraca dos equipamentos. Deve haver um par de luvas por lá.

— Não precisa. Aqui do lado tem as latrinas e você junta essa porcaria com as mãos em concha e atira no meio da merda, não era assim quando trabalhava no teatro?

Ele ficou me contemplando com aquele olhar sem expressão, aquele mesmo olhar que ele mostrava sempre que seu corpo tinha feito um grande esforço e se achava esgotado.

Eu me ajoelhei junto ao escoadouro e tateei com as mãos por baixo da água até encontrar o cano de saída. Tirei para fora o ralo de metal.

Ele estava parado atrás de mim. Eu sabia de que jeito ele estava me olhando. Minha camiseta estava úmida da água que respingara

pelos meus braços, eu estava tentando tirar a porcaria com as mãos de cima do cano, para evitar que ficasse entupido de novo, uma mistura de resíduos orgânicos e de sabão tinha formado uma gosma pegajosa. Eu escorregava e quase caía dentro daquilo. Meus seios estavam apertados contra a quina do escoadouro e, na posição em que eu estava, sabia muito bem para o que Ralf estava olhando. A porta estava aberta e pelo canto dos olhos eu podia ver grupos de garotos correndo. Por um curto espaço de tempo seus corpos interrompiam a passagem da luz do sol e, quando a liberavam novamente, ela lampejava intermitentemente.

Os ônibus haviam chegado.

Por um momento, parei de prestar atenção ao que fazia. Esqueci o controle e aquela barrela nojenta espalhada diante de meus olhos. Procurei controlar uma vertigem provocada pela sufocação. Mas, então, o ambiente se impôs com violência, a água assumiu uma coloração cinza-amarelada. Erguendo os olhos, vi quando Ralf acenava afirmativamente com a testa.

Ele inclinou a cabeça para frente e, então, passou a mão pela nuca, como se a estivesse enxugando.

Logo a seguir, saiu da cabine dos banheiros.

Mas antes que eu pudesse me erguer, ele retornou. Apoiou um dos ombros contra o marco da porta.

— Talvez nós ambos sejamos dois excêntricos, não acha? — ele fez uma pausa, parecendo esperar que eu lhe desse uma resposta. Como eu nada dissesse, continuou: — É por isso que nós dois ficamos parados assim, na quina, na beirada do círculo. Mas eu não sou o único por aqui que observou a coisa. Já entendi tudo perfeitamente. Nós somos parceiros, nós dois. Desde o começo. Nós nos metemos em tudo, aguentamos tudo, mas nós dois, tu e eu, preferíamos fazer outras coisas, mas mantemos um compromisso, aceitamos o que vem. Olhe para mim!...

Eu girei a cabeça para cima, a fim de fitá-lo nos olhos.

— Respeito! Você pode dominar o que quiser. É o tipo da lutadora. Claro, que você nem sempre tem vontade de lutar. Mas para dizer tudo, por sorte eu já vi o suficiente, posso me permitir um julgamento, já tive condições de formar minha opinião, eu não tenho mais nada a fazer aqui, você pode dizer o mesmo, pois bem, nenhum de nós pode trabalhar mais aqui. Nós dois temos de largar este *Job*. Estes empregos. E os dois seguirmos para outra parte. Bem, diga alguma coisa. Esta não vai ser a primeira vez que você larga um trabalho. E tampouco será a última.

Ele parecia muito grande, na soleira da porta de entrada. Ele falava em um tom concentrado, monótono e sonolento em si mesmo, aquele mesmo tom que acompanhava seu olhar baço de manhã cedo, quando eu o encontrava diante da tenda.

— Nem sequer vale como experiência. Eu digo isso a mim mesmo montes de vezes. Muitas vezes já indaguei isso de mim mesmo, com sinceridade e sem disfarces. Mas a resposta sempre permanece a mesma, toda noite, cada noite lá está ela. Essa foi minha incumbência, permanecer assim. E você sempre está no fundo, envolvida nas sombras. Você sempre se encontra ali, oculta por trás do projetor. É o que a gente tem a ver com um procedimento assim, puramente técnico, totalmente mecânico, como a gente pode prosperar em um ambiente político desses? Eu nem sei como a gente poderia se recusar a um relacionamento assim. Por mais que se procure permanecer fora dele, tão cautelosamente quanto possível. Um tiro de aviso. Não chegar perto demais. Manter-se à parte. Tão disfarçada, tão dissimuladamente quanto se consegue. E não lhes fornecer nenhuma munição ideológica.

Uma breve pausa e ele continuou:

— Ao contrário, enquanto eu fui obrigado a escutar, as fronteiras eram uma coisa desejável para a República Democrática Alemã. Eu sempre fui obrigado a escutar que deveria querer defender o país, e era o que dizia para mim mesmo. Isso eu também fiz algumas vezes. Veja se me entende. Veja se me entende bem. Claramente não se

comete um erro quando se cumpre constantemente compromissos. Você sabe o que eu quero dizer? Cada vez eu fazia menos brincadeiras. Mas é assim que é. Sempre. Quanto mais se evita gritar, tanto menos energia se tem. Por isso mesmo, os custos vão se tornando cada vez maiores. É a regra número um. Mas há fases boas e fases más, elas vão se revezando.

Ele colocou a mão em meu ombro, eu me apertei mais ainda contra a beira do escoadouro, tentando me esquivar.

— Você me entende? Eu queria tanto que você me entendesse!...

Eu não disse nada. Estava era com frio. Tinha de fazer um esforço para que meus dentes não começassem a bater uns contra os outros. Ele acenou com a cabeça e foi embora.

E mais tarde, muito tempo depois que ele tinha ido embora, muito tempo depois que eu tinha completado a limpeza, e lavado minhas mãos e meu rosto com água quente, pensei: *Talvez todas aquelas manhãs em que eu o encontrava diante da tenda ele tivesse querido me dizer alguma coisa que era muito importante para ele e nunca se animasse. Mesmo assim, de certo modo ele me dera a entender, vezes sem conta, embora eu tivesse a impressão de que até essas mesmas não passassem de evasivas.*

O chefe do grupo tinha escolhido três dos garotos mais franzinos e uma menina. Eles corriam ao redor dele pelo caminho que levava à praia. Sob a luz que se escoava por entre as agulhas dos ramos das árvores, o ar dava a impressão de estar namorando.

A menina tinha descoberto a bola escondida no meio dos arbustos e a foi tirando com pequenos chutes até que ela rolou para o caminho. Agora todos queriam pegar, aquela mesma bola e assim a ficaram perseguindo e caçando até a margem. Mas a menina era a mais habilidosa, ela driblou os três meninos e os deixou para trás e, depois de meia dúzia de passos, deu um chute tão forte na bola que ela voou com a velocidade de um raio, e foi cair perto do líder do grupo.

A seguir, ela posicionou os garotos ao longo do caminho. Ela plantou firmemente as pernas com suas panturrilhas nuas, inclinou a cabeça para um lado, destacando seu pescoço desnudo, posicionando o traseiro em uma pose claramente provocante, em seus olhos havia teimosia, resistência e um certo tipo de gratidão, ou fui eu que imaginei tais sentimentos neles. Ela achava seu líder de grupo imponente, magnífico. Ela estava apaixonada por ele, era um *cool guy*,⁴¹ como diria Sabine, já fazia duas semanas que ela andava ao ar livre junto com ele, já levantara tendas seguindo suas instruções, haviam pescado juntos com vara e anzol e apostado quem pegava mais peixes, tinham juntado madeira e cortado lenha, ela sentira o cheiro de seu suor e a exalação embotada das tiras de rastafari que ele usava na cabeça, eles se haviam acocorado sobre a mesma fossa, haviam limpado as concavidades com musgo enrolado em um pedaço de feldspato, haviam contado anedotas sobre sexo junto ao fogo do acampamento, depois que as meninas tinham ido dormir, mas ela dava um jeito de escutar escondido, ela e duas outras meninas, ela tivera vontade de ficar pelada junto com ele a cada vez que mergulhava de biquinho do alto de um rochedo muito especial que ele havia encontrado e escolhido para ela.

Todos queriam pegar a bola.

Mas ela chocou-se diretamente contra a panturrilha de Falko. Ele ainda não havia cessado de caminhar e estava fumando; com o choque, jogou as cinzas longe.

Sem pensar, ele deixou que a bola passasse. Jogou a bagana na areia e apagou-lhe a brasa com os pés.

Eles ficaram desapontados.

Seus corpos se afrouxaram, do mesmo modo que acontecia com os coletes salva-vidas quando o ar saía ao se abrir a válvula para esvaziar. Um deles deu um pontapé em um dos arbustos, para não

41. Um cara legal. (NT).

perder a energia armazenada para o esforço. Enquanto convivera com ele ao ar livre, ela poderia ter aprendido de forma diferente, mas não conseguira entender a diferença; o que ela não conseguia compreender era que, para ele, ela era apenas mais uma parte de seu *Job* e que seu relacionamento com ele terminaria quando o acampamento fosse fechado. A bola continuou parada no lugar em que havia caído.

Sobre a margem, o sol brilhava violentamente. Apenas sob os pinheiros, lá, onde Siri havia me aparecido pela primeira vez, havia um pouco de sombra. Eu apanhei algumas das panelas menores e mostrei a eles como era que se retirava o tisne formado no alumínio pelas chamas do fogo de chão com o esfregão de aço e a lixa, misturados com um pouco da areia da praia. Assim que acabei de explicar, me instalei embaixo dos pinheiros.

Dentro de umas duas horas, Siri ia querer que eu estivesse junto ao ancoradouro.

Dentro de umas duas horas chegariam os reforços para treinamento no campo. Uwe tinha avisado que o micro-ônibus já fora embarcado na balsa.

Dentro de umas duas horas.

Meia tarde.

Aproveitei que os especialistas em esportes estavam treinando os garotos para sumir. Esperei até que Ralf tivesse retirado seu grupo da água para conduzir minha canoa na direção combinada. Atravessei as águas descuidadamente, da forma como elas se apresentavam para mim no caminho.

Um pouco mais longe da margem navegava uma lancha a motor. As ondas cortadas pela proa se esbatiam contra a canoa de alumínio, do jeito que elas deviam, do jeito que elas chegavam, não me parecia que houvesse ondas suficientes para cruzar com minha proa, ondas poderosas de um metro de altura, que devessem lançar-se sobre

mim e me recobrir, ondas que eu pudesse perfurar, que eu pudesse agarrar e arremessar, ondas que deixassem meu rosto úmido de espuma. Abri os braços e depois segui em frente. Quando chegasse ao pontal de areia, eu ficaria mais sossegada. Prossegui em frente, com remadas regulares. Ao longo da margem as cabanas vermelhas construídas para fins de semana mergulhavam e sumiam.

Através de tudo aquilo eu prosseguia, imaginando que naufragava junto com Ralf. Via seu rosto através das ondas, afundado nas águas, via como ele havia fechado os olhos submissamente enquanto as águas se aprofundavam e ficavam mais altas do que ele, o pescoço e o queixo desapareciam, mas ele seguia em frente até cobrir o nariz e os olhos e, lenta, mas inexoravelmente indo cada vez mais para o fundo, eu não queria que ele fizesse aquilo. Pelo menos, eu não teria querido que ele fizesse, pensei eu, porque depois teria de pensar na filha dele.

Eu não desejava nada disso para ele, mas tão logo eu o visse sumindo sob as águas, seria como se eu tivesse marchado lado a lado com ele.

Eu queria, mas aquilo era ilógico. Aquilo era irracional.

No momento em que eu atingi o promontório, enxerguei à distância como os outros empurravam um barco sobre a praia.

A proa fora apontada em minha direção. Entre eles, eu enxerguei Uwe, ele havia retornado, estava de pé na praia, com as pernas bem abertas. Ele tinha uma das mãos protegendo os olhos para examinar o lago até bem longe.

O barco estabeleceu seu curso em direção ao promontório. Eles me seguiam.

Eu me mantive entre as ilhas junto à margem, fiz algumas manobras antes de chegar ao local de desembarque. Mas eu não arribei. Entrei pela passagem estreita que ficava a uns dois metros mais à direita. Percebi que era rasa. Mas eu estava sozinha no barco e meu peso não afundava a embarcação o suficiente para tocar o solo. Minha testa parecia arder em febre.

Quando eu aportei atrás da casa, tinha perdido de vista os outros, eles tinham ficado para trás e eu esperava tê-los despistado.

Siri estava parada na ponta dos pés diante da porta. Ela me acenou. Ela gritou que havia pegadas sobre a areia. Pouco precisas, meio apagadas pelo vento. O toldo enferrujado do Buick aparecia diante dos pés de groselha. Buick ou Jaguar.

— Schmoll — ela gritou — que bom que você veio. Você realmente não está de novo aborrecido comigo!

Ela correu para o outro lado do balanço, empurrou as urtigas para trás e sentou-se no assento de metal. Ela me mostrou um sorriso amplo. Lançou-me um olhar ingênuo e eu recordei de que, algum tempo antes, tinha visto uma cilada naquele sorriso.

Ela ficou em pé no assento e se balançou bem alto, e a corrente chiou de forma assustadora. Toda a armação do balanço se movia com cada impulso, estremecia e sacudia-se para frente e para trás, mas permaneceu firme no lugar. Ela se balançou ainda mais alto, seu vestido se erguia com o vento, ela dava gritinhos e, na luz da tarde, que nos atingia após atravessar os rochedos, ela parecia muito bela e até mesmo deslumbrante.

O rapaz avançou por trás e pulou no assento, aproveitando o impulso.

Ele se posicionou atrás dela no balanço, firmando os pés à direita e à esquerda dela, nas pontas do assento metálico, sobre o qual conseguia apoiar somente a metade de seus tênis. Ele tinha colocado a camisa listrada de azul, com a pressa tinha abotoado mal, alguns dos botões tinham ficado desencontrados das casas e a camisa esvoaçava a cada vez que o balanço descia para trás e ele dobrava os joelhos para pegar impulso e projetar os dois novamente para frente. Era difícil dobrar os joelhos com a profundidade suficiente, requeria um grande esforço dos músculos de suas canelas.

Ele amava o vento.

Ele amava poder impulsioná-la, e a si mesmo, em um mesmo movimento, as cintilações provocadas pela luz que avistava nas folhas, seu corpo liso e magnífico, a respiração que compartilhava com ela, inspirando quando se lançavam para frente e expirando quando eram puxados para trás pelo empuxo da gravidade. Ele gritou de alegria e lançou a cabeça para trás, olhando diretamente para o céu.

Na metade do grito, ele observou que ela crispava as mãos contra as correntes do balanço e se encolhia.

— Está se sentindo mal?

Ele firmou uma das mãos contra a barra superior da armação do balanço para frear o movimento e levar o assento de volta à posição de repouso.

— Você sabe no que eu tive de pensar quando você chegou? — disse ela, depois que o balanço tinha completamente parado. — Toda pessoa tem um grande medo. Qual deles é realmente o seu?

Eu descí do balanço. Pensei em Uwe e no barco que me seguira. *Três mil euros não são qualquer bagatela.*

— As calçadas das cidades — respondeu o rapaz. — As calçadas cinzentas das cidades, ao lado do asfalto com as rampas apagadas durante a véspera.

Ela sorriu para algum ponto indeterminado.

— Veja só — disse ela — pois o meu maior medo é justamente você.

Imediatamente ela pulou do assento e correu em direção à casa. Ela correu, mas como quem deseja ser seguida, portanto fui atrás dela, correndo como faz um homem e, por um momento, pensei que ela me imitava.

Os restos do carro demolido erguiam-se da areia. À margem da floresta e sobre o prado não se via ninguém. Tudo estava calmo. As papoulas eram como pingos vermelhos de sangue através do campo. O vento tinha parado.

Corri atrás dela. Eu controlei se a fechadura da porta da casa era segura ou não, antes de entrar em um dos quartos, percebi que minhas mãos tremiam.

— Por que razão eu lhe deveria causar medo? — gritei atrás dela.

— Porque você me assusta — gritou ela de volta. — Algumas vezes. Mas isso é bom. Quando a gente sente medo, se concentra mais e presta mais atenção.

O rapaz assentiu. Piscou os dois olhos ao mesmo tempo e olhou cuidadosamente para a janela, a fim de verificar até que ponto era segura, no caso de ser necessário defender a casa energeticamente; ele esticou o pescoço para erguer melhor a cabeça, mas não conseguiu enxergar ninguém. Apenas as silhuetas verdes das árvores do outro lado da janela. O movimento que ele pressentira era o dela, que se perdera nas sombras e depois se aproximara da luz e o surpreendera com um beijo na comissura dos lábios, depois nos lábios, finalmente em toda a boca. Seus lábios eram duros, quase ásperos, todavia fracos o suficiente para que seus olhos se fechassem e seu lábio inferior permaneceu sobre os seus só por um momento, quase como que por engano.

— Venha cá! Eu preciso lhe mostrar uma coisa.

Siri correu para o canto da sala, onde havia uma escada. A casa já parecia menos caótica. Ela tinha feito uma arrumação. Os vasos com as plantas secas haviam desaparecido, a dançarina de porcelana estava agora em pé e apontava o coto do braço em direção ao teto. Mas o pacote de bolachinhas aberto, o açucareiro e o aparelho de chá ainda se achavam no mesmo lugar. Não obstante, ela tinha limpado a mesa e a blusa de tricô tinha sido dobrada, de tal modo que o aparelho de chá parecia ter sido arranjado como uma peça de exposição.

— Eu larguei o emprego — afirmei.

— Ah, foi?

— Era mais do que tempo.

A escada conduzia ao sótão. Ela atravessou a peça rapidamente e abriu a janelinha da água-furtada.

— Foi isso então? Venha cá!

Não me pareceu que o fato de eu ter deixado o trabalho no acampamento lhe parecesse uma coisa que lhe causasse grande interesse.

Foi o rapaz que a seguiu. Ele parecia estar em transe. Lentamente ele subiu a escada, pisando nos degraus estreitos em que somente cabiam as pontas de seus pés. Seus joelhos endureceram com o esforço da subida, mas ele ainda sentia a pressão dos lábios dela sobre os seus. Ele acreditava estar escutando outro som, escutava claramente, primeiro bem baixinho, depois ficando mais forte, logo o som estava alto e estridente, parecia prolongar-se infindavelmente, como o guincho produzido por metal sendo serrado.

— Aqui – disse ela. — Estávamos no andar superior; através dos caibros que sustentavam as telhas descia uma luz azulada.

— Deve ter sido aqui – disse ela, parada no meio da peça. — Aqui! – murmurou ela. — Está claro, você escuta o guincho produzido pelas tábuas do assoalho? Foi aqui que aconteceu.

Atrás dela, contra a parede, encontrava-se um motor de popa, virado de cabeça para baixo a julgar pela posição dos adesivos e pela tinta arranhada pelos pés de alguém. O sótão tinha sido reformado pela metade, entre as vigas recentemente colocadas apareciam chapas de compensado.

— Você não sabe o que aconteceu aqui?

— Alguém morreu?

Siri me olhou com um ar espantado.

— A mãe de Erik, é claro! Mas você já sabia disso!...

— Não mesmo – respondi, igualmente surpreendido. — Mas isso não é tão difícil de adivinhar, quando se vê o aspecto que a casa tinha. A mãe morreu e, desde então, ninguém mais esteve aqui. A mesma coisa no jardim, como se ela tivesse sido a última pessoa a mexer nos canteiros.

— Você quer dizer que, depois da morte dela, ninguém mais entrou aqui? – indagou Siri. — Nem sequer Erik? —

— Não. Ninguém. Apenas o carro fúnebre e as pessoas que vieram buscar o corpo. Por algum motivo, Erik nunca mais ousou entrar na casa – afirmei. — Sem a menor dúvida, ele tinha medo de que ela permanecesse por aqui, assombrando a casa de uma forma ou de outra. Ele passou tanto tempo longe daqui com a desculpa de que estava viajando. Esse foi o motivo real porque vocês passaram tanto tempo dentro daquele automóvel. Ele tinha esquecido o caminho e se perdeu. Depois de todos aqueles anos, ele não sabia mais direito como chegar até aqui.

— Mas ela não pode ter morrido no sótão, Schmoll, você não percebe? A essa altura, ela já deveria estar fraca demais para poder subir a escada toda hora. No sótão deve ter acontecido alguma coisa diferente.

— Naturalmente que ela não morreu no sótão! – disse eu, com ar de superioridade. Ela morreu sentada em sua poltrona favorita. Lá embaixo. Lá, onde está pendurada aquela blusa de tricô. Lá, onde ela sempre se sentava.

— Fale mais um pouco – Siri parecia estar repentinamente excitada. Ela me encarava fixamente.

— Que mais você quer que eu diga?

— Conte o resto, você sabe muito bem o que é!...

Portanto, eu lhe contei. Primeiro lentamente, hesitando.

Eu lhe contei como a mãe de Erik cuidava da casa, como em cada manhã de verão ela saía para o jardim às sete horas para aguar as plantas, para que a água escorresse a tempo das folhas e que estas não fossem queimadas pelo sol causticante.

Depois, parei. Eu não sabia sobre o que falar a seguir.

Mas ela ficou me olhando expectantemente. Depois disse:

— De fato? Então me conte o resto! – insistiu, me estimulando a continuar. — Mas isso é inacreditável! – exclamou. — Mas e depois?

E eu continuei a falar, sem raciocinar, sem a menor prudência. Sem saber o que sairia a seguir de minha própria boca. Eu não escolhia a direção, não tinha o menor plano e estava espantadíssima comigo mesmo, porque tudo o que eu falava parecia fazer sentido.

Contei a Siri como a mãe de Erik tratara de suas plantas com o máximo cuidado. Quando elas estavam ameaçadas de quebrar ou de afrouxar, como ela colocava varilhas dentro dos vasos de barro para servirem como tutores. Os vizinhos vinham muitas vezes lhe pedir conselhos, uma coisa que não era habitual. Na Suécia, os vizinhos em geral não conversam uns com os outros, praticamente a única exceção que fazem é quando vão viajar e precisam de pedir a alguém para tomar conta das chaves da casa.

Mas a mãe de Erik era uma exceção. Ela frequentemente falava com estranhos na rua, talvez apenas porque estivessem com um ar de tristeza, ou porque usassem um chapéu diferente, ou porque não parecessem estar familiarizados com a zona. Ela procurara ensinar seu filho a proceder assim também, mas não tivera tempo suficiente para isso. Ela tivera seu filho a seu lado apenas enquanto era muito pequeno. Até que ele completara quatro anos.

Eu falei. Enquanto eu falava, o rapaz procurava acostumar-se com o cheiro de Siri e com a sensação de seu corpo tão perto dele. Ele estava meio estonteado.

Eu contei a Siri como Erik, muitos anos mais tarde, ficara parado do lado de fora da casa, olhando pela janela. Como ele contemplara sua mãe lá de fora. Ela poderia ainda estar sentada em sua cadeira de braços, mas não conseguia mais se levantar sozinha. Ele nem tentou entrar, não bateu sequer uma vez. Da última vez em que ele a vira, tinha apenas quatro anos. Contudo, sentiu muito medo dela.

Com a manga da camisa, ele esfregou a sujeira da vidraça para abrir um espaço por onde olhar para dentro, mas permaneceu escondido nas sombras, porque não queria ser descoberto. Em seus

últimos dias, ela permanecia reclinada na poltrona, sempre na mesma posição, meio deitada, meio sentada.

E mais tarde, depois que ela morreu, ele jamais esqueceria essa imagem. Como ela ficava sentada naquela poltrona, com a cabeça meio inclinada para um dos lados, as mãos estendidas para frente, como se estivesse lhe pedindo alguma coisa. Ele sabia que ela estava morta, mas isso não lhe servia de nada. Para ele, ela continuava sentada sempre ali e, à medida que os anos se passavam, ele nunca mais se locomovera até a casa. Porque ela estava sentada na poltrona e lhe estendia as mãos em súplica. Enquanto isso, a casa fora se arruinando. Ele tinha procurado vender a propriedade, tinha procurado todos os corretores imobiliários da região, mas eles só queriam colocar em seus catálogos de venda casas novas e bem arrumadas. Ele procurou livrar-se da casa por seu próprio esforço, mas quem estaria disposto a lhe comprar uma casa assim, ainda mais com aquela poltrona sobre cujo encosto permanecia a blusa de tricô pendurada, com aquele pacote de bolachas duras e empoeiradas em cima da mesa, com o chá seco no fundo da taça, com o fantasma de sua mãe?

Com o passar do tempo, a casa foi assumindo em suas descrições o aspecto de uma casa de campo, depois de uma propriedade rural, finalmente de um palácio. Ele a descrevia quase como um paraíso e, não obstante, não conseguia desfazer-se dela. E enquanto ele não conseguisse desfazer-se da propriedade, não poderia esquecer de sua mãe, no momento de sua morte, não podia deixar de ver aquela imagem diante de seus olhos, aquele momento que, para ele, à medida que mais tempo se ia passando, se transformava no quadro central de sua própria existência. Aquela cabeça caída modestamente para um dos lados. As mãos estendidas em súplica.

Eu descrevi detalhadamente as mãos a Siri. Eu lhe descrevi que aspecto tinham as palmas das mãos da mãe de Erik. As linhas profundas que se haviam formado naquelas palmas, nos lugares em

que a pele tinha sido ferida e arranhada durante o trabalho, aquelas feridas que não se curavam mais, aquelas cicatrizes negras que se alastravam cada vez mais. Mas, por baixo delas, ainda se entreviam as mãos antigas, as mãos que deveriam ter sido delgadas e bem cuidadas. E quando ela tocava em alguém, estas mãos eram seguras e cálidas e transmitiam uma sensação de estabilidade dentro de um mundo conturbado. Como se fossem feitas de lã.

Siri assentiu com a cabeça, seus dedos correram pelo meu braço e para mim tornou-se claro. Quem eu realmente descrevia era ela. Eu descrevia o anseio de ser tocada por ela. Mas eu não sabia se ela percebera isso. Eu me interrompi.

— Continue! — ela cochichou depois de alguns instantes. — Não pare! Continue me contando!...

E eu contei. Eu contei, porque tudo me indicava que era isso o que principalmente desejava de mim, o motivo por que esperara por mim desde de manhã no ancoradouro. Eu contei e ela me contemplava e o rapaz também se atarefava com isso, mudando o peso do corpo de uma perna para a outra, cauteloso, observando tão disfarçadamente quando possível para que ela não se sentisse convidada por sua atitude a se afastar, para que permanecesse a seu lado e que seu rosto claro, os traços definidos e sinceros das maçãs do rosto e da testa pudessem aceitá-lo, através do olhar daqueles pontos verdes no mar castanho que eram seus olhos.

Eu lhe contei que o menino tinha nascido aqui.

— Que menino? — sussurrou ela.

— Erik — respondi. — Foi nesta casa que ele nasceu. Viveu aqui os primeiros anos de sua infância.

— Siga em frente — disse ela. — Schmoll. Você precisa me contar mais.

Eu sentia como se estivesse ardendo em febre. Meu corpo inteiro estava quente e, ao mesmo tempo, parecia mergulhado em água.

— Conte-me mais a respeito do menino.

— Tudo bem — respondi — tudo bem. Então eu vou lhe narrar de novo o que aquele que se chamava Erik lhe contou enquanto estavam dentro do automóvel. Aquilo que ele lhe havia contado quando já estava escuro. Quando eles três estavam sentados dentro do carro. Você recorda do que foi?

— Eu recordo, sim, mas me conte de novo.

— Ele nascera aqui. O balanço tinha sido construído para que ele se divertisse. Ele adorava se balançar. Ele amava o vento. Ele ficava muito feliz em sair para o jardim com sua mãe, bem cedo de manhã, à primeira luz do sol.

O rapaz tinha arregaçado as pernas da calça e uma faixa de pele se tornara visível. Havia areia grudada nas solas dos tênis. Ele contemplou seus calçados e a seguir virou os olhos para contemplar as sandálias que ela usava, lado a lado com seus pés, os dela eram de um número bem menor. Seu dedo grande e os dedos médios mostravam restos de pétalas, revelando que ela correria por cima de flores.

— Sim, Schmoll. E depois?

Novamente o rapaz escutou aquele som, desta vez mais alto. O som lhe percorria as palmas das mãos, subia pelos antebraços e chegava até seus ombros desajeitados, deveria ter sido trazido pelo vento, que penetrava por cima, pelas frestas no telhado do sótão.

— Ele era ainda pequeno demais para entender as troças feitas pelos filhos dos vizinhos, que diziam que sua mãe urinava nos vasos de flores ou que dera um tiro de estilingue em um cervo.

— Talvez ele também simplesmente não fizesse o gênero que faz esse tipo de piadas — disse ela.

— Talvez.

O rapaz segurou a mão de Siri, manteve-a apertada dentro da sua, eu assinaliei com a cabeça em direção a um colchão estendido em um canto do assoalho. Nós sentamos sobre ele, mas com suficiente distância entre nós, apenas nossas mãos continuavam se tocando.

— Ele era realmente mais o tipo que preferia levar uma sova. Se realmente fosse necessário, ele preferia levar uma sova para salvar o cervo — acometida agora por uma avidez para falar, pela cobiça de lhe contar tudo, mesmo que eu não soubesse tudo como tinha sido, mas tinha a sensação de que estava me confessando, como se tivesse o desejo de proclamar uma confissão, e Siri permanecia totalmente silenciosa e quieta, e estava somente sentada ali a me escutar e, por um momento, somente pelo mais breve dos momentos, ela se encostou no ombro do rapaz. Ele lhe passou o braço sobre os ombros. Ele lhe acariciou os cabelos da nuca com os dedos.

Eu lhe contei como sua mãe nunca saía de casa. Que ela nem uma só vez saíra em férias, o que também era incomum para uma sueca. Ela sempre morara nesta casa, desde que ela tivera aqui seu filho até o dia em que morreu.

— Então o mobiliário ainda é o mesmo dela? Algumas peças são realmente caras. Ela era rica?

— Não — respondi, acertando por puro acaso. — A mobília lhe fora dada de presente.

— Mas por quem?

— Espere — respondi. — Isso vem depois. Eu ainda não cheguei nessa parte. Mas realmente a mobília lhe foi presenteadada por uma mulher, com quem ela havia travado relações de amizade. Tanto os móveis como os enfeites.

Tudo estava calmo. Nós duas assentadas no colchão rasgado. O silêncio e a luz azul do começo da noite tornavam nossas vozes abafadas e pouco inteligíveis.

— Ela dera à sua mãe os móveis como uma espécie de presente em troca de seu silêncio. Um silêncio que ela manteve.

Novamente se fez ouvir aquele som agudo.

— Mas sobre o que ela deveria manter silêncio, Schmoll?

— Já isso eu não sei. Mas espere. Aconteceu aqui, neste sótão. Ela havia subido ao sótão. Botas pesadas se fizeram escutar subindo

a escada. Ela se havia retirado inteiramente para trás, estava no canto mais externo, onde estava mais escuro nesse momento — disse eu. — Ela procurou proteger o pequeno em seu seio. Mas de uma forma que ela não tinha meios de saber, ele já se achava fora da proteção de carne e sangue. Eles a descobriram. Eles lhe furtaram o filho. Eles lhe desdobraram os braços e os abriram para fora, eles a abraçaram, prenderam-lhe os braços atrás das costas. Tudo não durou mais do que três ou quatro minutos. Então eles foram embora novamente.

— Mas quem eram eles, Schmoll, diga logo!

— Amigos do pai de Erik — respondi. — Bons amigos.

O rapaz nem se mexia. Ele olhava para o alto, para as chapas de compensado, que pareciam cada vez mover-se mais e o som se tornara insuportável. O rapaz procurava atravessar as chapas com os ouvidos, para escutar somente a floresta, as hastes de cevada e o lago, finalmente apertou a mão livre contra um dos ouvidos. Mas o som era mais profundo. Era como se um arame estivesse sendo esfregado contra uma lâmina fina e o som penetrasse irresistivelmente em seu conduto auditivo.

— Quem eram esses amigos?

— Espere — falei. — Eles levaram o menino para um barco. Era um navio grande. Eles o haviam tomado de sua mãe e o colocaram em um camarote desse navio, junto com mais duas crianças que chegaram depois — disse eu. — Era um legítimo grumete, conforme lhe contaram mais tarde, durante uma noite. E lhe parecia que se recordava disso. Eles o haviam conduzido em um grande navio que viajava pelo mar oriental, pelo Mar Báltico — declarei. — Sua mãe não podia vir junto, ele se recordava que o haviam arrancado dos braços de sua mãe, seu tigre de brinquedo tinha caído no chão e ele tinha chorado, porque ninguém o havia levantado — afirmei. — Através do Báltico tinham passado por tempestades, as lâmpadas acendiam e apagavam, ele estava preso em um camarote abaixo do tombadilho. Era apertado e abafado e as luzes ficavam

acesas a noite inteira. Ele era louro. Eles disseram que as crianças louras pertenciam a seu lar. Seu lar era lá, onde outras crianças louras já estavam.

Eu suava. E finalmente não falava mais, finalmente pudera fazer uma pausa, todavia eu estava apenas esperando para saber o que vinha a seguir, que apareceria dentro de meu cérebro, vindo de alguma parte, sem que eu parecesse ter a menor influência sobre aquilo.

Siri me contemplou. Desconfiada. Meio de lado.

— Diga-me uma coisa, Schmoll: por que está me contando toda essa asneira?

— Não – respondi – foi ele que nos contou.

— Sua idiota! E eu aqui, o tempo todo, caindo nessa esparrela!...

Ela me encarou como se eu tivesse perdido a razão.

— Mas você não podia ter inventado uma história melhor? Erik fazendo parte do Programa Lebensborn dos nazistas? Soldados alemães aqui, na Suécia? Mas que coisa mais horrível! Você está se divertindo às minhas custas!...

— A mãe de Erik foi engravidada por um deles – asseverei. — E não houve nada de voluntário nisso. Por que ela aceitaria uma coisa dessas de livre e espontânea vontade? Uma noite, ele se atirou sobre ela, aproveitou que ela estava caminhando sozinha, talvez ela simplesmente quisesse dar um passeio de noite...

— Já ouvi tudo o que podia, vá para o inferno!...

Siri me sacudiu, o rapaz a tinha agarrado ou ela tinha agarrado o rapaz, ela o sacudiu, livrou-se dele e se ergueu de um salto.

— Fique sabendo que isso que você leu nos guias de viagem absolutamente não me interessa!...

— Ele é apenas uma criança, foi adquirido somente para satisfazer os interesses do sistema – continuei, falando com se estivesse em um sonho. — Um produto louro, adquirido para se inserir em uma maioria com aspecto semelhante.

— Tudo bem – disse Siri friamente. — E eu já estava com tanta esperança em você, Schmoll!...

Ela andou rapidamente até a janelinha da mansarda. Ela se apoiou na cornija e olhou para cima e para fora. Depois, se virou para dentro.

— Vamos supor que ele realmente lhe tenha contado isso. Pode ser que realmente ele tenha pensado que isso aconteceu com ele. Um cenário de guerra. Alguma coisa deve ter sido autêntica. Ele deve ter sido realmente raptado, só que os nazistas o teriam criado como alemão. Ou ele descobriu que houve realmente uma tentativa de unir alemães e suecos dessa forma. Vou-lhe dizer mais uma vez, Schmoll, você me obrigou, você me obrigou a recordar coisas antigas. Foi isto que realmente aconteceu. Foi quando as pessoas se relacionaram com os Komsomols russos. As conversas eram formadas na maior parte por uma série de clichês preestabelecidos. Sempre as mesmas frases aprendidas de cor, porque nunca nos ensinavam nada de diferente, porque o próprio vocabulário não se desenvolvia, só que desta maneira a gente não aprendia nada, não experimentava nada que não fosse o que eles transmitiam. Ou seja, a gente não adquiria a menor experiência.

— Mas pode ter sido realmente assim – falei.

Siri me encarou.

— Tudo bem. Vamos supor que tenha sido assim. Deste modo, fui eu que acabei libertando o rapaz, não foi? Fui eu que comprei a casa.

— Sim – declarei, embora não me sentisse mais segura, de fato, estava desapontada e até mesmo aquele estranho som havia desaparecido.

— Portanto, ele agora não traz mais peso algum na consciência – disse Siri, reprovadoramente.

— Sim. Naturalmente agora é assim. E realmente este Erik não tem idade suficiente para ter vivenciado aquilo. Quero dizer, ele tem no máximo sessenta, portanto não pode ter acontecido com ele.

Ela sorriu.

— Isso não tem importância, Schmoll.

Ela parecia ter se acalmado.

Ela parecia mais estreita, parada ali embaixo das vigas do teto. A tira direita de seu vestido tinha escorregado do ombro, ela sentiu um arrepio de frio, lá de fora se escutou o eco do motor de uma lancha.

Ela chegou mais perto e estendeu a mão, o som do motor da lancha desapareceu, sumindo em direção ao sul, talvez fosse o próprio Uwe, que estivesse mostrando a uma nova equipe da *Gore-tex* a paisagem ao redor do acampamento. Ou, quem sabe, eles ainda estavam me procurando na lancha.

Ela acariciou meu rosto.

Eu senti como se o carinho tivesse sido feito em alguém diferente, como se não fosse meu próprio rosto que se encontrava ali.

— Enquanto alguém confia em sua própria história, isso não tem importância.

Ela me passou a unha de leve pelo pescoço

— Sua camisa – disse baixinho. — Eu gosto de sua camisa.

Ela encostou a mão diretamente sobre um de meus seios.

— É a camisa dele, você sabia disso? Pertencia a ele. Você também consegue ver o que se passa em volta? E tocar nessas coisas? Você pode tocar nelas? Não, não se mexa. Existe também em você alguma coisa que era habitual nele.

Ela me desabotoou a camisa.

— Você é bela. Você tem corpo de mulher – disse-me. — Mas você é um rapaz – disse ela, rindo. — Eu realmente posso ver isso em você. Aqui – falou, tocando com a ponta dos dedos em meu ombro. — E aqui – ela pegou-me a mão e passou a língua devagar pelo meu pulso. — E aqui primeiro, isso é surpreendente! Simplesmente olhe para seus próprios braços. E seus olhos! Em seus olhos eu posso perceber com absoluta certeza.

Ela chegou bem perto de meu ouvido para dizer:

— Eu sei perfeitamente que aparência ele tem. Seus encantadores cabelos louros. Em geral, ele dobra os joelhos quando corre, é um jeito que ele tem, realmente ele acha aborrecida a maneira normal de correr.

Repuxei a camisa para esconder os seios.

— Não – disse ela – deixe como está. Por favor.

— Isso não te incomoda?

— Você é sempre tão atenciosa! Como se *isso* fizesse alguma diferença...

Ela retirou-me a mão e os lados da camisa se separaram, deslizando novamente para os lados.

Eu fiquei parada ali, debaixo daquele teto arruinado, a casa tinha ficado fria, usando minha camisa de listras azuis aberta ao peito e estava feliz por não ser eu, mas ele, Schmoll, aquele rapaz, que ainda não dormira com uma mulher.

— Ainda não? – perguntei e ela assentiu com a testa.

— Nem uma só vez. E você também não poderá fazer de novo.

— Mas eu posso retornar. No acampamento, eles não sentem tanta falta assim de mim.

— A primeira vez é sempre a última – disse ela. Caso contrário, nada lhe poderia ser dado. Nada para ele e nada para você tampouco. Você conseguiu entender isso perfeitamente?

Ela cruzou os braços de forma a abraçar seu próprio corpo. Vi passarem gaviotas em frente da janela do sótão.

— Ou isso não lhe agrada?

— Tanto faz.

— Ele ainda é jovem, você sabe, ele ainda não adquiriu confiança plena em si mesmo.

Lentamente, ele lhe tirou a faixa de veludo que prendia os cabelos dela e soltou-lhe completamente a cabeleira.

— É difícil de crer.

— Por quê? – ela não se virou. — Mas você percebe que ele está aqui. Por que você não quer acreditar?

— Ocorre que — falei baixinho, como se estivesse sondando a voz dela mesma — é como se ele entendesse tudo. Ele entende tudo, mas somente enquanto você estiver falando com ele.

Ela tinha de dizer mais alguma coisa agora, ou era eu que deveria falar de novo. Principalmente, as vozes tinham de ser ouvidas sob esta alta abóbada, embaixo das vigas do teto e das gaiotas que atravessavam o céu. Enquanto estivéssemos falando, as coisas eram realmente assim.

Ele não sabia o que fazer com a faixa de veludo e a enrolou ao redor do pulso.

À distância, algumas luzes se moviam. De certo era um barco. Talvez apenas relâmpagos que se refletiam nas águas do lago. Começou a chover.

Então, ele a beijou.

Ele a beijou e ela era pequena e flexível, encostou-se nele e enquanto estavam juntos mais uma vez correu-lhe pela cabeça uma imagem impressa, mas o rapaz não fazia ideia do que poderia ser tal imagem. O rapaz queria somente ficar junto dela e abraçar-lhe a cintura e apertar-lhe as mãos com força.

— Eu gostaria que você se deitasse de costas — disse ela baixinho. Ela me agarrou pelos cabelos. — Deite-se agora. Durma. O sono nos libertará.

Ela me empurrou para a beirada do colchão. Ele sentou-se e ficou muito teso, com as mãos no colo, como era de hábito entre os alunos de escola rural, até que ela pressionou as palmas das mãos contra suas fontes e o beijou e segurou-lhe as mãos. Ela se apertou contra seu peito. Ele aquiesceu, mas não tomou nenhuma iniciativa.

— Schmoll. Faça amor comigo.

Ela me abriu as calças e as puxou para fora, depois me retirou as meias e a camisa, e ficou me contemplando.

Então, ela me empurrou para o colchão.

A luz a nosso redor acinzentou-se. Ela se ia dissipando como se esvai a luz na cabeça de um bêbado, em que permanece somente um resto de consciência.

— Feche os olhos.

Ela me fez esperar. Então, novamente sua voz se fez ouvir. Muito serena.

Ela falou como se tivesse obrigação. Ela explicou que sabia como era tudo tão difícil para ele. Que ele não confiava em ninguém. Mas que ela o escutava.

Ela disse que não seria só por um momento. Que seria para sempre.

Ela lhe contou que estava tirando as alças do vestido por sobre os ombros.

O vestido caiu no assoalho e ela estava nua por baixo do vestido. Ela disse que o desejava. Ela disse que tinha medo dele.

Ela disse que ele podia abrir os olhos agora e contemplá-la.

— Ele a contemplou sem qualquer incerteza?

— Ele a contemplou como se fosse a primeira que jamais o havia tocado.

— E onde foi isso?

— Você realmente não faz a menor ideia — sussurrou ela.

Ela tinha razão. Eu não fazia a menor ideia. Nem sequer como uma fantasia. Eu não me havia transformado em um *Teenager*⁴² romântico. Eu não me havia convencido de que ela fosse a primeira pessoa a me tocar e que de certo modo me fizesse amar todas as demais que a seguiram.

Nessa idade, eu saltava e pulava praticando ping-pong e handball. Enquanto eu crescia, me tornara uma atleta, como Svenja teria dito. Eu tinha ganho algum dinheiro nos torneios e havia comprado uma motocicleta velha e andava sozinha por toda parte, seja como

42. Adolescente. (NT).

for, nada me acontecera senão um primeiro beijo inexperienced; deixei meus irmãos adolescentes, que ainda não haviam completado seu crescimento, dirigirem minha motocicleta.

Estava ainda numa idade em que ainda não me tornara totalmente eu mesma. Quem sabe não havíamos estado as duas juntas lá, Siri e eu.

Tudo foi feito com inocência.

Ela disse que agora se encostaria nele. Ela se debruçou sobre ele. Ela disse que ele deixasse as mãos soltas dos lados. Ela passou as mãos por todos os contornos de seu corpo. Ela o agarrou com firmeza.

Mas a pergunta era se o rapaz transformara meu corpo ou se ocorrera primeiro uma transformação em meu corpo e só depois eu reagira como se fosse um rapaz.

Mas a seguir já não havia mais perguntas. Agora a única coisa em que eu conseguia pensar era em sua pele lisa, macia e excitante.

Eu disse que era ele que a abraçava. Ele afastava seus cabelos do rosto e a puxava para si. Eu falava, mas era ele que se surpreendia com a disponibilidade dela. Era isso que mais o excitava. Os sons que suas mãos provocavam ao deslizarem por seu corpo o excitavam.

Eu disse que era ele que corria os dedos pelas coxas dela. Ele apertou com força seus quadris. Ele quase se enfureceu pela rapidez com que ela se abriu para ele. De repente, ele a via como uma entre muitas.

Ela empurrou sua cabeça para trás.

— Não quero que ele faça isso.

Eu disse então que ele prontamente se esqueceu de novo. Ele apertava seus quadris. Ele a tocava, ele a tocava no ventre, ele a tocava no sexo. Ele não podia esperar mais.

Ele abriu os olhos e a enxergou de novo, embora indistintamente e estava contente por estarem no escuro.

— Mais.

Eu disse que ele a tocou ainda uma vez a fim de a conhecer melhor. Para que, da próxima vez, ele a recordasse e que da próxima

vez não acontecesse novamente que ele não tivesse a menor ideia do que fora. Para que ela não pensasse: *“Para que me serve este, pois eu não lhe mostrei tudo claramente!”*

O orgasmo de nós duas foi abrupto; o meu chegou um pouco depois do dela e foi mais demorado.

E tudo eu fizera com inocência. Como se fosse possível prolongar a primeira inocência, depois que já se tivesse visto o suficiente.

Na viagem de volta ainda era noite. Eu queria entrar no acampamento. Eu queria entrar lá mais uma vez. Eu tinha calculado depressa o que todos nesse dia também rapidamente haviam planejado fazer independentemente uns dos outros e desse modo estava preparada para enfrentar as diferentes eventualidades.

Eu queria reunir as minhas coisas enquanto todos ainda dormiam. Eu queria passar o resto do verão naquela casa, junto com ela.

Nós deslizamos juntas pelo lago, porque ela decidira ir junto comigo e não admitira ser contrariada. Ela disse que era uma obrigação, um dever que tinha de cumprir. O rapaz não podia ser deixado sozinho antes que a noite terminasse.

Enquanto remávamos, eu percebi a distância em que me encontrava de minha situação anterior.

Eu me distanciara do aborrecimento agressivo de Halberstadt, dos pensamentos sobre o ordenado mensal perdido, de um emprego de verão de que desistira e das conversas fiadas das agências de empregos; eu me separara de tudo isso, deixara de lado as preocupações, me libertara e pensava principalmente em como isto me diferenciava dos outros. Eles não queriam se recordar de coisa alguma, nem de como viveriam, nem de como conseguiriam novos empregos, nem do que economizariam para o futuro, para sua aposentadoria, que não ficava muito longe de uma decadência da qual não se poderiam livrar, de uma próxima demissão, embora não esquecessem qualquer motivo para se vingarem uns dos outros sem

o menor pudor. Loucos inseridos em um modelo de loucura a que, no final das contas, todos pertenciam.

Mas eu me afastara dele. Sumira. Me desligara.

Não obstante, o rapaz permanecia.

Era ele que conversava com ela.

Era ele que lhe comunicava como seria depois desta noite, depois que ele confirmara ser verdade o que ela dissera: “*Sempre é a primeira vez*”.

— Ele não pensará que tudo não passou de um sonho. Em absoluto. Então ele não terá nenhuma dificuldade em compreender. Porque estará totalmente acordado.

Tudo estava silencioso, salvo pelo ruído provocado pelos remos ao penetrarem nas águas do lago ou pelos gritos dos animais ao redor das margens.

— Foi assim que ele acordou e subiu a escada até o sótão e ficou parado atrás da janela – disse-me ela. Ao lado do armário, em frente ao colchão. Talvez as horas parassem de passar. Ele nem percebeu que escurecera. Ele podia realmente ver tudo. Ele viu o colchão...

— ... e como ela estava deitada nele – prossegui. O lago estava liso e à distância uma faixa esverdeada anunciava a manhã. — Ele não conseguia suportar vê-la naquela sala, sob o madeiramento torto, ao lado daquela mesa que dava pela altura dos quadris.

— Mas ele a avistou, ele realmente a viu?

— Ele viu que ela estava deitada ali. Como tinha a cabeça inclinada para trás, os cabelos longos soltos sobre os ombros.

O ar sobre o lago era úmido e abafado, tinha cheiro de madeira queimada e de uma fogueira abandonada quase se apagando, com um toque esmaecido do óleo do motor de uma lancha.

— E ele sabia também – disse ela, enquanto impulsionava o barco com o remo – enquanto ele a contemplava, que sensação tocar nela provocava, lá, onde ele a tocara.

— ...e como ela deixara à mostra sua garganta – disse eu, sem saber porque, sem nem saber por que estávamos conversando. Ela

estava sentada atrás de mim, apenas à distância igual que a largura do barco, estávamos as duas sozinhas sobre o lago, duas formas noturnas, cujas sombras aparentemente se misturavam sobre as águas, enquanto duas outras, de maneira desigual, embora afastadas, de algum modo se tocavam. — Como ela lhe passou as mãos pelas calças – falei – e abriu o fecho relâmpago de suas calças, para que ele ficasse ainda mais perto dela, mas então ele pensou, quando ela desapareceu no colchão, que ela não estava mais ali e que ele tinha de se deitar de maneira mais gentil sobre ela, porque de repente sentiu medo, ou, então, foi ela quem falou que tinha medo, ou, era mesmo seu próprio medo de que ela finalmente se tornasse invisível, e que ele próprio novamente voltasse a ser invisível...

— Eu sei – disse ela. — Eu sei.

Ralf tinha esperado por nós.

De longe se podia perceber-lhe o vulto. Ele provavelmente tinha passado a noite inteira junto à margem do lago. Ele estava parado ali, bem empertigado, um bloco negro e compacto à esquerda do embarcadouro.

Ele vadeou água adentro enquanto nos aproximávamos. Ele puxou a canoa. Ele a puxou com força pela proa. Em câmera lenta vi como o barco ficou de lado e podia contemplar como a água chegava mais perto, como eu imaginara cair dentro da água junto com ele na noite anterior.

A luz surgiu depressa sobre o horizonte, parecia uma cortina diante da parede.

— E como é que fica a ordem do acampamento?

Durante alguns segundos eu mergulhei na água, a canoa estava de lado.

— Quer dizer que agora todo mundo pode sair para se divertir de noite, é o que vocês querem me dizer? Todos!

Ele jogou uma garrafa vazia dentro da água. Nós duas ficamos paradas dentro do lago, a água nos chegava aos quadris. Siri segurou minha mão por baixo da superfície.

— Tu acreditas ser muito especial, não é? Um modelo de passarela, hein? E essa aí, quem é? A tua namorada?

— Schmoll, diga logo a ele, ele tem direito de saber.

— Schmoll! Schmoll! Mas que apelido mais lindo, me diga de onde saiu! Ande, me diga o que pretende dizer!

Eu gritei:

— Vai à merda!

Ralf se projetou para fora da água como um torpedo.

— Ora, tu!... — berrou. As mãos de Siri abraçaram meus quadris. O rapaz contraiu seus músculos e eu não senti o menor medo.

— Tu nos fizeste a todos de idiotas. E o tempo todo estavas com a tua, com a tua... Mas eu tinha entendido, eu aprendi de cor minha tabuada, ah, fique sabendo que sim, de cor e salteado, ninguém me passa a perna, nem tu tampouco, tu pensas que vais conseguir te desculpar, tu pensas, mas eu vou te mostrar o teu lugar, vou te botar direto a limpar a cozinha. Na merda da *society* dos cotovelos!...

Ele avançou balançando em nossa direção.

— Mas então, o que é que tu tinhas de tão importante para me contar? Te explica, então!... Que eu cumpri o meu horário de trabalho? Que eu só fiz pela metade? Merda nenhuma. Não faz muito que ninguém por aqui faz mais do que eu, porque eu quero, tá entendido? Ninguém se mete comigo. Portanto anda, fora contigo, vai logo para a tua água de barreira...

Eram seis horas da manhã, talvez o acampamento dos turistas estivesse acordado. Ralf tinha berrado tanto que provavelmente pudera ser escutado por quase todo o lago.

— Mexe com as duas tetas — disse ele — mexe com essas tetas, mas não vais ter folga, não vais ter folga hoje, nenhum descanso, nem tempo para chupar tetas. E você, a pequena, também tem

tetas? — gritou ele, quase mugindo. — Me mostra que tens tetas, agora, entendeu? Anda, mostra! Não, te manda daqui agora! Não, não mesmo! — berrou para ela. — Nenhuma de vocês vai ter descanso. Nem um pouco. Ei, chega até aqui! Traz ela junto, a tua pequena, estou te dizendo, *Schmoll*, eu te chamei, desgraçado, eu vou te mostrar como é que um homem faz, eu vou te mostrar como é que a gente monta, sua putinha...

A água estava pesada e me puxava para o fundo, eu não entendi como fui capaz de me jogar sobre ele tão depressa, eu lhe bati no rosto, lhe bati no estômago, agora estávamos os dois sobre a margem, eu só escutava os dois que se batiam, que se davam golpes em silêncio, sem dizer uma palavra, o rapaz avançava e saltava e se esquivava dos braços que se moviam obliquamente contra ele, enfiava-se por baixo dos braços e avançava de novo, cegamente, seu lábio inferior começou a sangrar. Ele suave. Era sua oportunidade. Ele se desviou outra vez e aproveitou para atacar de novo, ele queria simplesmente acertá-lo com as costas da mão, antes que o outro se recuperasse e o atingisse por sua vez. Ele quase tinha parado, porque ela o havia machucado e estava novamente a feri-lo. Eu o escutei e não percebia nada, apesar das dores nos ossos das mãos e na parte inferior do corpo, onde ele me golpearia, embora o movimento dos pinheiros anunciasse que uma tempestade ainda distante se aproximava.

Mas Ralf caiu de joelhos na areia, embora conservasse as mãos erguidas. Ele tinha bebido muito mais do que eu. Ele balançava.

Ele se inclinou em minha direção. Ele abraçou meus quadris. Ele apertou o rosto contra minhas calças.

Ele se grudou em mim.

A tempestade realmente era visível no horizonte.

— Que bundinha mais linda — murmurou ele. — Que bundinha mais linda, mas é tão azeda, tão...

Eu o empurrei para trás. Seus dentes bateram contra os nós de meus dedos. Então as suas mãos se afrouxaram, elas escorregaram

para baixo. Seu pescoço reluziu na primeira luz da alba, salientando juntos os cabelinhos que se eriçavam. Eu o afastei de meu corpo com violência.

Ele caiu para trás, dando um baque abafado contra o chão arenoso.

— Isso não serviu para nada, Schmoll – disse ela.

— Serviu como uma lição – respondi, embora me dirigisse mais a ele. Ralf estava caído de costas. — Se é que serviu.

— Assim que ele tiver cozinhado a bebedeira – disse ela – vai acordar de novo e lembrar.

O rosto dele estava cinzento sob a sombra violenta das árvores. Ela olhou em volta. À distância, escutavam-se os primeiros trovões seguidos de coriscos. Enfiei um pé sob seu quadril e o inclinei um pouco para o lado, mas ele voltou em seguida à posição anterior.

— Ele recebeu o suficiente. Tão cedo ele nem se coça...

Dobrei-me de repente, a mão embolada formando um punho, o punho de um rapaz apertado contra o estômago. Nisso ele não tinha pensado, *com toda a sua ostentação de musculatura*, como o rapaz diria na primeira oportunidade, achava que me derrubaria *com dois socos, que me levaria simplesmente a nocaute*, mas eu me recordara dos passos no pedregulho fora de minha tenda, de uma lanterna ao lado de meu saco de dormir, de uma camiseta se esfregando contra minha boca, da visão obscura no lusco-fusco, de como eu tivera seu corpo em cima de mim da outra vez, eu lembrara, ou então o rapaz havia lembrado. E eu havia pensado: uma vez foi o bastante. O rapaz. Fora o rapaz que Ralf desejara, não eu.

Naquela noite na tenda indiana.

Ele não queria trepar comigo. Ele queria comer o rapaz.

Vi novamente Siri e de novo estava perfeitamente acordada e consciente, e o rapaz se achava de algum modo metade fora de mim.

— Ele suou – disse ela.

— Sim.

Ralf não tinha invadido minha tenda por minha causa. Se ele tivesse conseguido me dominar, teria me comido por trás. Para um sujeito como ele, isso não seria problema nenhum. *Na hora de enfiar o ferro*, ele dissera certa vez, *eu não hesito por muito tempo*. Para ele, isso significava masculinidade, uma propriedade realmente hereditária.

Era o rapaz que o havia excitado. A primeira vez em que o avistara fora durante uma daquelas conversas junto à fogueira do acampamento, quando observara os ombros delgados e o rosto estreito à luz das chamas que tremeluziam fracamente, os movimentos que ainda não tinham sido claramente estratificados, era isso que havia remexido com ele. Ele contemplara o rapaz em mim todas as noites. Ele ficara à espreita. Ele esperara pelo que lhe parecera ser o momento certo. E naquela madrugada, quando o pensamento do rapaz não lhe saía da cabeça, ele se erguera. Primeiro ele fora até os lavatórios. Ele fizera a barba antes de caminhar até a tenda.

Ralf sentira-se, então, pronto para me pegar, ele era mais forte e mais pesado do que eu. Mas ele tinha procurado mostrar-se gentil e foi esse o seu azar. Ele tinha tentado se comportar com prudência, como se fosse um encontro marcado, mas simplesmente não soubera como.

Desta vez tinha sido como da outra, ele estava bêbado, esquecera a briga e começara a remexer em minhas calças. Era o rapaz que ele via, cujas calças queria tirar, excitado inconscientemente, sem saber o que fazia, mas até certo ponto transmitindo a mensagem, *eu sou apenas um animal*.

Estávamos paradas nas proximidades da estrada que levava a Lennartsfors.

A camiseta de Ralf estava rasgada. Ninguém mais ainda acordara.

Daquela vez eu afastara seu corpo do meu sem dificuldades, eu esperneara e sacudira os braços e o derrubara com um golpe da lanterna que não representara qualquer perigo para ele. Mas, por

algum motivo, eu me dobrei, estiquei a mão e, quando o toquei, não consegui encontrar sua pulsação. Procurei a pulsação em seu pulso. Procurei a pulsação em sua garganta. Passei as mãos por sua pele úmida e quente.

Cautelosamente, coloquei a mão sobre seu peito e não consegui sentir as batidas de seu coração. Sob sua cabeça começara a se formar uma poça escura. Decerto ele batera com a cabeça em alguma pedra, na quina de alguma rocha que atravessasse a areia da praia. Eu não sabia como fazer respiração boca a boca e, mesmo que soubesse, não tinha a menor vontade.

Siri me observava.

— Daqui a pouco vai chover e se ele estiver ainda deitado aqui, a lama que se formar na areia vai fazer com que ele deslize e acabe dentro do lago.

Ela o contemplou de cima para baixo, seus braços caídos ao longo do corpo, como se fossem duas estacas de madeira pregadas em seus ombros. Ela deveria estar com frio, seu vestido estava empapado do mergulho no lago, enquanto eu pensava em como ir recolher meus tarefas e suava.

— Ninguém anda com sua própria biografia – falei, desconexamente.

Ela não falou nada, seu olhar continuava fixo no homem estendido no chão, olhava para Ralf, mas tanto fazia como ele se chamasse, para nós não fazia diferença.

— Biografias são como tocos de pessoas.

Ela deixou sua cabeça cair sobre meu ombro, pesadamente e sem aviso.

— Você tampouco me contou a sua.

— Não há nada para contar.

— E nem deve mesmo – afirmei. — Para enamorar-se de você ninguém precisa de ter qualquer direito sobre você.

As copas das árvores pareciam muito distantes acima de nós, muito densas contra as nuvens que se acumulavam no horizonte.

— Eles têm direito, Schmoll – cochichou ela. — Eles sempre têm direito.

Ela passou as unhas ao longo de meu braço, ela olhava para um lugar distante e indefinido, sua mão estava gelada.

— Vamos embora daqui. Você está com frio.

— Mas o que vamos fazer com ele? Não podemos levá-lo conosco – disse ela. — Mas se ele ficar aqui, logo vai esfriar.

— Quanto a isso não há dúvida – disse eu. — Então vou lhe emprestar um blusão e lhe oferecer um chazinho quente e os outros não vão meter o bedelho em nada.

O tempo foi passando. À distância, o lago se encapelava.

— Schmoll – disse ela, então. — Eu creio que... olhe de novo. Ele não está respirando.

— Ou quem sabe, dois. Você pode ficar com dois de meus blusões de lã.

— Muito lindo – disse ela. Segurei-lhe a mão, agarrei bem apertado, eu queria tirá-la logo dali, mas ela não saía do lugar em que estava, continuava olhando para o homem caído no chão. — Essa é a prova, você sabe. Eu realmente acredito que ele está morto. E essa é a prova.

Ela não devia mais olhar para aquele homem. Ela não devia ficar contemplando o morto e falar de uma forma tão indiferente, ela não devia mais falar sobre isso. Se ela tivesse dito somente mais uma palavra, eu teria colocado a mão sobre sua boca, bem apertado, depois ela se encostaria em mim e eu a conduziria até o acampamento, sempre com a mão cobrindo-lhe a boca e quando todos os demais aparecessem, teria sido como havíamos planejado, eu já teria empacotado secretamente todas as minhas coisas, ido embora e deixado para trás a tenda meio desmoronada, chutaria a bola de futebol com violência em direção ao lixo e teria ido embora para sempre, a estradinha de acesso ficaria para trás, sobre a praia e, primeiramente de barco e depois lá fora, onde a ponta de areia se

enfiava Foxen adentro, finalmente eu libertaria sua boca e a beijaria. Senti meus dedos e percebi que estavam inchados e endurecidos.

E eu sabia disso. Ralf tinha reagido contra o rapaz e o rapaz reagira contra Ralf e nenhum dos dois havia recuado.

— Você pode dizer que fui eu – falou Siri. Ela ergueu a cabeça de meu ombro e repuxou seu vestido, que estava encharcado e grudado em suas coxas. — Schmoll? – chamou, enquanto me olhava fixamente e tocava em meu braço.

— Escute bem! Não foi culpa sua. Mas pare com esse *Schmoll*.

— Nós podemos dizer que ele escorregou e caiu.

— Escute bem, droga! Encerre essa conversa. Fale de um jeito normal. Torne a coisa mais simples. Chega, não complique.

— Ele escorregou, você não viu? Pronto. Vai ser fácil ver as marcas na areia. Embaixo de sua cabeça existe uma ponta de rocha.

— Aqui não existe ponta de rocha alguma.

— Nós vamos dizer que ele estava bêbado, que escorregou e caiu para trás.

— Não. Fui eu que o despachei, falando friamente. Fui eu que o matei. É isso que nós vamos dizer, que eu o matei – insisti. — Que fui eu. Está bem claro?

— Schmoll, querido!

— Deliberadamente. A sangue frio. Foi como eu fiz.

— Mas você só estava se defendendo.

— Foi um golpe mortal. Perante a lei, foi assassinato.

— Eu vou dizer que ele nos atacou!

— Se eu tiver sorte... – afirmei.

— Mas foi legítima defesa. É o que eu vou dizer a eles.

— É o que você vai dizer a eles. Precisamente. Em primeiro lugar, vão lhe perguntar: “O que você estava fazendo aqui?” Aqui é propriedade privada. Você já sabia disso.

— Schmoll – ela me tocou de leve. — Schmoll, por favor, me escute. Eles ainda não a encontraram. Você não tem o menor motivo para ter medo. Por que motivo eles a deverão procurar?

Eu, pelo menos, não vou dizer a ninguém onde você vai estar.

— Você ainda não entendeu?

— Entendi – disse ela, muito séria. — Esta é a prova de sua existência.

— Esta é o quê?

— A prova de que você esteve aqui. A prova que você lhes deu. Mas somos só nós duas que sabemos! Portanto, você não tem nenhuma razão para ter medo. Por que motivo eles deverão descobrir que foi você?

— Isso não pode ser verdade.

Eu me inclinei e toquei na testa de Ralf. Coloquei a mão diante de sua boca entreaberta. Deixei a mão ali durante um bom tempo e fiquei imaginando como poderia ser. Eu pensei sentir uma leve respiração, pensei notar um pequeno movimento, tudo porque “*Eu sou tua filha e não te troco por dois automóveis nem por duas bananas.*” Eu o examinei cuidadosamente. Mas então percebi que o vento soprava através da relva, pelas samambaias, por entre os pés de framboesas cujas bagas já haviam sido colhidas e também sobre minha mão. O vento que girava lá em cima e que redemoinhava entre os ramos das árvores.

— Você não percebe que está falando como uma débil mental?

— Em que sentido?

— Está perguntando isso seriamente? Você quer realmente me indagar isso? Ainda quer?

— Não – disse ela. — Não.

— Você gostou de me beijar, ou não? Foi bom para você?

— Muito.

— O que foi que lhe agradou mais? Que você beijou uma assassina?

— Schmoll. Acalme-se por um momento. Por favor. Vamos nos sentar por alguns segundos aqui na margem, só por alguns segundos. Então escute o que eu quero lhe dizer, o que eu quero que nós façamos. Ninguém acordou ainda.

— Isso não faz a menor diferença – retorqui. — Isso simplesmente não significa nada. Você está falando como uma criança de cinco anos de idade. Por que está agindo assim é coisa que eu não entendi. Você esteve me sugerindo o tempo todo uma série de imbecilidades e eu não posso concordar com isso. Simplesmente, não posso aceitar nada disso. Não quero ouvir sequer outra palavra nesse sentido!

— Por favor. Você deve ir comigo. Volte comigo para minha casa. A coisa não está tão má como você pensa.

Mas eu não podia. Eu não queria escutar mais nada, eu dizia a mim mesma: *Não aconteceu nada, realmente, não aconteceu nada, nada disto é verdade*, era um mecanismo que se apresentava por si mesmo, a sua insistência tímida não o fortalecia, eu via sua pele delgada, agora azulada pela água e pelo frio, eu via seus olhos, que primeiro me contemplavam cheios de espanto e agora pareciam inermes, com esta dor dirigida para dentro, e onde estava o rapaz agora, onde se encontrava agora o maldito rapaz, eu não sentia mais nada, eu sentia apenas como ela se contraía, como ela se encolhia e começava a se distanciar de mim, embora não parasse de estender as mãos e me tocar, mas eu não escutava mais nada do que ela me dizia, eu simplesmente não podia. Eu falava. Mas agora eu falava contra ela e contra mim e contra o rapaz.

Contra a noite, e contra as noites anteriores e contra todas as noites em que eu permanecera acordada, e contra o corpo sobre o qual ela durante cerca de duas horas dormira, eu falei contra a cessação do pânico. Eu sabia perfeitamente o que estava fazendo. Eu sabia que, como consequência, o pânico se tornaria ainda maior e que acabaria por me separar de Siri. Eu falava sem tomar fôlego, que não queria nunca mais ver esse corpo caído no lodo, queria que ele desaparecesse, sem saber como isso seria possível e, se fosse possível, o que eu mais queria era desfazer tudo o que acontecera.

Ralf. Como ele estava deitado ali. Como ele estava deitado entre nós duas, sua cabeça dobrada de uma forma antinatural.

Depois de algum tempo, ela falou:

— Vá buscar o pulôver para mim, Schmoll, agora. Vá buscar de uma vez. De um jeito ou de outro.

Ela falou com o rosto voltado para a distância, e ela parecia que já estava lá, como se ela se estivesse preparando lentamente para se separar de mim, eu via isso em seu olhar, em sua postura e em seu corpo.

— No momento certo – respondi. — Eu vou buscar. Mas não vamos ficar mais tempo aqui. Temos de terminar com isso, você entende? Temos de terminar com tudo isso.

Ela sorriu.

— Você quer agir como se fosse possível desmanchar os próprios passos? Desmanchar a marca de seus pés?

Ela sorriu para outra parte, para algum lugar que ficava do outro lado do lago, onde nada mais se movia. O próprio vento tinha se acalmado.

Não vai dar certo assim, meus amores, ao contrário, temos de causar uma boa impressão. Foi isso o que Svenja nessa noite e fora do alcance de meus ouvidos dissera aos outros. *Foi Ralf que roubou a grana. Alguma pergunta? Vocês precisam dizer que foi isso que nós finalmente descobrimos.*

Fora isso também que ela dissera a Uwe na manhã seguinte, quando ele acordara e estava atravessando o gramado para ir tomar uma ducha.

— Pois não foi assim – disse Svenja – uma pessoa que merecia nossa confiança? Não era o que logicamente corria entre nós? E quem mais podia ter sido, senão ele?

Rumores semelhantes tinham corrido desde a noite anterior, e o próprio Uwe concordara com eles e queria fazer uma busca minuciosa, *nem que esteja escondido dentro das cuecas dele*, mas em consequência de sua morte, a situação se tornara um pouco melindrosa.

Eu permaneci afastada. Tinha retomado meu posto na manutenção do barracão dos equipamentos. Eu estava meio sentada, meio acocorada sobre um banquinho encostado na parede. Por dentro, o barracão tinha cheiro de borracha e de panos úmidos, através das fendas entre os troncos eu podia ver os outros andando pelo acampamento. Se alguém se aproximasse, a luz que passava pelas fendas seria coberta.

Eu não sabia o que deveria fazer.

Refletindo com cuidado, fora Ralf que nos atacara, nós só havíamos nos defendido e, então, ocorrera uma tragédia, fora puro azar, não mais do que isso. “Nós”, eu pensei.

Mas, a seguir, eu não estava mais tão segura daquilo, porque talvez as coisas tivessem se passado de maneira diferente.

Talvez, inconscientemente, eu tivesse querido me vingar e tivesse aproveitado a oportunidade, fora o acaso que o derrubara, mas eu me servira dele.

O cadáver seria levado para a Alemanha. Ralf estava completamente bêbado, tropeçara na margem e se afogara no lago. Esse era o relato que corria. Foi essa a notícia que transmitiram à sua filha, e ela a recebera no albergue da juventude em que estava morando. O endereço do albergue fora fácil de achar, estava em todos os cartões postais que foram encontrados em um pacotinho dentro da mochila de Ralf.

Novas pesquisas não haviam revelado nada. O dinheiro permanecia desaparecido. Uwe não pagara o salário de julho a ninguém, exceto a Svenja.

Os dois homens tinham retornado. Tomaram o caminho direto. Desta vez encontraram a casa sem qualquer problema. A caixa de areia brilhava, mas fora dela, não se via mais nada.

Eles saíram do automóvel, eles tropeçaram diante da luz dos faróis. As sombras de seus corpos se projetavam e escondiam o telhado da casa.

Ela acendera a lanterna. Ela se movimentava como se imaginasse que eles a espreitavam de cada canto. A porta estava encostada. Era um milagre, disse ela, um milagre que tão pouco tivesse se estragado, que tudo ainda funcionasse tão bem dentro daquelas circunstâncias, certamente isso tinha tudo a ver com aquela história que elas tinham de algum modo retomado entre as duas, disse ela, que ela havia tocado com a mão estendida, porque a casa era como um quarto de guardados, uma vida suspensa, a qual ela mesma não se disporia a testemunhar. Ela olhou tudo à luz da lanterna, o blusão de lã tricotada, as bolachinhas empedradas, os discos ainda dentro de suas capas, uma colher cimentada ao açucareiro.

Então, ela observara uma sombra, ela o vira do lado de fora, escondido no meio dos arbustos, ela percebeu logo quem era, ele se escondia da luz dos faróis do Jaguar. Mas os faróis o buscavam, eles o caçavam, eles o pregaram com sua luz contra a parede do galpão, um menino, com talvez três ou quatro anos, de calças curtas e cabelos louros e que sabia onde sua mãe se encontrava.

Talvez este fosse seu momento. Talvez, disse ela, alguém devesse terminar com aquela história. Talvez ela não tivesse absolutamente nada a ver com isso, nada exceto o impulso provocado por uma centelha de decência. Ela puxou o menino para si, ela o arrastou para fora da luz e começou a correr com ele. Ela o pegou pela mão e eles correram juntos, protegidos pela escuridão, ela já apagara a lanterna. Suas formas em movimento eram visíveis sob a luz da lua, passando urgentemente sob as janelas, ela empurrou para dentro a porta aberta, correram sobre o prado, correram em pânico até a floresta, os faróis do Jaguar os acompanhavam.

O automóvel disparou atrás deles, com o motor em alta rotação, mas o solo da floresta é irregular, cheio de raízes que brotam para fora da terra e mole demais para suportar o peso de um Jaguar. O auto atolou. Junto da caixa de areia, ficou parado ao lado de um balanço.

O motor gemeu em tom agudo dentro da escuridão que desabava sobre ele, dentro da qual ele não é mais perceptível.

*** **

Somente a sua voz posso escutar agora, que pergunta por mim, que indaga, que exclama.

Chovia.

A casa estava vazia. Tudo parecia como anteriormente, todos os móveis e objetos abandonados e largados uns contra os outros, a porta ainda está encostada. Junto à caixa de areia estão os restos do Jaguar. Do Jaguar ou do Buick, não passa de um destroço e isso já não faz mais nenhuma diferença.

Eu me sento junto à janela e escuto a voz, mas não há nada ali. Há dias. Há semanas que ninguém vem aqui.

Eu me sento junto à janela e espero e olho para fora e várias vezes chega a me parecer que ela também se sentara aqui e esperara e olhara através da janela e que agora eu simplesmente a estava substituindo.

Eu não quero me convencer de que apenas sonhei. Se assim fosse, não haveria nenhuma dificuldade para compreender tudo. Então, eu simplesmente teria me acordado. Na janela contemplo o reflexo de meu próprio rosto, durante horas esquecidas. Eu fico sentada ali. Aos poucos, vai escurecendo. Mas eu consigo ainda ver perfeitamente dentro desta peça, embaixo do madeiramento torto, ao lado da mesa que me dá pela altura dos quadris.

A vela produz chamas oscilantes e eu digo:

— Ela me presenteou com seu corpo.

Ela havia desistido de seu corpo em palavras, todavia eu o trago dentro de mim.

Ela nunca me dissera quão difícil seria aquilo tudo. Ela não me prevenira nem sequer de longe, não me avisara de nada.

Ela o tirara de mim e dissera: “é assim que vai ser”. Ela o tinha mostrado para mim e dito: “por favor”. E depois: “ande com mais prudência doravante”.

Ela nunca me dissera como eu tinha sido perigosa para ela.

Ela tinha tirado o vestido, um vestido branco. Ela tinha deixado o vestido aberto diante dele e falado: “Por favor”. Mas não me agarrrara. “Escute bem.”

Chegou a noite.

Ela colocara a cabeça sobre meu colo. Ela me havia mostrado como um fecho relâmpago pode ser aberto e como tudo poderia ser muito sério. Ela me fizera deixar as mãos onde estavam. Ela tinha dito: “É assim que você quer”.

Como ele retirara o vestido dela no escuro. Como ela se apertara contra ele.

Ela lhe ofertara seu corpo e dissera: “É assim que vai ser”. Ela o extraíra para fora de mim.

Havia tão poucas maneiras diferentes, ela explicara. Havia tantas coisas para modificar. E de cada vez, ele pensou, havia uma resistência, de tal modo que ele não devia tomar nada dela. Ele era nada e ninguém.

Chovia lá fora. Agora é a noite de terça-feira ou, quem sabe, já é a de quarta-feira. À distância, uma luz se move.

Talvez ela esteja me procurando.

Ela o retirara de meu ventre e dissera: “É assim que vai ser”. Ela o agarrara e o tomara para si.

Em sua cama. Sobre o tapete. No caminho. Não importava aonde.

E ele tinha palavras como *arruinar*, *pertencer*, *consumir*, ele tinha pensado *definitivamente* como sendo as palavras dela, as palavras que lhe pertenciam, ele bebera, sentira o toque de seus dedos no rosto. Abrira a penúltima das doze cervejas no fardinho, a cerveja sueca “Lättöl”, praticamente sem álcool, e bebera.

E quase sempre se escutava aquele som. É um som agudo, que se arrasta pelas palmas das mãos, que desliza ao longo da pele. Um som tão alto que não deixava ninguém dormir. Quando escurece, em geral, ele sai da casa. Coloca a cerveja vazia de volta no fardinho e foge para alguma parte.

As estrelas estão pálidas. Ao longe, guincham as cigarras.

Mas o som permanece. Ele permanece enquanto ele se esforça para pensar em ao menos algumas recordações.

Na manhã seguinte, bem cedo, eu me sentarei no ônibus ainda meio bêbada. O salário foi pago, eu agradeço e vou viajar de volta para casa.

Amanhã de manhã eu já terei ido embora e deixado aberta a porta da casa.

E o chofer do ônibus vai olhar pelo espelho retrovisor e tentar flertar comigo.

Eu estarei indo nesse ônibus de volta para Halberstadt. Em Halberstadt, eu encontrarei meus irmãos e eles vão me chamar de Anja, e depois irão contar a suas namoradas com *piercings* nos umbigos que sua irmã mais velha retornou meio gagá do acampamento de verão, *é claro que ela em seguida já estava viajando por lá, mas isso não fez grande diferença em sua maneira de ser!*

E talvez meus irmãos algumas vezes, quando estiverem de boa vontade comigo, me chamem de *Schmoll*, se eu lhes pedir e depois se fechem, porque, aconteça o que acontecer, nós sempre seremos irmãos. Eles poderão me chamar de *Schmoll* e achar que é um apelido bem idiota.

Mas esse nome produzirá um eco nos lugares em que ela tocou, nos lugares em que ela tocou nele. Esses lugares que agora estão ociosos.

Isso ela nunca disse a ele. Quantas vezes depois que terminou, quantas vezes a gente ainda pensa nisso.

Porque ele está aqui e tem de esperar por ela. Aqui, onde ela havia dito: “Schmoll, conserva-me sempre em tua lembrança. Eu tenho direito a isso!”

Se ao menos nada disso tivesse sido apenas inventado. Mas não é o que as pessoas dizem, os mortos são a última prova de nossas existências?

Eu já sabia disso quando morava em Halberstadt, uma oradora tinha dito isso no dia seguinte à Queda do Muro, durante uma manifestação popular em frente à Prefeitura, mas esta não é a história dele. Ele nunca teve nada a ver com Halberstadt ou com a Prefeitura dessa cidade.

Mas sempre que eu escuto alguém dizer isso, ela retorna.

No final das contas, o que realmente nos uniu foi um morto.

Aquele corpo sem vida caído nas proximidades do caminho que conduz a Lennartsfors. De manhã cedo. Silêncio completo no caminho. Os olhos embaciados. O braço torcido.

Uma prova, portanto, que ela e ele, que ambos me deram.

Ele abriu a janela e estendeu a palma da mão contra o vento frio, naquele lugar desnudo em que o exterior da pele se comunica com o lado interno.

Foi tudo tão lento. Ela não lhe dera a menor sombra de aviso.

Ele quis deixar tudo como estava. As bolachinhas endurecidas sobre a mesa, a tampa do açucareiro ainda aberta.

Ele sabia que aqueles dias em que ela estivera presente não seriam seguidos por nada. Por nada, exceto por uma longa espera. Um único som, sempre com o mesmo aspecto, que era feito de calor, dos reflexos dos raios do sol sobre a poeira nos rochedos, da poeira de cevada lançada aos ares pelas ceifadeiras, dos sulcos rasgados na terra quente e do desejo de subir e de se perder lá dentro, lá no meio das camadas mais frias do ar.

*** **

Agradeço ao Ministério da Ciência, Pesquisa e Cultura do Estado de Brandenburgo e à Universidade de Villa Aurora, em Los Angeles, pelo apoio financeiro concedido à redação final deste romance.

Também me sinto em dívida para com os valiosos conselhos e observações esclarecedoras de Silvia Bovenschen e de Zaia Alexander.

Meus agradecimentos também são dirigidos a Antje Wagner, por suas variações sobre os temas: Inspiração, Discussão e Alusão.